



# ANAVAN

um novo caminhar no pátio do  
maior são joão do mundo

MARIA CLARA PRIMO PASSOS



Capa: Xilogravura do artista pernambucano J. borges (editada pela autora)



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS  
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

MARIA CLARA PRIMO PASSOS

### **ANAVAN:**

Um novo caminhar no pátio do Maior São João do Mundo

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Campina Grande, como requisito à obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

**Orientadora:** Prof<sup>ª</sup> Dr. Kainara Lira dos Anjos.

CAMPINA GRANDE

2018



Centro de Tecnologia e Recursos Naturais



UAEC

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE  
CENTRO DE TECNOLOGIA E RECURSOS NATURAIS  
UNIDADE ACADÊMICA DE ENGENHARIA CIVIL  
CURSO DE ARQUITETURA E URBANISMO

CAUUFCC

Trabalho de Conclusão de Curso "Anavan: um novo caminhar no pátio do maior São João do Mundo", apresentado por **MARIA CLARA PRIMO PASSOS**, como parte dos requisitos para obtenção do título de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo outorgado pela Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Tecnologia e Recursos Naturais, Unidade Acadêmica de Engenharia Civil, Curso de Arquitetura e Urbanismo.

APROVADO EM: 19 de dezembro de 2018

BANCA EXAMINADORA:

Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> KAINARA ANJOS  
Orientador(a) - Presidente

Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> MAURO BARROS FILHO  
Examinador(a) Interno(a)

Prof.<sup>(a)</sup> Dr.<sup>(a)</sup> JORDÂNIA MARQUES  
Examinador(a) Externo(a)

*“vamos lá pra ver como é  
que se dança forró em latada  
é festa pra mais de mil  
quem for fraco não agüenta a jornada  
trinta dias de festejo  
da gosto a gente ver*

*campina grande é quem faz  
forró quente pra valer*

*quando chega o mês de junho  
o céu fica estrelado  
tem novena, tem balões  
tem festa pra todo lado  
a paraíba se destaca  
com grande evolução”*

*composição: aluízio cruz e expedito duarte*

*Dedico esse trabalho à **todos** aqueles que comigo se deixaram embalar nas noites de São João, a brindar a bonança da vida com muita alegria e sorrisos.*

## Agradecimentos

A vida é demasiadamente ampla, com seus desafios, tribulações, e às vezes até algumas lágrimas, mas para que ela não seja composta apenas de pontos negativos, necessitamos complementar a necessidade primeira do ser humano, que é o de viver em comunidade, de possuir uma rede de apoio para que diante aos fatores negativos o dia a dia ganhe mais cor, mais alegria, mais vibração, enfim, que a vida ganhe vida.

Então em meio ao tempo maluco em que vivemos, onde o “corre-corre” muitas vezes impede que olhemos mais atento aqueles que correm ao nosso lado, às vezes é preciso parar, respirar, e talvez até degustar de uma bebida, sorrir e agradecer por possuir uma rede a quem recorrer e socorrer.

Início então meus agradecimentos à **Deus** que em seu imenso amor me presenteia com sua presença paterna complementando ao doce perfume de mãe, vindo de **Nossa Senhora**, obrigada pelo dom da vida, por ser meu templo de refúgio pessoal, onde posso me derramar e me refrigerar no amor, esse amor, que muitas vezes se transfigura no abraço acolhedor dos próximos agradecimentos.

Por conseqüente, agradeço a minha família nas pessoas de minha mãe **Tereza Neuma**, meu irmão **Herivelto Júnior**, minha tia **Teresinha**, e **Valdeci** que compõe minha primeira rede, com seu amor às vezes até algumas muitas divergências, porém sempre extensão do amor de Deus em meu dia a dia. Em especial a essa rede incluo minhas doces avós in memoriam, à vocês **Maria** e **Inalda** o meu eterno amor e gratidão.

As próximas redes citadas, contemplarei os últimos 6 anos vividos, porém em nada diminui a minha gratidão à todos aqueles que compartilham da minha vida por essas tantas estradas já percorrida, a vocês minha gratidão, por todo amor, amizade, suporte, partilha e presença duradoura.

Então tentarei transcrever aos nós chaves dessas ultimas rede tecida, onde sei que um “ *muito obrigada por tudo!*” pode resumir, porém nunca será suficiente para expressar minha verdadeira gratidão.

A **João Henrique**, meu irmão de alma e coração, que está comigo nessa empreitada desde a realização da inscrição na UFCG aos dias de hoje ouvindo muito dos meus anseios e desejos.

A **Rebecah** e **Ísis** pelo amor, compreensão, companheirismo e fé em meio a esses anos;

# gratidão

Aos meus mafiosos, **Ana Carla** e **Ettore**, apoios fundamentais para que as madrugadas cansativas e fins de períodos intermináveis fossem suportados, com visões tão distintas que se uniram e promoveram tanto crescimento, e que hoje continuam sendo extensão, sendo amor e acolhida para uma vida.

A **Raianne**, **Cinthy**a e **Mariana** a união das altas vibes, com a determinação e o balé, que virou grupo pra vida, com as mais variadas canções e partilhas.

A **Hugo**, por sua sensibilidade e amor, por se tornar meu apoio e ouvidos nos momentos mais difíceis, como o último ano. Por estender minha rede com a presença de **Palloma** e **Stéphane** aos quais também sou grata.

A minha turma 2012.2 em especial a **Agharad**, **Fernanda Macedo**, **Marina Dias**, **Marco Junior**, **Joyce**, **Camilla**, **Karla**, **Carlos**, **Fernanda Carvalho**, **Giulianne**, e algumas vivencia de corredores que vieram para somar como **Breno**, **Juliana**, **Daiane**, **Sam**, **Louise**, **Raissa** a vocês minha gratidão pela convivência diária, aprendizados, apoio, coca colas, cervejas, encontros estudantis e abraços que deram impulso para o hoje chegar.

Aos professores do curso de Arquitetura e Urbanismo da UFCG em especial aos que me marcaram nessa trajetórias, como **Demóstenes Moraes** e **Lívia Miranda**, por ensinarem urbanismo resistente, que visa a qualidade de vida do outro, por se tornarem amigos e incentivadores de seus alunos; a **Lízia Agra**, por auxiliar na elaboração desse trabalho ao me apresentar ao planejamento interpretativo, e a **Kainara Anjos**, pelo seu acolhimento doce, guiando e contribuindo para sanar as dúvidas e evoluir as propostas, sendo verdadeiramente paciente, e vibrando a cada conquista, além de todos os ensinamentos humanos que transmite em suas ações diária. Como também a todos os funcionários da UFCG por qual através dos seus trabalhos é possível ter educação pública e de qualidade.

Para finalizar, agradeço a todos que de auxiliaram com a disposição de alguma informação, foto, história, em especial a minha **Vó Inalda**, antiga barraqueira do Parque do Povo, que junto ao meu **Pai** que me apresentaram que o mundo poderia ser visto de uma forma mais leve por meio da cultura. Cultura essa que promove a arte do encontro, do desencontro, mas principalmente da ação, das mãos dadas, da resistência, do amor.

Hoje espero contar um pouco da história das mãos que se uniram de forma despretensiosa e formaram essa tão linda festa que é o São João, com o desejo de que em algumas simples ações outras mãos se unam e possam resistir e continuar trazendo vida as ruas da cidade com essa manifestação tão rica.

## RESUMO

**ANAVAN:** um novo caminhar no pátio do maior São João do mundo

Este trabalho visa contribuir para uma maior valorização dos espaços que recebem as manifestações culturais relacionadas aos festejos, do Maior São João do Mundo ocorrido na cidade de Campina Grande, PB. Para isso é realizado um retorno ao passado para se entender as dinâmicas da festa e assim identificar os pontos de ocorrência que vão além dos espaços consagrados como o Parque do Povo. A partir dessa contextualização não apenas histórica, mas também social e urbanística, foi possível interpretar o ambiente, identificando suas autenticidades e potencialidades, resultando em análises desenvolvidas com base no planejamento interpretativo, metodologia desenvolvida por Goodney e Murta (2002). Compreendendo o lugar, é possível criar medidas de valorização do patrimônio. Junto a essa interpretação, o espaço é analisado conforme seus territórios ocupados e em como essa ocupação se configura diante da magnitude de um *megaevento* em termos temporais e estruturais. A partir daí, é possível estabelecer uma melhor leitura que resulta em uma série de recomendações que estará associada ao objetivo geral da proposta desse trabalho, que é a criação de circuitos culturais desenvolvidos diante dessa necessidade de salvaguardar o patrimônio cultural que é marca a cidade de Campina Grande.

**Palavras- Chave:** Planejamento Interpretativo; Circuitos Culturais; Maior São João do Mundo

## ABSTRACT

**ANAVAN:** A new walk in the courtyard of the Maior São João do Mundo

This work aims to contribute to a greater valuation of the spaces that receive the cultural manifestations related to the festivities of the Maior São João do Mundo occurred in the city of Campina Grande, PB. For this, a return to the past is made to understand the dynamics of the party and thus identify the points of occurrence that go beyond the spaces consecrated as the Parque do Povo. From this contextualization not only historical, but also social and urbanistic, it was possible to interpret the environment, identifying its authenticity and potential, resulting in analyzes developed based on interpretative planning, a methodology developed by Goodney and Murta (2002). Understanding the place, it is possible to create valuation measures of the patrimony. Along to this interpretation, space is analyzed according to its occupied territories and in how this occupation is configured in the magnitude of a mega-event in temporal and structural terms. From this, it is possible to establish a better reading that results in a series of recommendations that will be associated with the general objective of the proposal of this work, which is the creation of cultural circuits developed in the face of this need to safeguard the cultural heritage that is the brand of the city of Campina Grande.

**Key-words:** Interpretative planning; Cultural Circuits; Maior São João do Mundo.

## LISTA DE FIGURAS

Fig. 01- Xilogravura J. Borges	p.16
Fig. 02- Xilogravura J. Borges	p.22
Fig. 03- Xilogravura J. Borges	p.38
Fig. 04- Localização de Campina Grande	p.39
Fig. 05- Manchete do Site G1	p.42
Fig. 06- Santos Juninos	p.44
Fig. 07- Divulgação Clube Campestre	p.46
Fig. 08- Captura de Tela Site Maior São João do Mundo	p.63
Fig. 09 Divulgação Camarote Arretado	p.66
Fig. 10 e 11- Proposta Novo Espaço de Festa	p.71
Fig. 12- Beco da Pororoca	p.75
Fig. 13- Cassino Eldorado	p.76
Fig. 14- Xilogravura J. Borges	p.77
Fig. 15- Xilogravura J. Borges	p.94
Fig. 16- Caracterização Correlato	p.97
Fig. 17- Projeto de Requalificação do Centro de São Paulo	p.98
Fig. 18- Xilogravura J. Borges	p.100
Fig. 19- Fotomontagem	p.107
Fig. 20- Fotomontagem	p.109
Fig. 21- Fotomontagem	p.111
Fig. 22- Fotomontagem	p.113
Fig. 23- Fotomontagem	p.115
Fig. 24- Fotomontagem	p.118
Fig. 25 - Xilogravura J. Borges	p.121
Fig. 26- Xilogravura J. Borges	p.128

## LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 01- Rua da Floresta_____	p.47
Fotografia 02- Quadrilha Antiga Rua da Floresta década de 1970_____	p.52
Fotografia. 03- Quadrilha Antiga Rua da Floresta. Década 1980_____	p.58
Fotografia. 04- Palhoção Coqueiro de Zé Rodrigues_____	p.62
Fotografia 05- Palhoção Coqueiro de Zé Rodrigues_____	p.62
Fotografia 06- Ronaldo Cunha Lima_____	p.62
Fotografia. 07- Parque do Povo 1988_____	p.62
Fotografia. 08- Elba Ramalho_____	p.68
Fotografia. 09 São João Pra Quem?_____	p.70
Fotografia. 10 – Apresentação quadrilha junina no bairro da Bela Vista. 2018 _____	p.126

## LISTA DE MAPAS

Mapa 01- Locais de Festa. Década 1970 _____	p.50
Mapa 02- Locais de Festa. Década 1980_____	p.54
Mapa 03- Locais de Festa. Década 1990_____	p.56
Mapa 04- Locais de Festa. Grande Mídia_____	p.64/ 80
Mapa 05- Locais de Festa ampliada_____	p. 72/ 81/ 102
Mapa 06- Raios de Mobilidade_____	p. 83
Mapa 07- Eixo Viário_____	p. 85
Mapa 08- Espaços Livros + SAB _____	p. 87
Mapa 09- Análise de Megaevento_____	p. 89
Mapa 10- Análise de Megaevento + Espaços Livres + SAB _____	p. 91
Mapa 11- Análise de Megaevento + EL + SAB+ Eixo Viário _____	p. 93
Mapa 12- Estudo dos circuitos _____	p. 103
Mapa 12.1- Estudo dos circuitos_____	p.105
Mapa 13- Circuitos Juninos _____	p. 106
Mapa 14- Rota Religiosa _____	p. 108
Mapa 15- Rota Central _____	p. 111
Mapa 16- Rota Trem _____	p.112
Mapa 17- Rota Norte _____	p. 114
Mapa 18- Rota Oeste _____	p. 116

## LISTA DE QUADROS

Quadro 01- Síntese Metodológica _____	p. 37
Quadro 02- Atuação dos gestores _____	p. 60 e 61
Quadro 03- Associações _____	p. 90

# sumário

01.

INTRODUÇÃO <sup>16</sup>

03.

3.1 A cidade <sup>40</sup>  
3.2 A festa <sup>44</sup>  
3.3 Algumas Reflexões <sup>65</sup>

A CIDADE, A FESTA E  
ALGUMAS REFLEXÕES

02.

REFERENCIAL TEÓRICO  
METODOLÓGICO

2.1. Circuito Cultural <sup>23</sup>  
2.2 Patrimônio Cultural <sup>26</sup>  
2.3 Hospitalidade, Identidade e Legibilidade  
Urbana <sup>28</sup>  
2.4 Planejamento interpretativo <sup>31</sup>  
2.5 Análise de MegaEventos <sup>32</sup>

05.

CORRELATO

5.1 Plano Reconstruir o Centro 100

07.

CONSIDERAÇÕES  
FINAIS 129

04.

ANÁLISES

4.1 Localização e Pontos de  
Festa 82

4.2 Mobilidade 85

4.3 Eixo Viário 87

4.4 Espaços Livres + SAB 89

4.5 Análise de MegaEventos 91

4.6 Algumas associações e  
pontos 93

06.

CIRCUITOS E  
RECOMENDAÇÕES

6.1 Circuitos 106

6.2 Recomendações 125

08.

136  
REFERENCIAS  
BIBLIOGRÁFICAS



Figura 01: Xilogravura do artista pernambucano J. borges (editada pela autora)

01.

# ***Introdução***

CANTORA DE VIOLA

J. BORGES

## 01. INTRODUÇÃO

A cidade de Campina Grande, na Paraíba, é, há quase 40 anos, referência com relação aos festejos juninos na região Nordeste. As ruas mais antigas da cidade foram os primeiros palcos das festividades que vieram a dar origem ao já tão famoso “Maior São João do Mundo”. É na gestão do então prefeito Ronaldo Cunha Lima, que na década de 1980, os festejos começam a ganhar atenção especial da gestão pública. Diversas ações são tomadas para ordenar as vivências da festa na cidade. Nesse sentido, uma das maiores ações foi a criação em 1983, de um grande pátio livre com o intuito de abrigar os festejos, o Parque do Povo. Desde então o local vem sediando as principais manifestações culturais campinenses, como a música, a dança, a culinária, a literatura, entre outros. O imenso sucesso que a festa obteve aos longos desses anos é inegável. Hoje consagrada no calendário nacional, a festividade cresceu exponencialmente, tanto em atrações como em infraestrutura, o que proporciona um grande impulso para a economia, sendo em alguns casos a principal fonte de renda de alguns comerciantes, hoteleiros e lojistas.

Uma grande festa como essa suscita o lúdico do tradicional festejo, e para isso a cidade, mas principalmente o grande pátio do forró seorna caracteristicamente, utilizando elementos de caráter simbólico, tais como variadas estampas de chita, espigas de milho, de palha, bandoleiras e balões, bem como a construção de espaços cenográficos que representam as fachadas edificadas no centro histórico da cidade e simulam uma paisagem urbana histórica, numa tentativa de conferir identidade e legibilidade a esse espaço (LYNCH, 1997).

O evento se consolidou e passou a ser sediado no Parque do Povo, localizado no bairro Centro, possuindo 42 mil e 500 metros quadrados, configurando-se como um grande pátio de

concreto próximo ao Centro Histórico delimitado por legislação municipal em 1999, e estadual, por meio do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico do Estado da Paraíba – IPHAEP, em 2004. O Centro Histórico foi delimitado a partir do reconhecimento de importante acervo arquitetônico *Art Déco*, bem como de alguns remanescentes ecléticos.

A partir dessa centralização dos núcleos da festa no Parque do Povo, houve uma sobrecarga nas infraestruturas do espaço e dos serviços ofertados na festa, além da desarticulação do mesmo aos festejos ocorridos fora das grandes áreas midiáticas da agenda festiva do mês. Da mesma forma, passou-se a sentir a ausência do viver a cidade em sua escala macro. Percebe-se também a perda cultural que vem ocorrendo diante do efeito que a midiática vem transformando tudo em um grande espetáculo, fazendo com que a festa perca sua essência democrática e tornando-se em um mero produto comercial.

Visando contribuir para a vitalidade e para a preservação desse bem imaterial que a cidade possui juntamente ao anseio de colaborar para que a cidade se torne um espaço mais receptivo e democrático, sendo a própria cidade palco do encontrar e reencontrar tanto no âmbito individual como no coletivo, que o projeto tem como objetivo traçar um **sistema de circuitos**, dotados de identidade e conexões, com a finalidade de **acolher o usuário e articular os espaços** que são palco do festejo cultural ocorrido na cidade de Campina Grande-PB: O Maior São João do Mundo, com base no **planejamento interpretativo**.

A proposta pretende incentivar o usuário a diversificar sua forma de vivência dos festejos juninos, a partir da descentralização dos espaços da festa, distribuindo assim a estrutura. Acredita-se que a democratização do espaço da festa contribuí para que a cidade tenha mais olhos voltados para si, sendo capaz de promover ressignificação em áreas que com o tempo andam

perdendo seu valor afetivo e por meio dessa preservação física salvaguardar a cultura dos festejos juninos

Nessa relação do imaterial com o material, que o trabalho “pega emprestado” detalhes que estão dentro das manifestações existentes no macro que é a Festa, para se nomear de “ANAVAN” que é um característico passo de dança presente nas quadrilhas que quer dizer (*en avant*) – Avante, caminhar balançando os braços, trazendo no nome o desejo de que haja movimento, ou seja, o desejo de viver a cidade e a cultura que se movem e se entrelaçam.

A metodologia adotada tem como ponto de partida métodos que resultaram em um sistema propositivo que toma como validação as definições de trajetos, que irão compor os circuitos. Para isso inicialmente a pesquisa se utiliza de conceitos sobre patrimônio cultural e seu vínculo com o turismo e suas relações interdependentes de manutenção onde a autenticidade atrai o usuário e a atração do turista no intuito de novas vivências colabora para a preservação cultural do mesmo.

Como forma de localizar as potencialidades e espaços urbanos em que existam a manifestação cultural são utilizadas as metodologias de interpretação do patrimônio propostas por Goodney (2002) e Murta (2002) compreendendo a apreciação do lugar, valorizando o próprio patrimônio e incorporando atrações turísticas. Resulta, portanto, em uma investigação do uso do espaço da cidade pelos festejos ao longo dos últimos 50 anos, permitindo entender a dinâmica inicial e de como ocorreram essas transformações de uma festa disseminada pela cidade em uma festa concentrada em poucos espaços, espaços esses que não dialogam uns com os outros.

Em seguida foi submetida as análises de *Megaevento* propostas por Carvalho (2000) para que se possa fazer uma leitura físico-ambiental do espaço urbano que propõe a inserção do

olhar do arquiteto e urbanista no tratamento dos eventos de grande porte. Sendo assim, foram identificadas as manchas de ocupação, obtendo o uso e ocupação do solo, mediante as características do espaço: se é um espaço fechado, aberto, um largo da cidade ou se possui a característica de concentração ou de fluxo feita por cada manifestação.

Para tal, o trabalho se organiza em cinco capítulos voltados a explorar e entender as dinâmicas existentes nos festejos juninos, além de estudos voltados para a elaboração das propostas voltadas ao objetivo de traçar circuitos conectando os espaços de festa. O capítulo 02, “Referencial Teórico Metodológico”, dedica-se a explorar conceitos como patrimônio cultural e turismo e sua relação com o planejamento interpretativo, e com algumas características almejadas ao espaço urbano como a hospitalidade, a identidade e a legibilidade urbana junto aos processos de análise de *megaeventos* propostos por Carvalho (2000).

O capítulo 03, “A cidade, A Festa e Algumas Reflexões” caracteriza e contextualiza o São João de Campina Grande e aborda algumas reflexões em relação a situação atual da festa diante ao processo de mercantilização e seleção de atores de consumo da mesma.

O capítulo 04, “Análises” condensa a situação de ocupação e uso dos espaços de festa, junto à um levantamento de infraestrutura básica da cidade, como seu sistema viário, e uso do solo por espaços livre e equipamentos como as Sociedade Amigos de Bairro (SAB).

O capítulo 05, “Correlato” traz uma análise do Plano Reconstruir o Centro (2001) – Desdobramento do Plano: Projeto Bid- Monumenta – Promoção da Recuperação do Patrimônio Histórico, permitindo compreender ações que promovam a vitalidade do espaço urbano.

No capítulo 06, “Circuitos e Recomendações” são apresentadas as propostas de circuitos que objetivam ligar os espaços de festas junto à algumas recomendações para

implantação do mesmo.

Com isso esse trabalho, busca refletir acerca da importância de inserir ao planejamento macro da cidade, o planejamento de eventos efêmeros como os festejos do São João, que por 30 dias muda o viver da cidade, como também de resgatar e buscar preservar os elementos da cultura que envolve e traz identidade a nossa cidade. Dessa forma, esteja convidado a mergulhar na cultura nordestina, com dois pra lá e dois pra cá e constatar que o pátio do forró vai além das delimitações do nosso estimado Parque do Povo.



Figura 02: Xilogravura do artista pernambucano J. borges (editada pela autora)

02.

**Referencial  
Teórico- Metodológico**

## 02. REFERENCIAL TEORICO METODOLÓGICO

### 2.1 Circuitos culturais

**Circuitos<sup>1</sup> culturais**, são itinerários, roteiros esquematizados para melhor desenvolvimento do percorrer e chegar ao destino, tornando assim uma oferta estruturada do destino, contribuindo como um elemento facilitador para atração e fixação do usuário, além do enriquecimento cultural.

Esses circuitos se apresentam em constante crescimento na cultura atual, porém começa a ganhar importância a partir do século XIX.

Tem vindo a ser, contudo, cada vez mais frequente a descoberta de que, quando temos um qualquer fator temático, podemos ‘criar’ um caminho que nos permita valorizar a nossa história, imaginando uma ‘via’ através da qual, quer os habitantes de uma região, quer aqueles que a visitam, possam saber um pouco mais e desfrutar de um regresso ao passado nos locais por onde caminham. (PINHEIRO, 2007, p. 222)

Pistorello (2013), assim como Pinheiro (2007), trazem que roteiros culturais estão cada vez mais presentes no mundo contemporâneo, “[...] a proliferação de itinerários culturais, rotas,.

---

<sup>1</sup>Por convenção, o termo circuitos é utilizado aqui como termo genérico para representar as mais variadas expressões utilizadas em referência, muitas vezes, ao mesmo objeto de estudo. Os circuitos podem ser identificados por meio de outras nomenclaturas, entre elas, as rotas, roteiros, os caminhos, que, por vezes, possuem o mesmo significado

caminhos, etc., como forma de comercialização dos destinos turísticos é uma realidade que cresce exponencialmente.

Os circuitos culturais de acordo com Pinheiro (2007) possuem duas vertentes classificatórias: uma em que se apropria de uma via de deslocamento com conteúdo histórico e cultural pré-existente, dos quais são conhecidos mundialmente como Itinerários Culturais, título esse determinado por órgãos de preservação, já que são ações para salvaguardar; em uma outra, esses roteiros não possuem nas suas vias de deslocamento, este conteúdo cultural, mas, podem ser estabelecidos com essa mesma temática. Conforme a autora, são os tipos de circuitos que “[...] usam um recurso cultural como tema aglutinador e “constroem” uma via pela qual o usuário/ turista poderá percorrer a história ou a cultura de um local” (PINHEIRO, 2007, P. 218)

Pinheiro também apresenta que um circuito cultural, para ser considerado, precisa conter alguns pré-requisitos como: uma temática; uma via ou rede de circulação; um regulamento; um estabelecimento de apoio; placas sinalizadoras e; por último, um mapa orientador (PINHEIRO 2007, p222):

[...] um tema, aglutinador e distintivo; o suporte de uma rede viária ou outro tipo de comunicação (ex: uma rota de serrações junto das margens de um rio que possa ser percorrida num qualquer tipo de embarcação); um regulamento que assegure o funcionamento e controle dos elementos que integram o projeto; a existência de um local de apoio que faculte informação sobre a rota, bem como um sistema de promoção; sinalização (de acordo

com as legislações internacionais e locais e/ou nacionais; um mapa com conteúdo explicativo sobre a Rota.

Pistorello (2013) traz que independente da instituição gerenciadora, seja ela pública ou privada, o objetivo final de um circuito cultural é a valorização do local e esses desafios não são poucos. Para o caso das instituições públicas, percebe-se dificuldades na gestão das localidades participantes. Porém, de todo modo, há maior interesse na inserção da população no empreendimento. E quanto menos o poder público puder disponibilizar para o desenvolvimento do circuito, maior terá que ser o envolvimento da população. “Talvez por isso se nota que há um esforço coletivo na dinamização das rotas porque o objetivo é valorizar as localidades para depois comercializá-las como destinos turísticos” (PISTORELLO, 2013, p11)

Os roteiros culturais, ainda, são propulsores de uma ressignificação dos recursos, quando os bens culturais adquirem um valor diferenciado, por isso Pistorello (2013) afirma que a instauração de roteiros culturais pode contribuir na salvaguarda dos bens vinculados.

Para o desenvolvimento do circuito cultural proposto pelo presente trabalho, foi imprescindível a construção do aporte teórico-metodológico a partir da definição dos seguintes conceitos-chaves: patrimônio cultural; hospitalidade, identidade e legibilidade urbana, conceitos estes diretamente relacionados ao planejamento interpretativo. Por fim são apresentados os critérios utilizados para análise de megaeventos, classificação na qual se insere o Maior São João do Mundo.

## 2.2. Patrimônio cultural

*“Patrimônio é tudo o que criamos, valorizamos e queremos preservar: são os monumentos e obras de arte, e também as festas, músicas e danças, os folguedos e as comidas, os saberes, fazeres e falares. Tudo enfim que produzimos com as mãos, as ideias e a fantasia.”*

Cecília Londres (2001)

Diante dessa afirmação encontramos na cidade de Campina Grande/PB, os festejos do Maior São João do Mundo. Essas festividades somam diversos fatores, do divino (além do catolicismo, ex.: Cantinho da Benção) ao profano na sua mescla de culinária, dança, música entre outros costumes que se espalham pelas ruas na exaltação dos santos juninos ou na simples ideia de junto aos familiares e amigos festejar. Com o passar dos anos se consolida cada vez mais como tradição e identidade da cidade, o que permitiu o atual prefeito Romero Rodrigues, levantar as promessas de consagrar o São João como patrimônio cultural da cidade<sup>2</sup>, no momento em que a cidade recebeu do IPHAN o título de patrimônio cultural para a Feira Central de Campina Grande. Nesse sentido, vale lembrar que como o IPHAN define patrimônio histórico e

---

<sup>2</sup> paraibaonline.com.br. Maior São João do Mundo pode receber título de Patrimônio Histórico do Brasil. Publicado em 15 de junho de 2018 às 10:50

artístico em seu Art. 1º do Decreto Lei 25/37, constitui o **patrimônio histórico e artístico nacional o conjunto dos bens móveis e imóveis existentes no país e cuja conservação seja de interesse público, quer por sua vinculação a fatos memoráveis da história do Brasil, quer por seu excepcional valor arqueológico ou etnográfico, bibliográfico ou artístico** (IPHAN, 1937).

Como possível candidata a patrimônio cultural, é necessário que sejam tidas medidas para salvaguardar e garantir a conservação, realce e apreciação do mesmo, evidenciando-se o interesse pelo conhecimento como um ato de rememorar outras experiências vivenciadas.

Para auxílio dessas medidas de salvaguarda em 1976 como fruto de alguns debates realizados pela UNESCO acerca da preservação do patrimônio mundial e medidas de caráter científico que pudesse definir um sistema defensivo de proteção coletiva que é elaborada a **Carta de Turismo**, que traz como algumas de suas **posturas básicas**:

1) O turismo como um feito social, humano, econômico e cultural irreversível. Sua influência no campo dos monumentos e sítios é particularmente importante e só pode aumentar, dados os conhecidos fatores de desenvolvimento de tal atividade.

2) O turismo cultural é aquela forma de turismo que tem como objetivo, o conhecimento de monumentos e sítios histórico-artístico. Exerce um efeito realmente positivo sobre estes tantos quanto contribui – para satisfazer seus próprios fins- a sua manutenção e proteção exigem da comunidade humana, devido aos benefícios socioculturais e econômicos que comporta para toda a população implicada.

E como uma das **bases de atuação**:

1) Interagir valores culturais e os objetivos sociais e econômicos dos estados, regionais

e municipais.

Então diante as necessidades de se criar sistemas de proteção ao patrimônio já apontadas anteriormente que primeiro levantamos conceitos ligando temas relacionados ao turismo ou todo aquele que seja usuário dos espaços com conceitos de identidade e hospitalidade. Para interligar os fatores em questão usamos conceitos ligados à cultura, patrimônio cultural e planejamento e suas interfaces com o turismo e seus meios de interpretar e reconstruir a identidade esquecida ou reforçar os laços de identidades ainda existentes do lugar e da memória coletiva. Depois a partir de um quadro histórico e da situação atual, será identificado as manchas de ocupação, obtendo o uso e ocupação do solo, mediante as características do espaço enquanto surge a cidade efêmera que é o *megaevento*.

### 2.3 Hospitalidade, Identidade e Legibilidade Urbana

Uma cidade, para que possa proporcionar bem-estar aos seus usuários, é necessária que seja hospitaleira. É preciso que coexistam alguns fatores básicos como acessibilidade, legibilidade e identidade, pontos esses que diferem, de acordo com a escala observada, e pelas dimensões geográficas e temporais que proporcionam compreensão para quem habita e para quem da cidade se aproxima. Diante desses fatores a cidade deixa de ser apenas um conceito geográfico, para se constituir também como um complexo inesgotável da experiência humana.

Portanto a hospitalidade se constituirá a partir de uma relação entre dois atores, onde há aquele que recebe e aquele que é recebido, podendo se estender para uma relação entre dois

ou mais hóspedes de forma integrada em um sistema (lugar/ pessoa) que pode ser institucional, público ou privado.

De acordo com Henri Raymond (1997) a hospitalidade pressupõe a entrada, a inclusão daquele hóspede em um sistema organizado, com modalidade de funcionamento já existente. Ou seja, supõe-se que o usuário seja acolhido, recordando que chega a ser uma lei universal em que acolher permite sob certas condições, a inclusão do outro no próprio espaço, onde Jaques Godbut (1997) complementa, que é um dom do espaço a ser lido, habitado, atravessado ou contemplado.

Como espaço a ser vivido nas mais diversas formas, a cidade necessita ser um espaço acessível, diante da premissa de ser um direito a todos. Essa acessibilidade está ligada as diversas possibilidades de acesso dos indivíduos, ou de grupos sociais a certas atividades, que estejam presentes na cidade devendo proporcionar igualdade de oportunidades aos usuários urbanos, e esse acesso pode ser tido com a disponibilidade de instalações; de meios físicos que permitam esse acesso ou com a incidência das novas técnicas de comunicação e de relação com o habitat, com os transportes, com a mobilidade e com o tempo proporcionando novo significado, uso e concepção de espaços públicos.

O que rememora a legibilidade urbana que se entende como a qualidade visual de uma cidade, de um território, a mesma que indica a facilidade com que as partes de uma cidade podem ser reconhecidas e organizadas num modelo coerente. E é isso que Kevin Lynch (1996) aponta que no processo de orientação, o elo estratégico é a imagem ambiental, o quadro mental generalizado do mundo físico exterior de que cada indivíduo é portador. Essa imagem é produto.

tanto da sensação imediata, quanto da lembrança de experiências passadas, e seu uso se presta a interpretar as informações e a orientar ações.

A cidade é, portanto, o lugar do olhar e Canevacci (1997) soma a esse olhar que a cultura é, fundamentalmente, desenvolvimento humano: construção de valores da paz e da solidariedade, modos de vida saudáveis, imaginário rico e fundamentado em utopias possíveis e impossíveis, identidades abertas as novas vivências, poéticas de um mundo novo. Enfim, é também um espetáculo que celebra a comunidade humana e não apenas o sombrio mundo dos negócios.

Concluindo, Ferrara (1988) diz que codificar o urbano, entender sua lógica, supõe o reconhecimento da sintaxe, do modo de formar o que identifica, das faixas de linguagem que se combinam na sua constituição, da possibilidade, a fim de projetar elementos de predição, de qualificação. A essa operação damos o nome de percepção urbana, enquanto modo de reter e gerar informações sobre a cidade.

Com isso temos que uma cidade que proponha hospitalidade, acessibilidade e legibilidade ao seu usuário, é uma cidade que permite ser dominada, com lugares vivos que constituem referências para a memória e a cultura local e esse cultivo da memória é essencial para que o espaço seja vivo e a cultura ali vivida também, pois fazem parte do todo e dos fragmentos da cidade. Com a emoção é possível impregnar o meio ambiente popular urbano, a cidade é então um composto de pedras e tijolos acumulados, juntamente aos seus costumes, afetos e práticas pela população urbana.

## 2.4 Planejamento Interpretativo

O patrimônio cultural é um importante atrativo para o turismo e a atração de usuários para os espaços da cidade. Por isso é necessário saber interpreta-lo e extrair suas identidades, potencialidades e autenticidade para que esse atrativo seja efetivado e possa promover desenvolvimento urbano nas cidades.

Para que esse desenvolvimento ocorra é um pré-requisito que existam planejamentos baseados em diretrizes de sustentabilidade do meio natural e cultural. E segundo Ruschmann (1997, p.9) na área do turismo o planejamento tem a finalidade de “ordenar as ações do homem sobre o território e ocupa-se em direcionar a construção de equipamentos e facilidades de forma adequada evitando, dessa forma, efeitos negativos no recurso”.

O ordenamento dessas ações se faz importante para que possa construir uma harmonia entre a comunidade, os visitantes, o meio e a atividade que ali for ser desenvolvida, propiciando valorização e proteção da cultura. Como metodologia para o estudo desse ordenamento teremos o uso do **planejamento interpretativo** de Goodney e Murta (2002).

Para isso o planejamento interpretativo deve ser feito junto a participação da comunidade em todo o processo de reconhecimento do patrimônio, prevendo uma série de estratégias e implantação da interpretação fazendo que todos trabalhem em parceria. Segundo Goodney e Murta (2002, p. 22) “o plano de interpretação ambiental com a participação da comunidade tornou-se comum, passando a influenciar decisivamente o próprio desenho urbano”. Essa estratégia faz com que o planejamento proteja e desenvolva um sentimento de valorização,

transmitindo seus valores, e suas histórias para as futuras gerações.

O processo se complementa como diria Farias (2002, p. 59) que “ao processo interpretativo agregam-se fontes de revelação baseadas no imaginário: mitos, ritos, arquétipos, símbolos, ícones, alegorias, cotidiano, cotidianamente e lugar”, e sobre o tema, em Cardozo (2007, p.4) tem-se que a interpretação do patrimônio visa otimizar a vista, desde o ponto de vista do visitante, fornecendo informações sobre os lugares visitados e também estimulando o olhar, provocando a curiosidade levando assim o turista a descobrir toda a magia do lugar.

Ou seja, a interpretação do patrimônio visa fazer com que o usuário descubra a singularidade do local, conscientizando as pessoas do valor tangível e intangível do mesmo. Cabendo então ao planejador identificar toda a singularidade do local, através de uma investigação histórica como também atual das relações dos locais e assim despertar o sentimento de valorização e conscientização do patrimônio visitado.

## 2.5 Análise de *Megaeventos*

A metodologia em questão é uma experiência da leitura físico-ambiental do espaço urbano com caráter experimental e foi desenvolvido ao longo da elaboração do PEC – Plano de Estruturação Físico-ambiental do Carnaval de Salvador, coordenado pelo arquiteto e professor Manoel José Ferreira de Carvalho, No mesmo, é proposta a inserção do olhar do arquiteto e urbanista no tratamento de *megaeventos* de rua de grande porte, em cujo contexto insere-se o Maior São João do Mundo em Campina Grande, PB.

O São João se caracteriza como uma atividade de caráter efêmero que ocorre a cada mês de junho, modificando a rotina da cidade num período mais abrangente aproximadamente de um mês antes e após aos 30 dias oficiais. Para isso se utiliza dos mais variados espaços.

A abordagem se dará em três pontos básicos:

- I. Forma de apropriação do espaço urbano;
- II. Mancha de Ocupação da Festa;
- III. Territórios da festa;

### 2.5.1 Forma de apropriação do espaço urbano

33

O objetivo é analisar a forma como a festa se apropria do espaço urbano, que é de vital importância para compreender os eventos, suas configurações e demandas, em especial como se dá a relação dela, com a intenção de promover o crescimento da Festa, sem que se perca a preservação do meio urbano e das tradições culturais.

É possível destacar, no Maior São João do Mundo algumas formas de apropriação:

#### (i) Eventos em espaços fechados:

Ao exemplo das missas e novenários em homenagem aos santos; os salões de artesanato; museu do São João, etc.

### (ii) Eventos de Largo:

São pequenos espaços que abarcam festas como largos de ruas que ocorrem as quadrilhas de bairro, as queimas de fogueira, e pequenos festejos espalhados pela cidade.

### (iii) Eventos de Concentração:

Caracterizada pela grande concentração de público em torno de atrações ou espetáculos, que limitam a mobilidade da área do entorno e gera polarização de atenção, como exemplo teremos o Parque do Povo.

um ou mais pontos de atração, por seguirem trajetos pré-estabelecidos e estimularem a participação do público, que no caso dos festejos juninos só teremos a presença de um evento privado que é a Namoradrilha, um rememorando a outra festa que ocorria antes na cidade, chamada Micarande ocorrida entre os anos de 1989 e 2008.

## 2.5.2 Mancha de ocupação da festa

Tem o propósito de delimitar a área de abrangência, ou seja, analisar os impactos sofridos de forma direta ou indiretamente, provocadas pelos eventos contidos na Festa, e isto inclui os espaços públicos, mas também as edificações, as ruas, áreas de estacionamento, terminais de transporte e demais espaços afetados pela nova dinâmica durante o período festivo. A mancha de ocupação resultará então da soma de todas as manchas correspondentes a cada evento, podendo ser caracterizada como a cidade efêmera do Maior São João do Mundo.

### 2.5.3 Território da festa

Carvalho (2000) em seus estudos sobre o PEC – Plano de Estruturação Físico-ambiental do Carnaval de Salvador traz “o conceito de território que pressupõe a utilização de um espaço por um determinado grupo de usuários. A palavra território associa os conceitos de espaço e de posse”, sendo a identificação dos territórios diretamente relacionada à identificação de um uso predominantemente e de seus usuários específicos, com motivações de natureza semelhante.

Essa compreensão dos territórios auxilia na identificação das necessidades específicas para cada espaço. Se adequando as escalas do desenho urbano, para que possa ser feito como espaço da Festa, é necessário, antes de tudo, a identificação e entendimento das atividades, dos grupos de usuários e da dinâmica urbana. Se considerarmos os momentos, poderemos identificar os seguintes territórios:

#### **(i) Ruas de apresentação de quadrilha e queima de fogueira**

São as vias ocupadas pelos eventos de apresentação mais tradicional de quadrilhas e reunião de famílias e amigos que se confraternizam em torno de fogueiras para celebrar os santos do mês. A principal motivação dos usuários deste território é a confraternização e celebração nas vias próximas as suas residências ou familiares, geralmente seguem a noite (ou horário de ocorrência) brincando, dançando atrás das fogueiras.

### (ii) Espaços de permanência

É o território cujo o usuário têm como principal motivação descansar, conversar, paquerar, passear, curtir shows, apresentações e culinária disponível no grande pátio de evento que é o Parque do Povo.

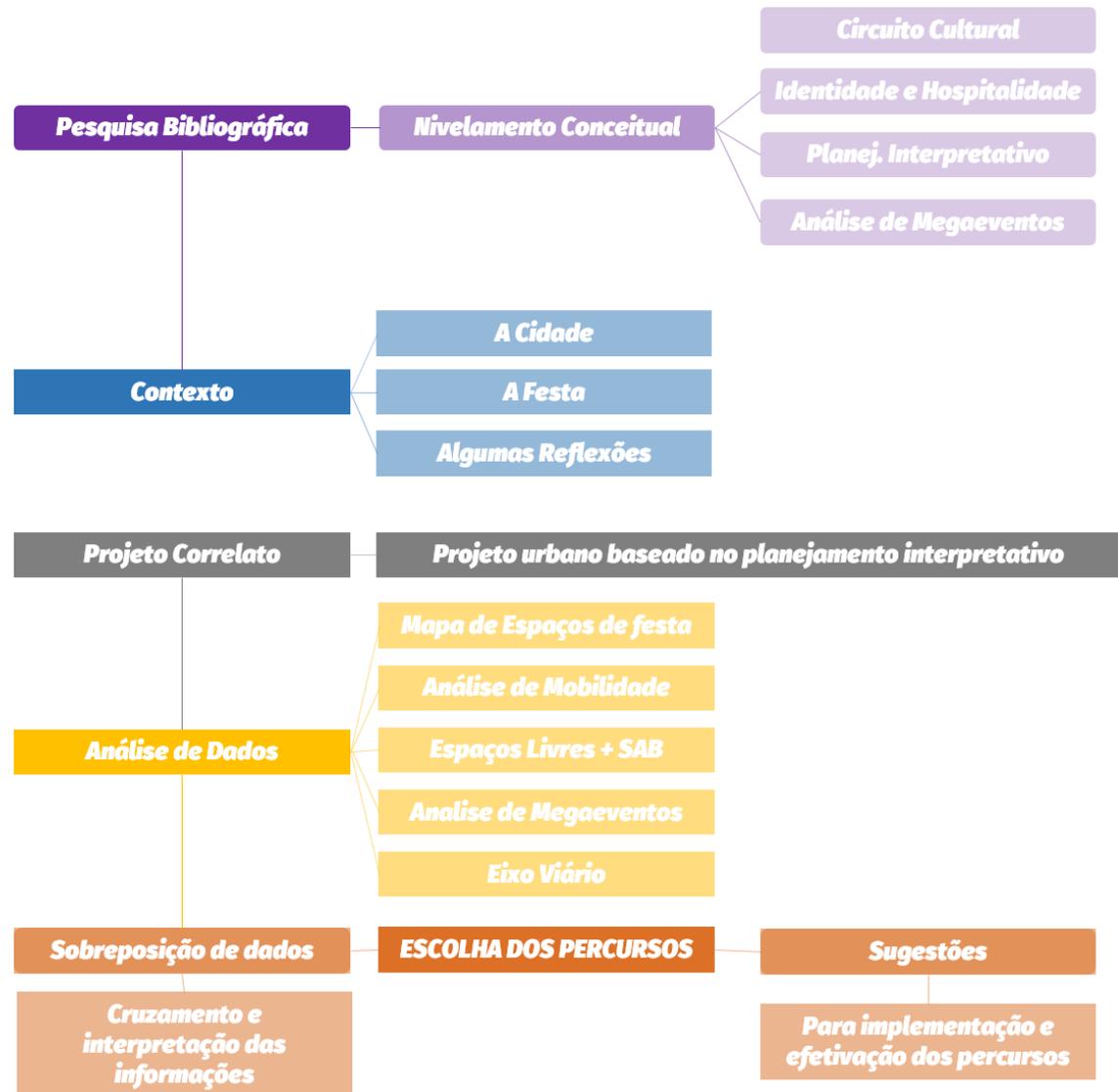
### (iii) Áreas de circulação/ Caminhos

Constitui como as áreas indiretamente apropriadas pela Festa, nas quais a maior motivação é a de chegar a algum ponto. São as ruas adjacentes às áreas diretamente apropriadas pelos eventos.

### (iv) Áreas de chegada

São as áreas de entrada da cidade, que são apropriadas com a motivação de visitar um ponto ao chegar à cidade, ou simplesmente estacionar e “desembarcar”. Delas fazem parte as áreas de estacionamento de veículos, ônibus e os terminais de transporte como o Rodoviário e a Integração.

# SÍNTESE METODOLÓGICA



Quadro 01: Síntese metodológica Fonte: PASSOS (2018)

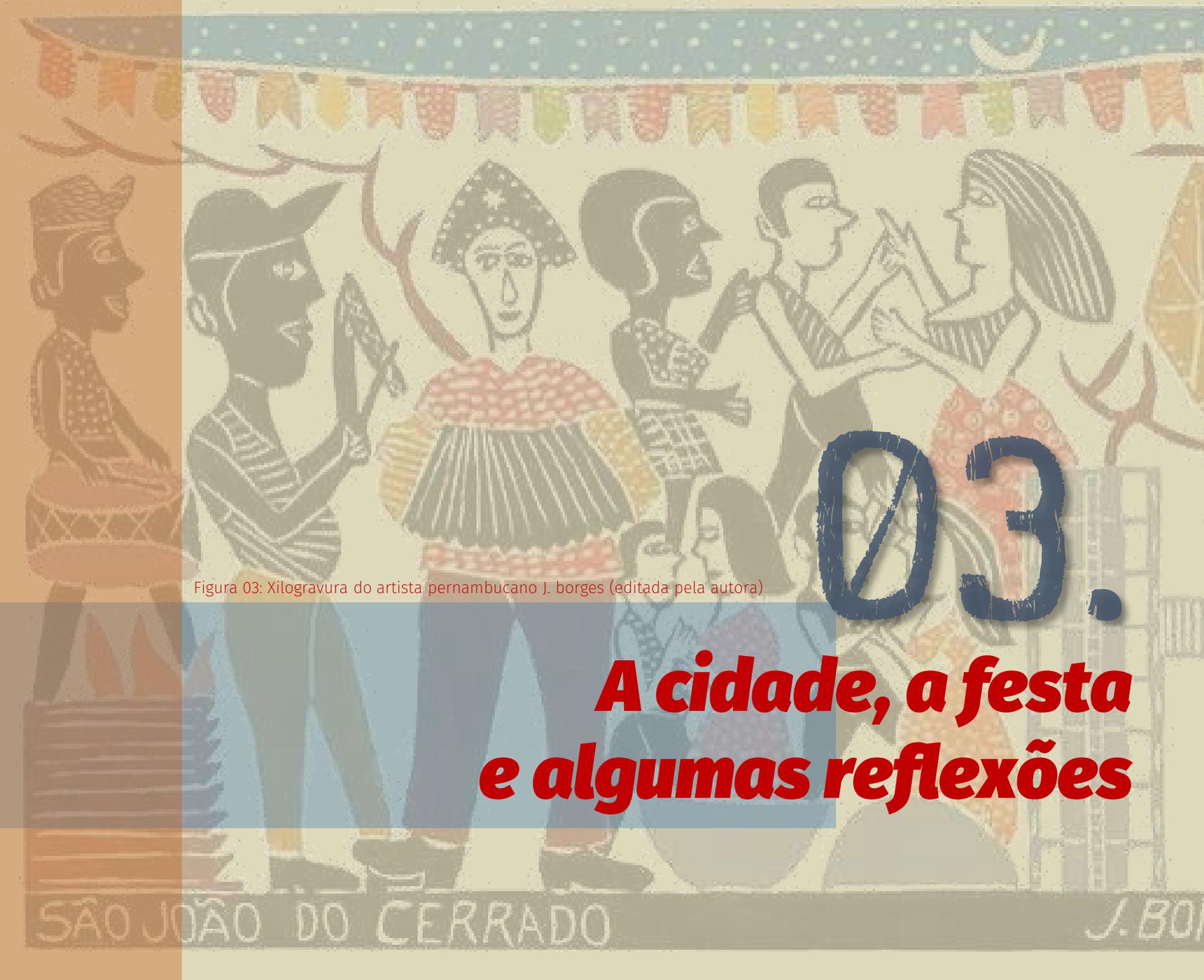


Figura 03: Xilogravura do artista pernambucano J. borges (editada pela autora)

003.

## ***A cidade, a festa e algumas reflexões***

SÃO JOÃO DO CERRADO

J. BOI

## 03. A CIDADE, A FESTA E ALGUMAS REFLEXÕES

### 3.1 A cidade

Campina Grande está situada na região Agreste do estado da Paraíba, no nordeste brasileiro. Localizada a 555 metros acima do nível do mar, com clima tropical quente e seco, o município possui uma população estimada pelo IBGE em 2018 de 407.472 habitantes, sendo assim, a segunda cidade mais populosa da Paraíba, ficando atrás apenas da capital do estado, João Pessoa.

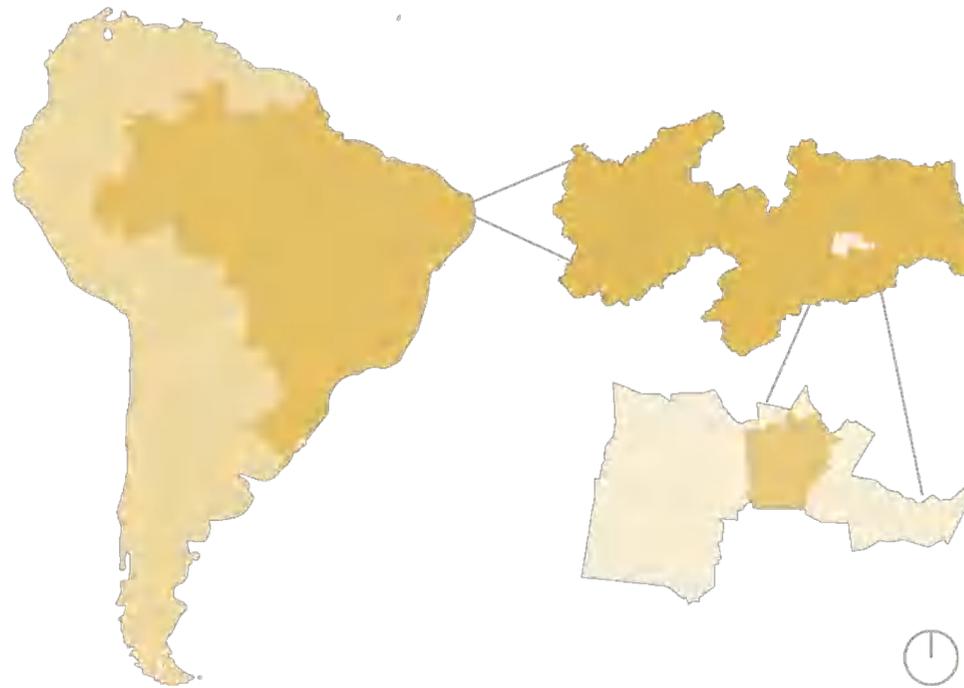


Figura. 04: Localização de Campina Grande-PB. Fonte: PASSOS (2018)

Conhecida como polo universitário e centro econômico da Borborema, Campina Grande atrai um grande número de pessoas vindas de outras localidades, pois na cidade são ofertados serviços nas mais variadas áreas, como saúde, educação, comércio. Além disso, a cidade é um importante polo com relação a oferta de empregos o que é um grande motivo da migração pendular.

O histórico processo de industrialização e conseqüente crescimento econômico da cidade foi motivado pelo desenvolvimento da produção algodoeira na região e a inauguração do ramal da Great Western of Brazil Railway Company, hoje Rede Ferroviária do Nordeste no início do século XX, em 1907, fazendo com que Campina Grande se tornasse um importante centro de distribuição e exportação da produção local. A partir do que foi denominado como “Ciclo do Algodão”, a cidade passou a ser reconhecida até os anos 1940, como a segunda maior exportadora de algodão do mundo, ficando atrás apenas de Liverpool, na Grã-Bretanha. A comercialização do “ouro branco” fez com que Campina Grande superasse economicamente a cidade de João Pessoa, capital político-administrativa do Estado.

Nesse contexto, a cidade logo caminhou em direção ao desenvolvimento industrial, com destaque não apenas no âmbito estadual, mas também regional, uma vez que por muito tempo as indústrias optaram por se instalar em Campina Grande

ao invés de se instalarem na capital João Pessoa, que acabava exercendo um papel mais administrativo.

Esse conjunto de variáveis fez a cidade ter uma grande relevância tecnológica, contribuindo para que a mesma fosse, no fim dos anos 1960, a primeira cidade nordestina a receber um computador. Posteriormente foi formado o Núcleo de Processamento de Dados da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), no Campus II, atualmente Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Com o decorrer dos anos, a cidade se torna referência no desenvolvimento de *softwares* e na indústria de informática e eletrônicos, o que motivou os centros universitários a buscarem um maior desenvolvimento técnico.

A cidade torna-se também um importante polo de ensino superior, com a presença de centros universitários como a já citada UFCG, e também os centros educacionais da UEPB (Universidade Estadual da Paraíba), do IFPB (Instituto Federal da Paraíba), além de um diverso número de instituições privadas.

Aliado a todo este desenvolvimento econômico e tecnológico, Campina Grande sempre foi berço de grandes atores da produção cultural, sendo sede de eventos como o Encontro da Nova Consciência, Festival de Inverno, Festival de Música, O Maior São João do Mundo e alguns outros eventos que são palco para

manifestações culturais que lutam a cada ano para se manterem vivas, como as danças folclóricas, o artesanato e a quadrilha junina, por exemplo.

Esses movimentos culturais são uma importante alavanca para a economia da cidade. No caso do São João por exemplo, nesse período só as companhias aéreas desembarcam uma média de 17.800 pessoas, com uma movimentação turística de 2,5 milhões de visitantes durante os 30 dias de evento. É movimentado um intenso capital, girando em torno de R\$ 200 milhões, com a geração de mais de 3 mil empregos temporários, capital esse que varia desde a hospedagens alternativas com a locação de residências para turistas à movimentação do artesanato local, que no Vila do Artesão tem como resultado mais de 500 mil reais em vendas. Juntamente a isso os são gerados empregos informais com a venda de bebidas em gerais por exemplo.

04/07/2016 18h50 - Atualizado em 04/07/2016 18h50

## **Cerca de 2 mi de pessoas passaram pelo São João de Campina Grande**

Estimativa foi divulgada pela organização do evento, após fim da festa. Dias mais movimentados tiveram a passagem de 100 mil a 120 mil pessoas.

Figura 05. Manchete do Paraíba1. Fonte: G1 (globo.com)

### 3.2 A Festa

Um das estratégias do planejamento interpretativo é fazer com que o planejamento proteja e desenvolva um sentimento de valorização do patrimônio em questão, a partir das histórias e memórias que o envolve, essa otimização é feita através do estímulo do olhar, provocando a curiosidade e levando o usuário a descobrir os elementos que conferem identidade ao lugar.

Para isso teremos a revelação dos lugares da festa por meio da interpretação histórica, que se dará por meio de um resgate feito com leituras chaves dessa tradição em um resgate a partir das pesquisas bibliográfica e documental, que conterà utilizando recortes de jornais, entrevistas e falas registradas sobre o Maior São João do Mundo ao longo desses anos.

Primeiro é necessário saber que é costume que vem das antigas civilizações de realizar celebrações com o intuito de agradecer as colheitas aos deuses, como é presente na tradição egípcia que data as primeiras manifestações do tipo. Porém no Brasil essa cultura vem do berço lusitano, e por isso essa cultura de agradecimento está enraizado aos costumes católicos. Na tradição católica, a festa nasce para enaltecer a figura de alguns santos, no caso Santo Antônio, São João e São Pedro, figuras de grande ensinamentos cristãos que possuem suas datas muito ligadas ao cultivo, manejo e colheita de cereais. Intrinsecamente ligados a bonança das colheitas, os santos são celebrados com novenas, quermesses, celebrações eucarísticas, pavilhões com a presença de quadrilhões e trios de forró, entre outras formas

Em Campina Grande, as festas juninas nascem no campo, com o desígnios de comemorar as safras, em especial a do milho, que é um dos principais ingredientes das culinária da época. A confraternização ocorre entre os familiares e amigos, muitos desses que se deslocaram das cidades para os sítios e fazendas.



Figura 06: Santos Juninos. Fonte: PASSOS (2018)

Até meados do século XIX a cidade tem uma grande característica rural. No entanto, devido ao fato da sua posição geográfica lhe configurar enquanto local de parada para viajantes, a cidade começa a desenvolver atividades econômicas voltadas à troca e venda dos mais diversos produtos.

Alguns acontecimentos na cidade vem acrescentar alguns novos cenários aos festejos, com a inauguração da estação e do ramal ferroviários, em 1907, como mencionado anteriormente, a cidade se torna um importante centro socioeconômico dentro do estado, devido a ascensão do mercado algodoeiro e a necessidade de inclusão da cidade no eixo de transportes. Essa consolidação da cidade no quadro de exportação do algodão traz junto serviços importantes, como a instalação da rede elétrica que é instalada em 1919; e a construção do serviço de abastecimento de água em 1939.

No entanto em meados dos anos de 1940 ocorre um declínio na produção do “ouro

branco” atingindo a população de baixa renda que é forçada a deixar o campo. Em contrapartida a zona urbana inicia um processo de industrialização atraindo essa população que deixa o campo, e se estabelece nas áreas periféricas de Campina Grande. A população que migra do campo em direção a cidade, traz consigo os costumes como as festividades juninas. Elas eram inicialmente, organizadas nas residências dessas famílias migratórias e com o tempo passam a ocorrer nas ruas e estimulam as comemorações em torno das fogueiras ao anoitecer dos dias dos santos juninos.

Entre o recorte de tempo das décadas de 1940 e 1970, a festa ganha a cidade, até então ela se restringia as festas como eventos familiares para quem permanecia na zona rural ou tinha a possibilidade de regressar no período, ou nos clubes, como por exemplo do Clube dos Caçadores, Ipiranga, Paulistano, Campinense, Clube 31, Clube Campestre que promoviam seus bailes juninos, porém esses bailes pertenciam somente aos mais abastados. Diante disso, a população que não tinha acesso aos clubes tinha que se contentar com a alternativa de permanecerem em suas calçadas e ruas diante as suas residências e admirar a fogueira enquanto soltavam fogos e preparavam comidas a base de milho. Esses movimentos possuíam um caráter muito disperso entre os bairros, porém com o tempo os moradores iniciam articulações e organizam suas festas por ruas, praças ou Sociedade Amigos de Bairro (SABs). Assim vão crescendo pela cidade os pontos de festa, chegando a concorrer com os bailes juninos dos clubes privados.

Como exemplo dessas organizações, temos o “seu São João” e “seu São Pedro” articulados pelas moradores Adelma e Dona Mulata que se localizavam na praça Feliz Araújo e na Rua dos Paus Grandes respectivamente, onde era armados enormes

palhoças, contratava-se um conjunto musical e era comercializado comidas e bebidas. Assim também ocorria a festa promovida pelo comerciante Wilson Raposo na Rua João Suassuna, que assim como os outros dois, atraía grande público excedendo a capacidade da própria palhoça.



Figura 07: Divulgação do Clube Campestre.

Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo

Outras ruas também merecem destaque por abarcar as festividades, como a Rua Desembargador Trindade e Getúlio Vargas, no centro da cidade; a rua Ouro Branco, na Palmeira e as ruas de algumas paróquias como o Convento de São Francisco que fechava suas ruas para exaltar os santos, com muita música e muita comida.

Diante dessa oposição dos “festejos de fora” aos realizados nos clubes sociais, em 1964 a festa ganha novo ímpeto e se inicia a organização de forma oficial das quadrilhas juninas. Nesse contexto, e por iniciativa de Carmita Araújo, que na época residia na Rua da Floresta, hoje Rua Coronel Lourenço Porto, no centro da cidade, surge a primeira quadrilha junina infantil. Junto a Déa Cruz, Carmita organiza o São João de Rua, para que ocorra as apresentações das quadrilhas, atraindo um imenso público.

Fotografia 01 – Rua da Floresta. Fonte: Memorial do São João



Quem teve a feliz lembrança de fazer o primeiro São João de rua foi à esposa de Arnóbio Araújo, dona Carmita, em 1971. E contou como foi decidido apoio de suas amigas que residiam na rua da Floresta .<sup>3</sup>

As novas dinâmicas e o grande público incentiva que novas quadrilhas surjam na cidade, com seus respectivos focos de animação de rua, chegando ao ponto de ocupar grande parte da cidade (ver Mapa 01). O surgimento dessa nova forma de festejo na cidade faz com que o campo já não fosse a única opção de entretenimento junino, já que além dos Clubes agora as festas também eram promovidas por grupos escolares, igrejas, clube de mães, SABs, instituições comerciais, entre outros.

É na gestão de Evaldo Cavalcanti Cruz em 1976 que se inicia as primeiras movimentações da gestão pública para com o apoio ao “São João de rua”.

Diretores da Sociedade dos Amigos do Bairro do Cruzeiro organizaram, na última semana, o planejamento da programação junina que aquela entidade comunitária desenvolverá durante este mês. As noitadas festivas ocorrerão nos dias 22, 28 e 29, com início previsto às 21h30. A festa tradicional contará com armação de barracas, fogueiras, comidas

---

<sup>3</sup> O São João de Antigamente em Campina Grande II”, William Tejo. Jor-nal da Paraíba- C. Grande, 30/06/1987)

típicas da região, além de outras atrações. Enquanto isso, o Clube de Mãe Vozes Maternais, daquele bairro promoverá no dia 24 às 14 horas, uma quadrilha infantil, no salão social da entidade . <sup>4</sup>

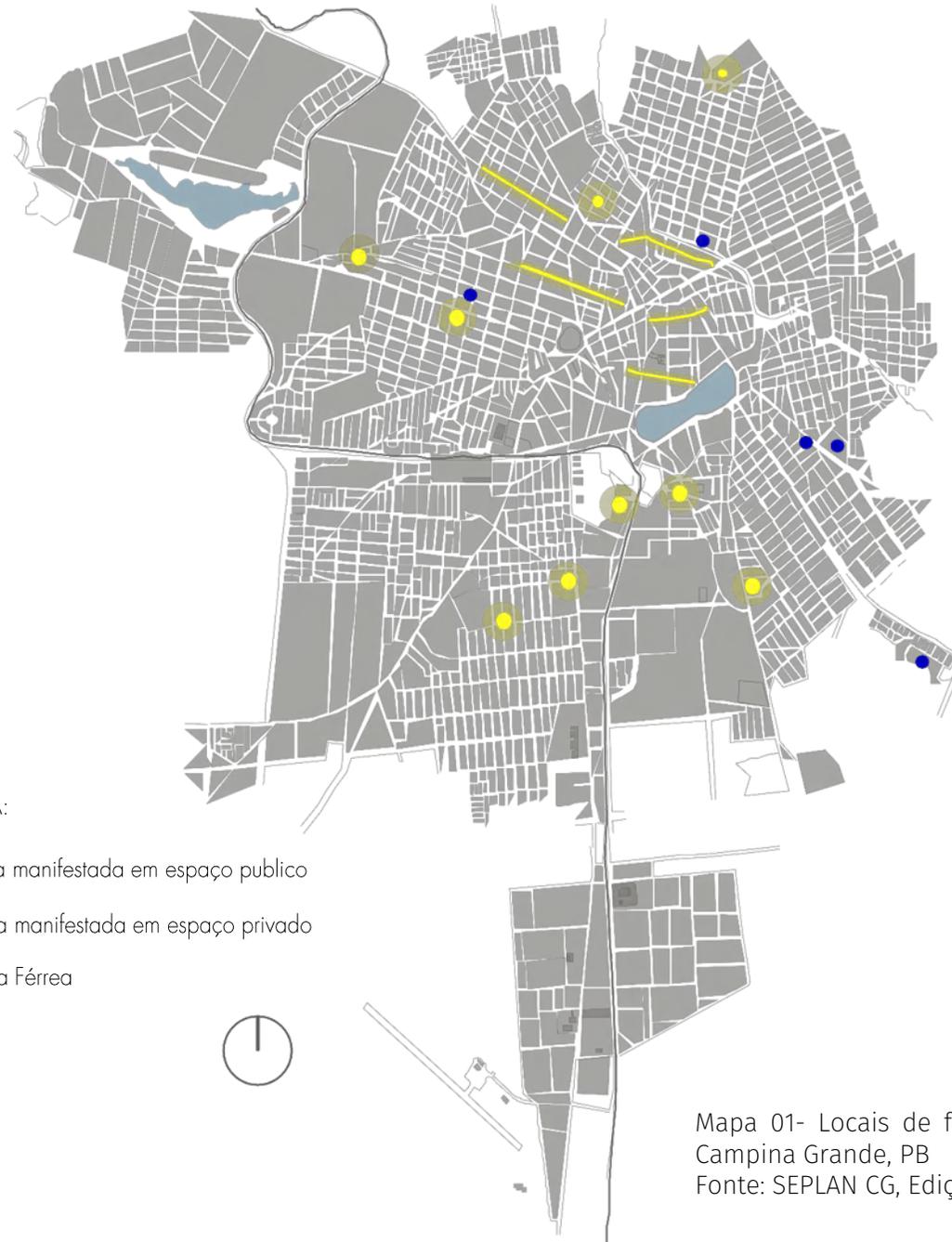
Nesse sentido, a gestão o Poder Público auxiliava com apoio e patrocínio para atendimento de algumas necessidades, como o som, por exemplo, no intuito de promover os laços de sociabilidade entre ele e os membros das associações já mencionadas como a Sociedade Amigos de Bairro, Clubes de Mães, Igreja Católica, escolas municipais e a gestão.

Ao final dos anos de 1970, a festa começa a ser dividida em duas fases: do dia 16/06 a 18/06 no espaço do Pátio da Estação Velha e dos dias 20/06 a 30/06 a concentração dos festejos se dava em um pavilhão montado no espaço da CEASA para a realização da Festa do Milho. Mesmo diante de poucos recursos, a prefeitura tende a procurar garantir os 30 dias de festa, em especial a infraestrutura do festejo nas ruas da cidade, patrocinando o sistema de som e iluminação para a apresentação das quadrilhas, enaltecendo o slogan da festa de “São João Para Todos”.

Só no início dos anos de 1980 que a Prefeitura Municipal começa a tentar centralizar os festejos, tomando providencias como montagem, supervisão, escolha do lugar do evento. É através da ARC- Assessoria de Recreação e Cultura do Município e da EMDEB- Empresa de Desenvolvimento Cultural da Borborema, que é montado o “arraial junino” no Pátio da Estação

---

<sup>4</sup>Jornal da Paraíba- Campina Grande, 18/06/1974



LEGENDA:

-  Festa manifestada em espaço público
-  Festa manifestada em espaço privado
-  Linha Férrea

Velha e dos dias 20/06 a 30/06 a concentração dos festejos se fava em um pavilhão montado no espaço da CEASA para a realização da Festa do Milho. Mesmo diante de poucos recursos, a prefeitura tende a procurar garantir os 30 dias de festa, em especial a infraestrutura do festejo nas ruas da cidade, patrocinando o sistema de som e iluminação para a apresentação das quadrilhas, enaltecendo o slogan da festa de “São João Para Todos”.

É possível ver a retomada da política de descentralização da festa, promovendo e priorizando o São João nas ruas e bairros da cidade, preenchendo todo o mês de festas com atrações nos mais diversos espaços. Porém apenas nos espaços como o Parque do Açude Novo ocorriam solenidades de abertura do ciclo junino, com o acendimento de uma grande fogueira, o “Encontro de Sanfoneiros” e algumas apresentações de quadrilhas juninas.

Para encerrar a festa, um grande quadrilhão era montado para que houvesse o encontro, a celebração e a confraternização, na Rua Maciel Pinheiro, no centro da cidade.

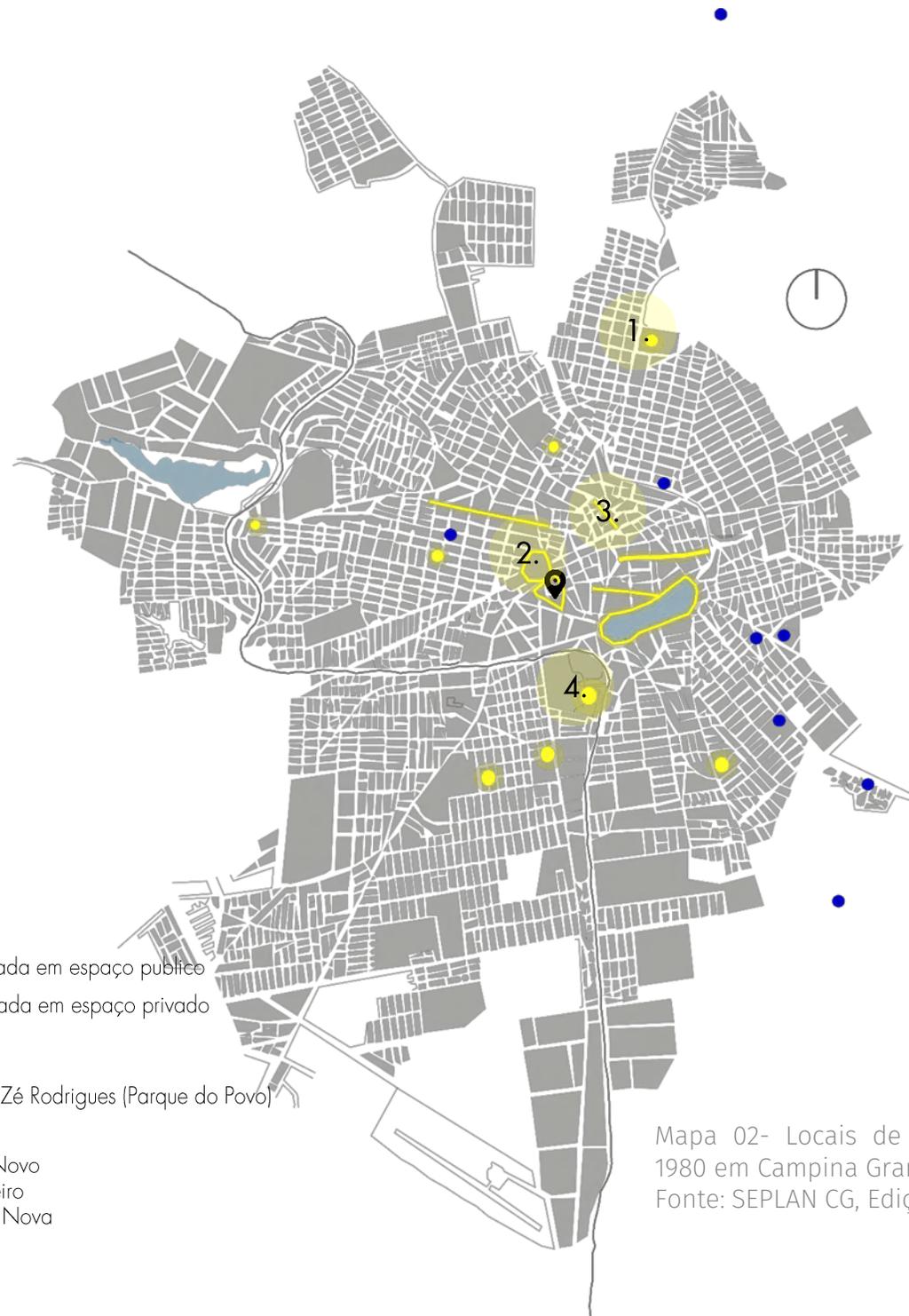


Fotografia 02 Quadrilha Antiga Rua da Floresta década de 1970. Fonte: Memorial do São João

Porém a promoção do evento em novos espaços e espaços abertos a toda comunidade, faz com que ocorra uma migração da população que realizava seus festejos de forma dispersa em vários espaços da cidade. Esse modelo de organização da festa é inaugurado no último ano da gestão de Evaldo Cavalcanti Cruz, mas serve de inspiração para os futuros gestores da cidade tornando-se a cada ano mais dominante diante o quadro de festas da cidade.

É então a partir do ano de 1983 que ao assumir a Prefeitura de Campina Grande, Ronaldo José da Cunha Lima, ao notar o crescimento da festa, inicia maiores investidas de transformação os festejos em um espetáculo turístico, iniciando a tradição do título “Maior São João do Mundo”, pois apesar da festa ainda prosseguir com o padrão utilizado pela gestão anterior, com ações ainda voltadas as festas e quadrilhas de rua, algumas mudanças pontuais começam a ocorrer, uma delas é a mudança do espaço que centralizará as atividades juninas, para o largo do Centro Cultural, próximo ao Parque do Açude Novo (Ver Mapa 02).

O Centro Cultural é uma obra ainda da gestão de Enivaldo Ribeiro, localizada no que antes eram conhecida como “Coqueiros de Zé Rodrigues”, após construção do mesmo, ainda restava uma área de quase 25.000 metros quadrados ociosas e é exatamente neste espaço que o prefeito Ronaldo Cunha Lima monta o “Palhoção” e nessa tentativa de centralizar os festejos, é batizado pela mídia como “O Maior São João do País”.



LEGENDA:

- Festa manifestada em espaço público
- Festa manifestada em espaço privado
- Linha Férrea
- 📍 Coqueiros de Zé Rodrigues (Parque do Povo)

1. CEASA
2. Pátio do Açude Novo
3. Rua Maciel Pinheiro
4. Pátio da Estação Nova

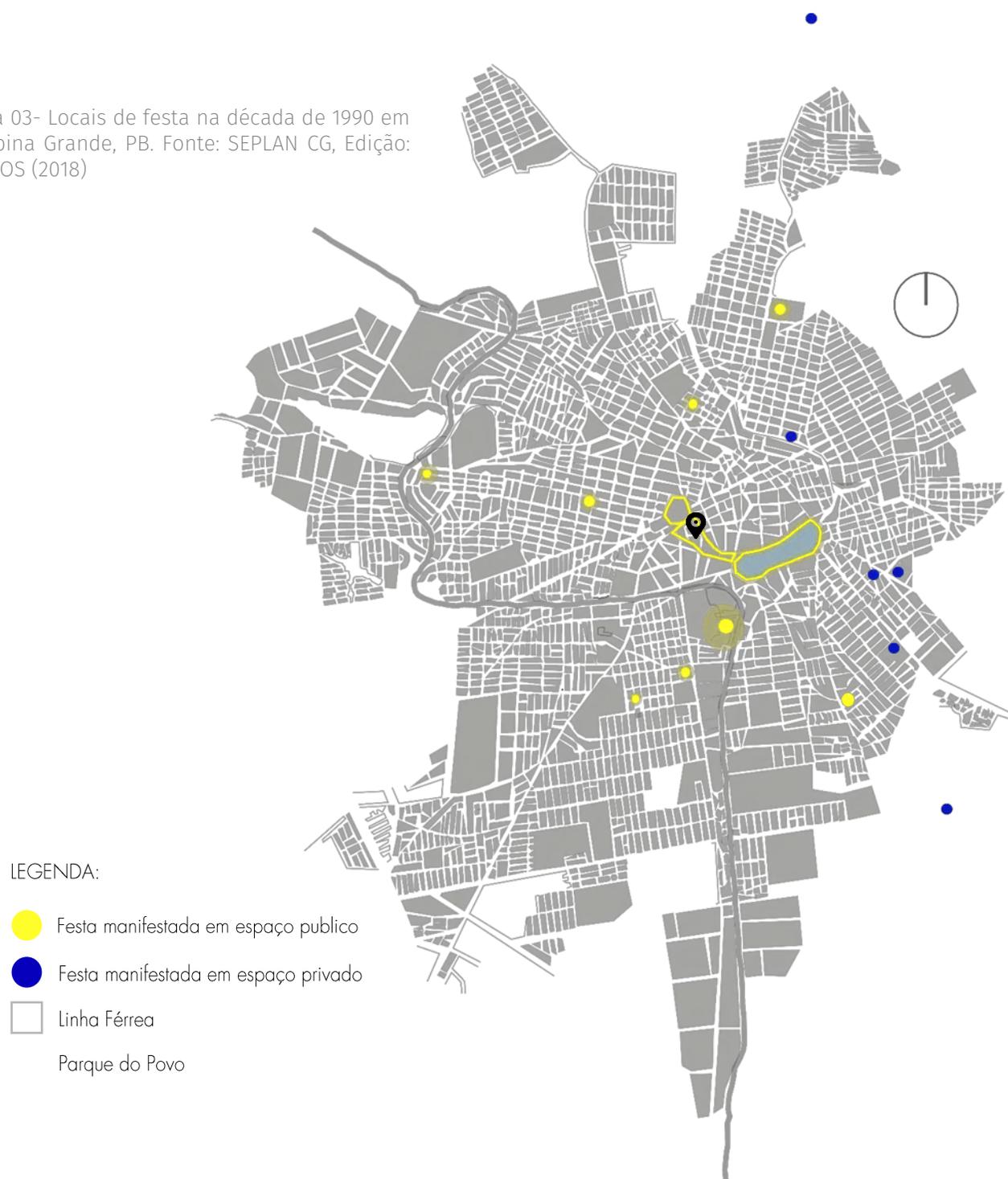
Mapa 02- Locais de festa na década de 1980 em Campina Grande, PB  
 Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)

O chão onde as pessoas dançavam era de terra batida. Quando estava seco, levantava uma nuvem de pó e quando chovia era uma lama só. Mas isso, segundo eles, pouco, importava, pois todos queriam mesmo era dançar. Como atrações, havia dezenas de quadrilhas de bairros que levavam os nomes dos bairros e das ruas e inscreviam-se para participar da festa. Além disso, havia casamento matuto, desfile de carroças, corrida de fogueira. Os clubes também realizavam seus bailes, os “Fórros entra e sai”, e traziam para animar as noites nomes consagrados da música regional e nacional. Durante esse período, era registrado um sensível aumento das vendas do comércio, principalmente tecidos, confecções, calçados e fogos. O sucesso do primeiro ano garantiu a continuidade da festa nos anos seguintes. (MORIGI, 2007, p.47)

Diante a infraestrutura rudimentar do espaço que era em terraplanagem, com fraco sistema de som e iluminação, onde a execução dos shows se dá em céu aberto e o palhoção serve tanto de barraca como de dancing, é coberto com palhas de coco e folhas de bananeiras, faz com que a administração pública invista na área e três anos depois, um espaço melhor é inaugurado, o Parque do Povo e seu “Forródro”.

Mesmo que a prefeitura permanecesse com incentivo e apoio às quadrilhas juninas de ruas e bairros da cidade o que causa uma enorme participação da mesma, com mais de cem quadrilhas de ruas cadastradas pela prefeitura, porém alguns clubes que durante a década de 1970 eram famosos por seus bailes juninos, como o Gresse, o Paulistano, o Campinense e o Ipiranga, entram em declínio e deixam de promover os bailes no período do São João.

Mapa 03- Locais de festa na década de 1990 em Campina Grande, PB. Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)



Tamanho crescimento da margens as primeiras divulgações da imprensa falada e escrita em relação ao grande número de visitantes, com isso os organizadores da festa começam a fazer familiar a convivência do nativo com o turista e até lançam atração surpresa que é a quadrilha dos turistas. Além de incrementar cada vez mais a imagens da festa com a criação do casal de espiga de milho. E daí por diante vem passos cada vez maior, até pelo próprio interesse público, onde prefeito Ronaldo Cunha Linha “profetiza” em versos:

“Vendo assim minha gente,  
Feliz e toda contente,  
Nasce um desejo profundo...  
Hei de fazer em Campina  
O Maior São João do Mundo”<sup>5</sup>

A partir do ano de 1984 é iniciado planos mais ambiciosos para a festa, sendo construído e idealizado um plano de ações pela Secretaria do Departamento de Cultura e Recreação do Município, e traz como início a hipérbole criação do slogan: o “Maior São João do Mundo”, título esse que é marca até os tempos atuais.

Em 1985 é iniciada as obras para uma nova estrutura pra que possa se montar e executar a festa do São João, é criada uma comissão para os festejos junino, composta pelo Secretariado Extraordinário, Assessoria de Divulgação e Turismo além do Departamento de Cultura e

---

<sup>5</sup>Jornal da Paraíba- Campina Grande, 16/06/1988



Fotografia 03 . Quadrilha Antiga Rua da Floresta década de 1980. Fonte: Memorial do São João

Recreação da Secretaria de Educação do Município, cuidando de todos os detalhes possíveis, já que agora a festa é inserida no calendário turístico da EMBRATUR.

E assim a festa de tradição religiosa de comemoração aos santos de junho, começa a ganhar múltiplos sentidos, pois além das marcas que já traz a soma do incentivo a atração turística, a bela imagem de cartão postal da cidade, palco das relações políticas locais além de incrementar a economia local de forma criativa, mas a todo momento frisando que a festa é do povo, mesmo que agora seja de iniciativa da administração pública.

É então em 1986 que é inaugurado uma nova estrutura onde antes era os Coqueiros de Zé Rodrigues, o Parque do Povo, na Rua Sebastião Donato com a Rua Treze de Maio, no centro da cidade, possuindo uma área de 27 mil metros quadrados, e em seu centro é erguida uma estrutura de formato piramidal, quem será chamada de “Forró-dromo” e servirá para apresentações musicais e de dancing, possuindo uma área de 1000 metros quadrados.

A instalação do Parque do Povo como sede do “Maior São João do Mundo” promove uma mudança radical na geografia do espaço urbano, além da transformação paisagística, começa a se redefinir alguns pontos de ocorrência dos festejos, as quadrilhas e trios que antes tocavam principalmente pelas ruas da cidade, agora almejam em se apresentar no quartel general do forró que se constitui o espaço. (Ver quadro 02)

Isso faz com que o passar dos anos os investimentos realizados para a festa gire em

ANO		1983	1984	1985	1986	1987	1988	1989	1990	1991	1992	1993	1994	1995	1996	
GESTÃO	ENIVALDO RIBEIRO	RONALDO CUNHA LIMA			RONALDO CUNHA LIMA			CASSIO CUNHA LIMA				FÉLIX ARAÚJO FILHO				
ACONTECIMENTOS	São João na Estação Velha e nos Bairros	São João no Parque do Povo (Palhoçã)			São João no Parque do Povo (Palhoçã)											
NOVIDADES				Construção do Forrock	Const. da Piramede.	Inauguração do Spazzio.										
QUANT. PESSOAS																
NÚMERO DE BARRACAS																

Quadro 02- Atuação das gestões nos festejos juninos. Fonte: LabRua, 2017. Edição: PASSOS (2018)

torno do espaço, onde a cada ano ou gestão seja acrescentadas novos adereços ou detalhes (Ver tabela 0X)

E como visto na tabela, a cada edição da festa, ia sendo inseridos decorações, danças, comidas, músicas e fogos de artifícios que estão atrelados a uma ruralidade religiosa e identidade nordestina, todavia, com o desenrolar dos anos, ocorreram algumas rupturas no tocante do cenário da festa, como a reprodução de prédios importantes para a história de Campina Grande, remetendo ao final do século XIX, a inserção do Sítio São João trazendo as características marcante da roça e do cultivo dos cereais.

No início dos anos 2000, que alguns elementos do Parque do Povo é desmembrado, como no caso do Sítio São João, nas suas primeiras edições fora do parque variando entre o terreno

ANO	1997	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	
GESTÃO	CASSIO CUNHA LIMA			CASSIO CUNHA LIMA			COZETE	VENEZIANO VITAL DO REGO				VENEZIANO VITAL DO REGO				ROMERO RODRIGUES				ROMERO RODRIGUES		
ACONTECIMENTOS	Palco localizado na parte de baixo e criação das camarotes							Padronização das barracas e as apresentações das quadilhas se concentra na pirâmide.								Palco é deslocado para a parte de cima do Parque do Povo, perto do Açude Novo				A organização do evento é transferida do Poder Público para iniciativa privada (Empresa Aliança)		
NOVIDADES		Inaug. da Vila Nova da Rainha	Catedral-Eldorado - Telegrafo						Catedral			Catedral			Reforma dos WC físicos e construção do piso de concreto	Catedral e Vila Nova da Rainha sai de trás da Pirâmide	-Catedral -Eldorado -Telegrafo -Beco da Pororoca	-Catedral -Eldorado -Telegrafo -Capitôlio -Abrigo Moringa	-Catedral -Eldorado -Telegrafo -Abrigo Moringa		Cidade Cinematográfica – stand de Empresas Patrocinadoras. Sede fixa do Sítio São João aberto o ano inteiro	
QUANT. PESSOAS												2,5 milhões de pessoas								Lotação para cerca de 77 mil pessoas		
NÚMERO DE BARRACAS		5.268	5.272							5.895		5.895			6.335	5.131	5.131	5.102	4.893			

\* Observação: A fachada do Cassino Eldorado cai em Campina Grande na data 03 de junho de 2014

próximo ao Teatro Municipal Severino Cabral, Manoel Tavares e Av. Brasília, para nas últimas edições dos anos de 2017 e 2018 se alojar na Av. Floriano Peixoto, ao lado do Meninão, agora como uma pequena vila aberta ao público durante todo ano, com o conjunto típico da roça contendo a casa, a capela, a casa de máquinas pra manejo dos cereais, a bodega, entre outros.

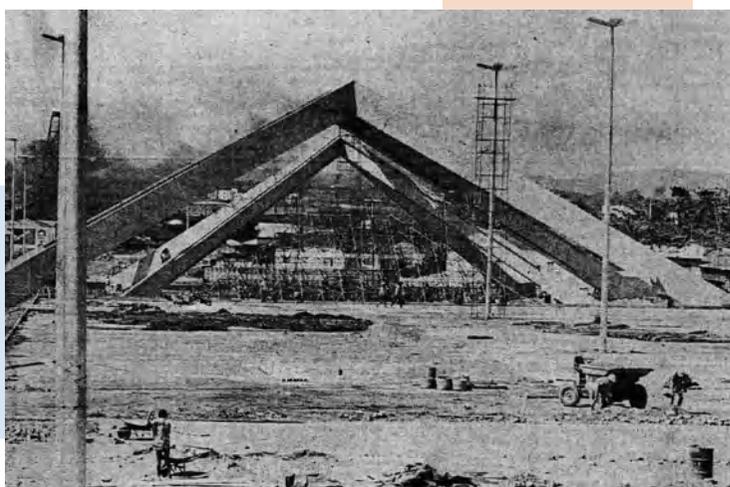
E ao especializar a festa, nos últimos 20 anos como podemos conferir a frente com os Mapas de Ocupação da Festa da última década de 2010 e de acordo com as manchetes e propagandas sobre o Maior São João do mundo é notório que a grande festa que percorria toda a cidade, hoje ocorre praticamente dentro espaço denominado Parque do Povo.

“O Maior São João do Mundo encolheu o Maior São João do mundo”.<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Fala de Aluizio Guimarães Filho no evento “Janela: O São João, o Parque do Povo e a Cidade” do dia 17 de maio de 2018



Fotografia 03 e 04: Palhoção montado nos Coqueiros de Zé Rodrigues. Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo



### Forródromo perto da inauguração

Somente chuvas em ritmo ininterupto poderão sustar a inauguração do Forródromo, no Parque do Povo, no dia 14 de maio próximo, quando uma grande festa marcará o evento, numa verdadeira révia do São João Campinense.

Cerca de 180 homens estão trabalhando dia e noite para concluir a obra (foto), que tem 23 mil metros quadrados e será a verdadeira apoteose dos festejos juninos. Construindo com duas coberturas em formas de pirâmides,

o Forródromo tem toda uma infraestrutura pra absorver sua potencialidade. A construtora prevê a entrega da obra no dia 12 de maio, dois dias antes da inauguração.

(PAGINA 8)



Fotografia 6: Ronaldo Cunha Lima em fala de inauguração do Forródromo. Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo



Fotografia 07: Parque do Povo ano de 1988. Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo

Fotografia 05: Reportagem do Jornal da Correio. Fonte: Memorial do Maior São João do Mundo

### 3.3 Algumas Reflexões

Diante do espetáculo que se tornou o Maior São João do Mundo, é notória em uma busca rápida em web sites, como a exemplo do portal: <https://saojoaodecampinagrande.com.br>, que o Parque do Povo se tornou uma espécie de “quartel general” dos festejos, puxando para si todos os olhos, tanto os das expressões culturais, como também os dos meios midiáticos, políticos e econômico. Essa atenção se estende apenas para alguns poucos eventos que ocorrem contra turno ao Parque do Povo. (Ver Mapa 04).

Ao analisarmos o mapa, é possível observar que grande parte dos espaços que possuem os olhos da mídia voltados para eles, são espaços de festas de cunho privado, a exemplo das tradicionais festa promovidas pelas casas de show Spazzio e Vila Forró, e até mesmo algumas de organização pública, como o Sítio São João que cobra taxa de entrada e

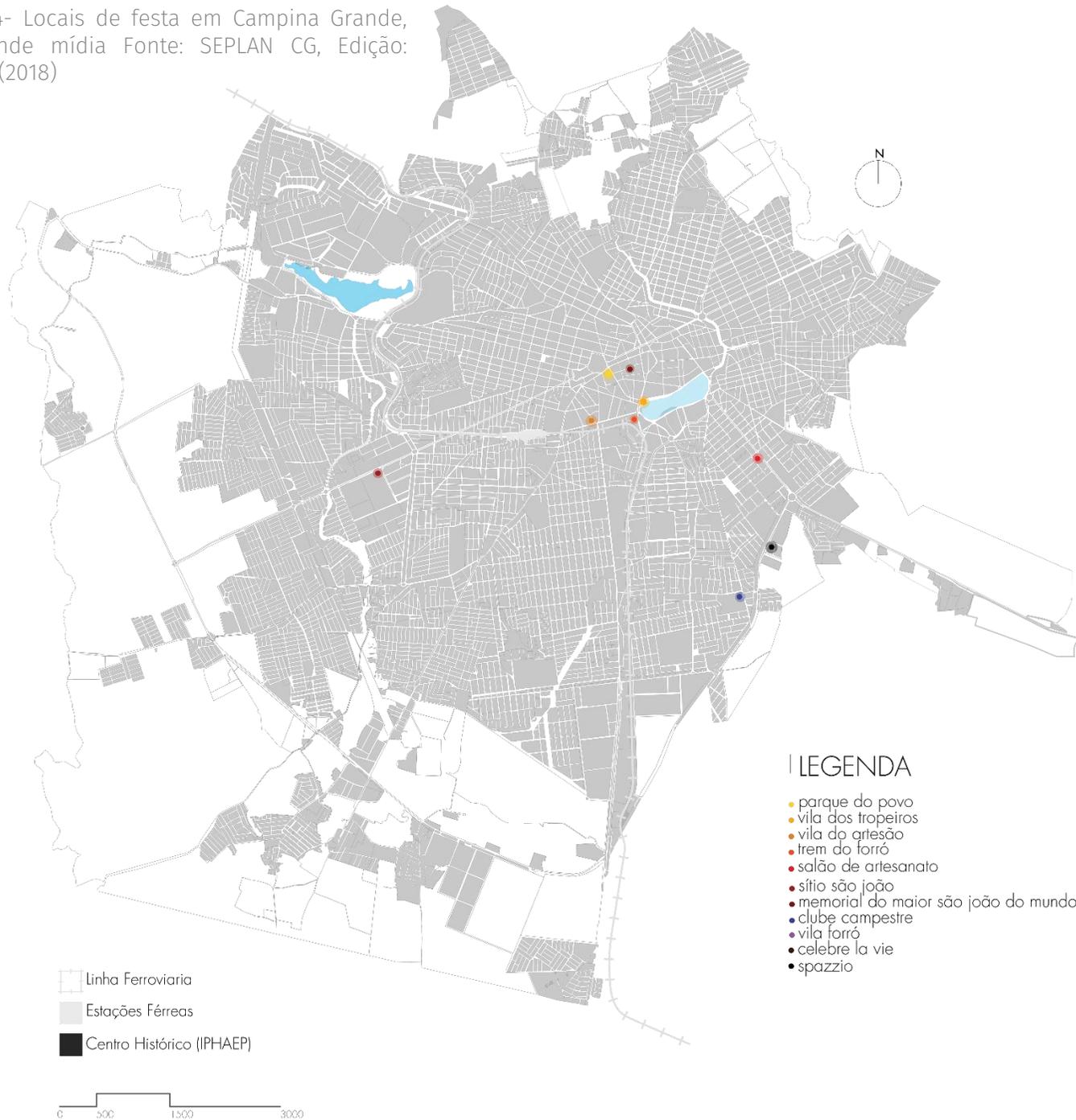
mesmo que de forma “simbólica” o próprio Parque do Povo, que apesar de possuir entrada franca, a cada edição cresce mais o número de camarotes e barracas de grandes restaurantes que possuem preços muitas vezes fora do alcance majoritário da população.

Diante desse processo chamado “camarotização”, vale a pena entender um pouco



Figura 08: Captura de Tela do site.  
Fonte: [saojoaodecampinagrande.com.br](https://saojoaodecampinagrande.com.br)

Mapa 04- Locais de festa em Campina Grande, PB, Grande média Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)



melhor desse crescente aumento do número de áreas privadas em festas de cunho público. Costume que nasce de forma espontânea nos carnavais, de forma bem embrionária na década de 1920, quando os moradores colocavam cadeiras em suas ruas à espera do desfiles de Corso “Aproxima-se o Carnaval e como acontece todos os anos, algumas pessoas começaram a se movimentar no sentido de colocar cadeiras na Avenida Sete para assistir o Carnaval “de camarote” (CADEIRAS, 1956).

Porém só a partir da década de 1980 é que o primeiro camarote contendo a estrutura similar a dos dias atuais é montada em Campo Grande, bairro de Salvador (BA) no intuito de receber políticos e autoridades, interessados na crescente popularidade do *megaevento*.

Impulsionando assim outros empreendimentos, como a exemplo da “casa de Daniela” no Carnaval de Salvador, onde em sua primeira edição já encontravam cambistas comercializando a entrada por cerca de 15 vezes o salário mínimo do ano. Tamaña investida abriu olhos de patrocinadores e do público de alto poder aquisitivo.

O fenômeno da camarotização, percebido no circuito Barra/Ondina, é desdobramento da própria arquitetura afro-elétrico-empresarial (MIGUEZ, 1998) do Carnaval, se tornando dependente da trajetória do mesmo. Esse novo negócio só deu certo devido a força que a festa baiana tem diante as inspirações, e diversos símbolos além de possuir uma área geográfica suficiente para que convivesse o popular ao luxo.

O camarote, não está ali apenas para ver o bloco, muitas vezes ele está ali pra se ver! Ele está, hoje, olhando muito mais para dentro do que para fora, os,

# FALTA UMA SEMANA!

**VALORES  
PARA O DIA  
01 DE JUNHO**

**ESTUDANTE**

**R\$ 75,00**

**INTEIRA**

**R\$ 150,00**

**AMIGO ARRETADO**

**R\$ 95,00**

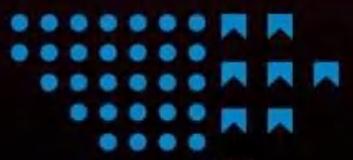
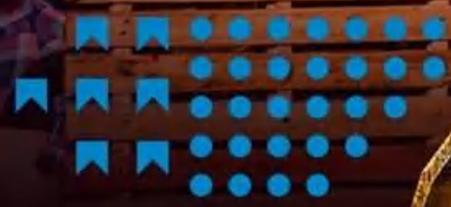


Figura 09: Divulgação Camarote Arretado. Fonte: facebook.com/pg/CamaroteArretadoOficial

shows inclusive mostram isso. Durante os shows, por exemplo, a área de show fica lotada e as varandas dos camarotes ficam bem vazias. (NERY *apud.* ANDRADE (2015, p. 42).

Esse costume de privatizar “pequenos” espaços ganhou outros tipos de festas, como as festas sertanejas ou até mesmo dentro das festas privadas, onde são criadas subáreas que por um valor maior você adquire alguns benefícios para assistir ao show junto ao status. Esse formato de festa é replicado ao Maior São João do Mundo a partir do ano de 1997 na gestão do Prefeito Cássio Cunha Lima e desde então essas áreas privadas ganham cada vez mais espaço.

Cabendo a questão “São João para quem?” já que é uma festa do povo em um espaço do povo, mas com preços não acessíveis a grande massa desse povo.

Nas últimas edições dos anos de (2017/2018), na gestão do prefeito Romero Rodrigues, a festa que era de iniciativa pública passa a ser uma parceria de cunho Público- Privada (PPP), firmada entre a Prefeitura Municipal de Campina Grande e a Empresa Aliança Comunicações e Cultura, tornando cada vez mais forte o processo de mercantilização da festa, fomentando o fenômeno da camarotização, transformando o parque que é do povo, cada vez mais de uma minoria pagante.

Além do processo excludente, a mercantilização da festa afeta a mesma de diversas formas, outra maneira bem simbólica é diante as atrações que são contratadas para animarem as noites de festa, pois para que se obtenha cada vez mais a casa cheia (o que gira em torno de quase 80 mil pessoas), é costume agora a presença de artistas, de outras veias culturais, como o sertanejo, abrindo precedentes para os artista da terra soltarem críticas sobre:

"Eu não tenho nada contra nenhum artista, nada contra nenhum sertanejo. Tem espaço pra tudo, no céu cabem todos os artistas, ninguém atropela ninguém", disse Elba, que ressaltou "Porém, eu não toco na Festa de Barretos, Dominginhos também não cantava. A festa é deles, é dos sertanejos, e eles têm bem essa coisa: essa área é nossa."

(Elba Ramalho em entrevista <sup>7</sup>)



Fotografia 08. Elba Ramalho.  
Fonte: Marcelo Ribeiro

<sup>7</sup> *Entrevista com Elba Ramalho em* <http://saojoao.leiaja.ne10.uol.com.br/noticias/2017/06/05/elba-ramalho-critica-artistas-sertanejos-na-programacao-do-sao-joao>

Outra problemática que podemos trazer à reflexão é a sobrecarga físico- espacial, pois todas as ações tendem a ser voltadas a ocorrer no espaço do Parque do Povo, apesar de possuir 133.547 m<sup>2</sup> ao juntar o número de visitantes, barracas, palhoças, palcos, standers, cidade cenográfica, e as atrações de grande público.

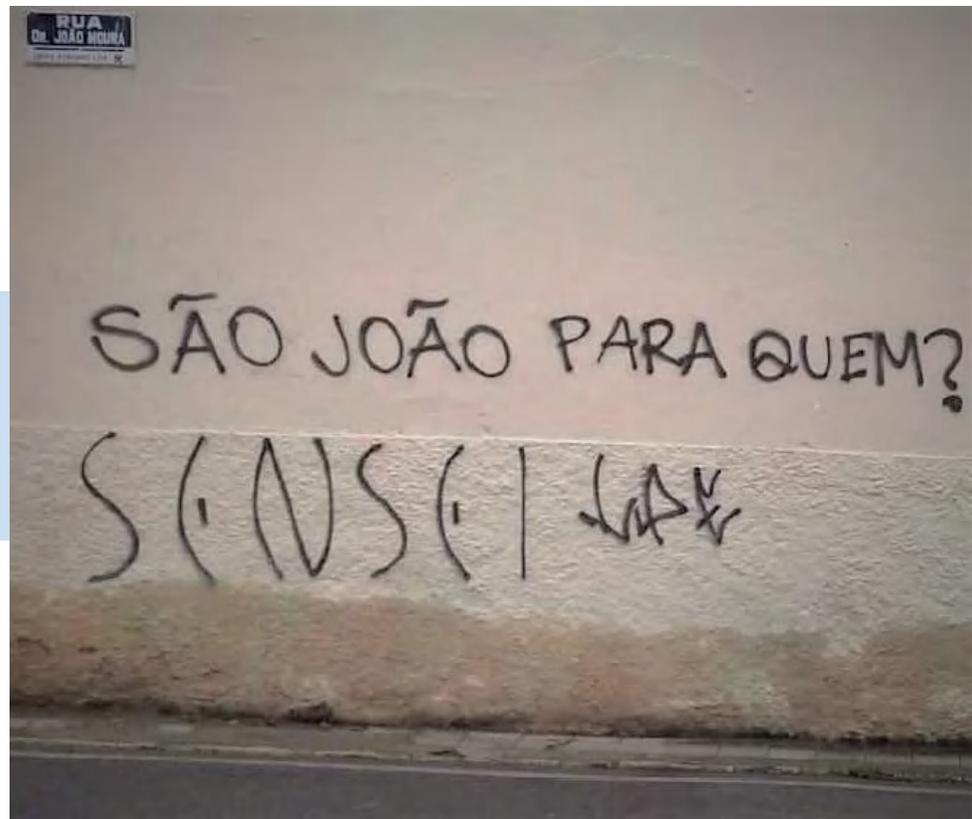
Esse inchaço leva a organização da festa a propor mudanças do endereço do parque do povo para outras áreas, levantando inúmeros debates na cidade, como regularidade da transferência do local, e o distanciamento da área da festa de um local central, com diversos modais de acesso, para espaços mais distantes, com dificuldade de acesso de forma ampla, acaba fomentando cada vez mais a questão “São João pra quem?”

As promessas iniciais era para a mudança já ocorrer no ano de 2018, o ‘Maior São João do Mundo’ mudaria quase que completamente. O Parque do povo, que durante décadas foi o ‘quartel general do forró’, perde os palcos e fica apenas com a tradicional Pirâmide, que será transformada em arena para apresentação de quadrilhas juninas. A festa ganhará o Polo de Eventos Ronaldo Cunha Lima, que fica próximo à fábrica Caranguejo e Estação Velha e será ligado ao Parque do Povo por um corredor (cerâmica especial será implantada demarcando esse caminho) a nova área, será instalado o Museu da Sanfona, os palcos e uma área para contemplar apresentação de poetas populares e literatura de cordel.

Além das questões levantadas sobre a acessibilidade, essa mudança questiona quais os reais valores que a festa hoje traz mediante a salvaguarda do matrimônio imaterial que são os festejos juninos, a partir do momento que apresentações culturais tão importantes para a formatação da festa hoje que são as quadrilhas é deixada “em escanteio” junto a área de

estacionamento; a criação de mais um grande pátio seco na cidade, do qual provavelmente estará sujeito a ociosidade nos meses não festivos, além de afetar uma área de proteção social diante ao Plano Diretor da cidade.

Porém ao percorrer as ruas da cidade, a atmosfera é outra. Muitos festejos ocorrem distante aos olhos dos interesses já citados, dentre eles, as festas em exaltação aos santos juninos, nas ruas dos



Fotografia 09: São João Para Quem? Fonte: autor desconhecido

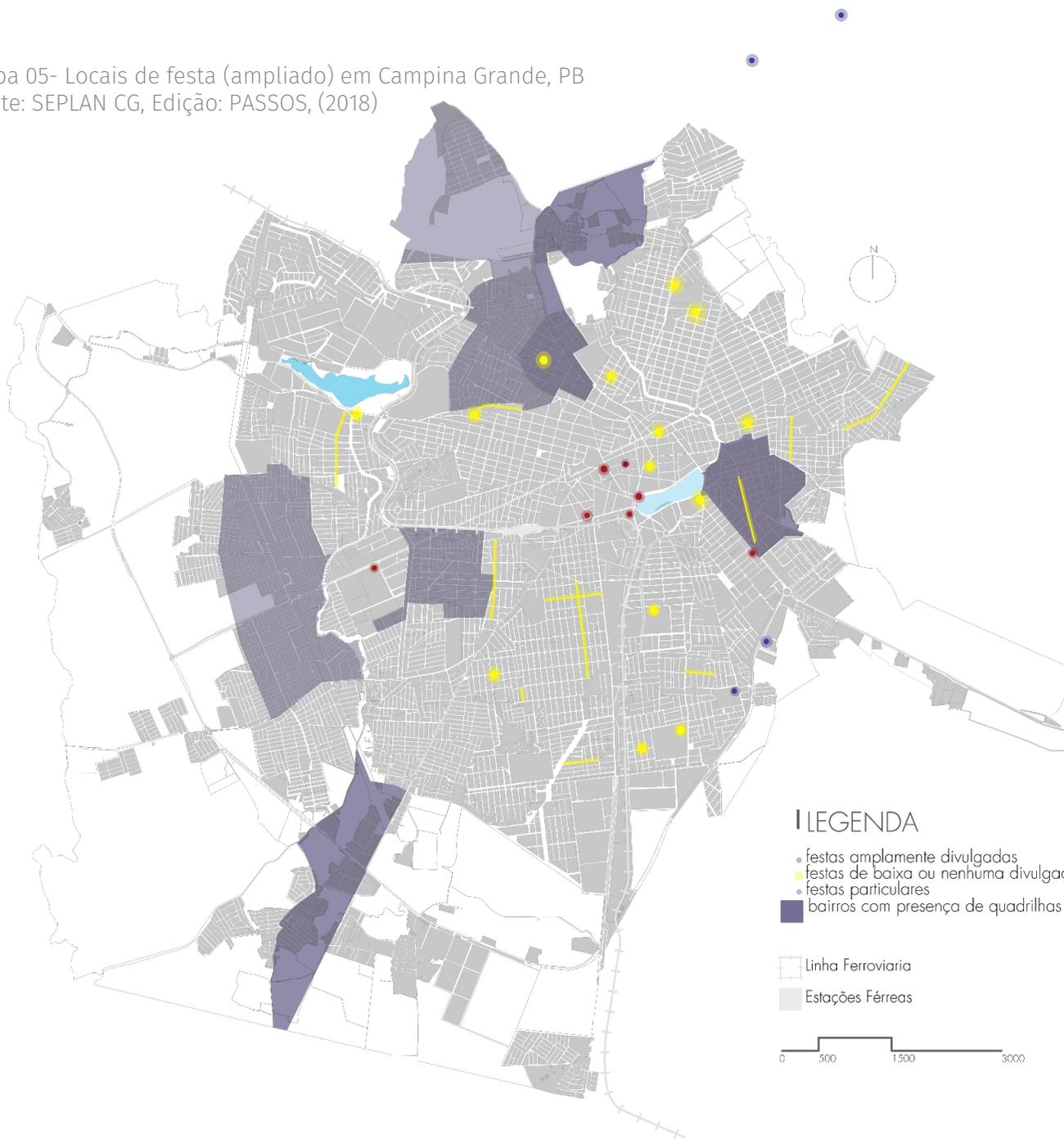


Figura 10 e 11: Proposta de novo espaço. Fonte: Codecom cg

bairros e as quadrilhas, dando maior acessibilidade física e social, promovendo acolhimento a todos que assim desejar e ampliando as territorialidades da festa que vai muito além dos divulgados na mídia. Nessa perspectiva, a festa impulsiona a metamorfose da cidade, propicia uma dinâmica particular e fomenta múltiplas apropriações assim como traz GWIAZDZINSKI (2011) (Ver MAPA 05)

Além do processo de elitização que ocorre com a exploração dos espaços consagrados midiaticamente, outro ponto pode ser somado a questão cultural, em especial a que envolve o patrimônio histórico e o turismo nas cidades contemporâneas. Termos mais recentes como cenarização e espaço-simulacro aparecem na discussão da preservação do patrimônio, e são discutidos por autores como Souza (2016). O contexto em que se insere o Parque do Povo e a questão do patrimônio da cidade de Campina Grande pode ser vista como um espaço-simulacro, que é definida por Souza (2016) como:

Mapa 05- Locais de festa (ampliado) em Campina Grande, PB  
Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS, (2018)



A outra modalidade é o espaço-simulacro, que consiste na reprodução de um sítio histórico e/ou natural. Além dos lucros obtidos na cenarização dos lugares, tanto em condomínios fechados quanto em shoppings centers e pousadas, traduzindo a tendência atual de privatização do espaço e da tentativa de recortar a realidade ou de substituí-la por imagens. Assim os sítios históricos já fetichizados são reproduzidos para um público mais restrito e elitizado, que, em geral, prefere a cópia ao original e se enaltece do privilégio de usufruir de um sítio histórico e/ou natural particular. (SOUZA, 2016, p.75).

Com relação à simulação, Baudrillard (1991) nos acrescenta que a mesma pode ser compreendida para além de um território, de um ser referencial, ou de uma substância. A simulação então é compreendida a partir da geração de modelos de um real sem origem nem realidade, o que o autor denomina de hiper-real. Complementando, o mundo da simulação e do simulacro significa a superação da metafísica. Para ele, superar a metafísica significa destruir o mundo real que há por trás do mundo aparente. Tem como base o melhoramento da realidade, se distanciando muitas vezes do que possui, fingindo ter o que não se tem, ou que se perdeu (BAUDRILLARD, 1991).

Campina Grande, assim como diversas cidades da região, sofre com a inconsistência no tocante à segurança da preservação patrimonial, seja ela de cunho material ou imaterial, como também com a ausência de sensibilidade e da valorização acerca do acervo construído. Essa questão tende a se agravar diariamente, uma vez que a pressão do setor imobiliário e a justificativa da busca por um ideal de *desenvolvimento* faz com a cidade perca exemplares de diversos estilos

arquitetônicos em uma velocidade em que, nem a população, nem os órgãos patrimoniais são capazes de impedir tal descaracterização.

Essa pressão imobiliária por um ideal de crescimento urbano, quase sempre cobra um preço caro demais. Nesse sentido, o processo reflete-se na paisagem urbana, quando procura se tornar, pelo grande número de obras ocorrendo simultaneamente, um colossal canteiro de obras contemporâneas. Também tem consequência na manifestação cultural do lugar, como no caso do Maior São João do Mundo, que com seu constante crescimento, sofre com as pressões e interesses do poder privado.

Hoje, o espaço que abriga o conhecido Maior São João do Mundo, lida com a dualidade de ser palco da cultura paraibana genuína, ao mesmo tempo em que cede cada vez mais espaço para grandes atrações musicais que fogem à temática cultural original do evento, deixando muitas vezes que artistas da terra fiquem fora da programação dos 30 dias de festa. Além disso, o lugar cria um espaço-simulacro da história da cidade, mimetizando o acervo arquitetônico campinense, atual e póstumo, por meio dos tapumes coloridos que fazem alusão ao passado, quando na verdade uma grande parcela desse acervo ainda existe logo ao lado, tentando resistir às intempéries e ao tempo. Esses tapumes tornam-se um cenário hiper-real, pois as réplicas já não se encontram no envolto do imaginário da paisagem urbana do original, mas sim uma simulação que com a tradição e fama dos festejos supera e abandona o patrimônio real, se caracterizando como Baudrillard (1991) afirma como hiper-real.

Tal abordagem fere não só as unidades das edificações que compõe o patrimônio da cidade tão esquecido, como também fere a história com um todo, pois ao pontuar apenas algumas edificações

nessa representação, é modificada a real história da paisagem urbana da cidade. Isso ocorre, pois não há como representar as relações existentes entre os edifícios, nem replicar a sua escala, seus espaços. Torna-se, portanto, falha a ideia de reproduzir o berço da cidade, pois cria-se uma área vazia de contextos e história de fato.

Atendo-se ao segundo ponto abordado, Campina Grande possui um centro histórico cada vez mais descaracterizado. Sendo um centro comercial, é comum encontrar grandes placas de publicidade cobrindo as fachadas das edificações históricas. Esse fato aliado às demolições internas dos mesmos prédios para se aumentar a área útil das lojas, acaba por desfigurar o conjunto construído de forma irreparável. Casos ainda mais complexos são os do Cassino Eldorado (Ver Figura 12) e do Cine Capitólio, que já se encontram interditados pela Defesa Civil, por constituírem áreas de risco, após terem sofrido, por tempo demais, dos efeitos do descaso e da negligência por parte da gestão municipal e da sociedade como um todo, tendo o primeiro desabado por completo, e o segundo ter apenas sua caixa mural ainda de pé.

75



Figura 12: Beco da Pororoca. Fonte: Arquivo Pessoal e site:(<https://martinsogarcicgp.blogspot.com.br>)

Mesmo diante de tantos processos de descaracterização, o Centro Histórico campinense ainda possui muita riqueza, sendo um grande acervo de arquitetura déco e moderna, com exemplares carentes de restaurações mais profundas, de cunho estrutural, enquanto outros necessitam de intervenções mais leves para que se restituam por completo e recomponham o conjunto paisagístico. (Ver figura 13)

Resta especular até quando este patrimônio material e imaterial, que é, de fato, a história erguida em verdade e em concreto e uma das maiores heranças da cidade, pagará pelo preço da indiferença de uma sociedade inteira, e esperar que o futuro tenha um desfecho menos triste e indiferente para com o patrimônio construído campinense, local que já foi símbolo de progresso e glória de uma sociedade vibrante e promissora .



Figura 13: Cassino Eldorado atualmente x replica presente no Parque do Povo.  
Fonte: site: (<https://martinsogarcip.blogspot.com.br>)



Figura 14: Xilogravura do artista pernambucano J. borges (editada pela autora)

04.

# Análises

O FORRÓ DO AMOR

J. BORGES

# 04. ANALISES

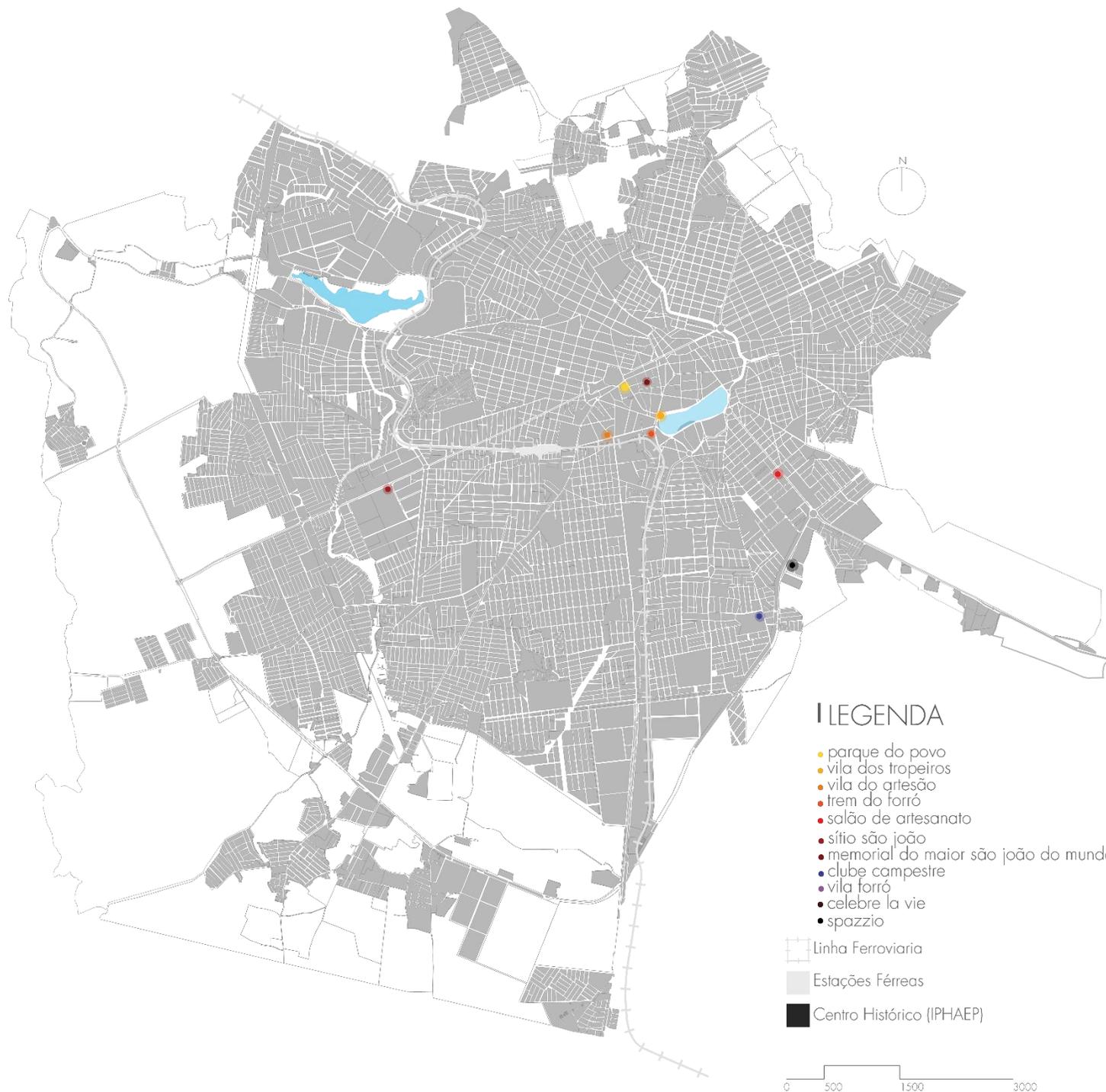
Aqui, num primeiro momento, serão expostos e avaliados os fatores que determinarão a definição dos percursos, os fatores serão:

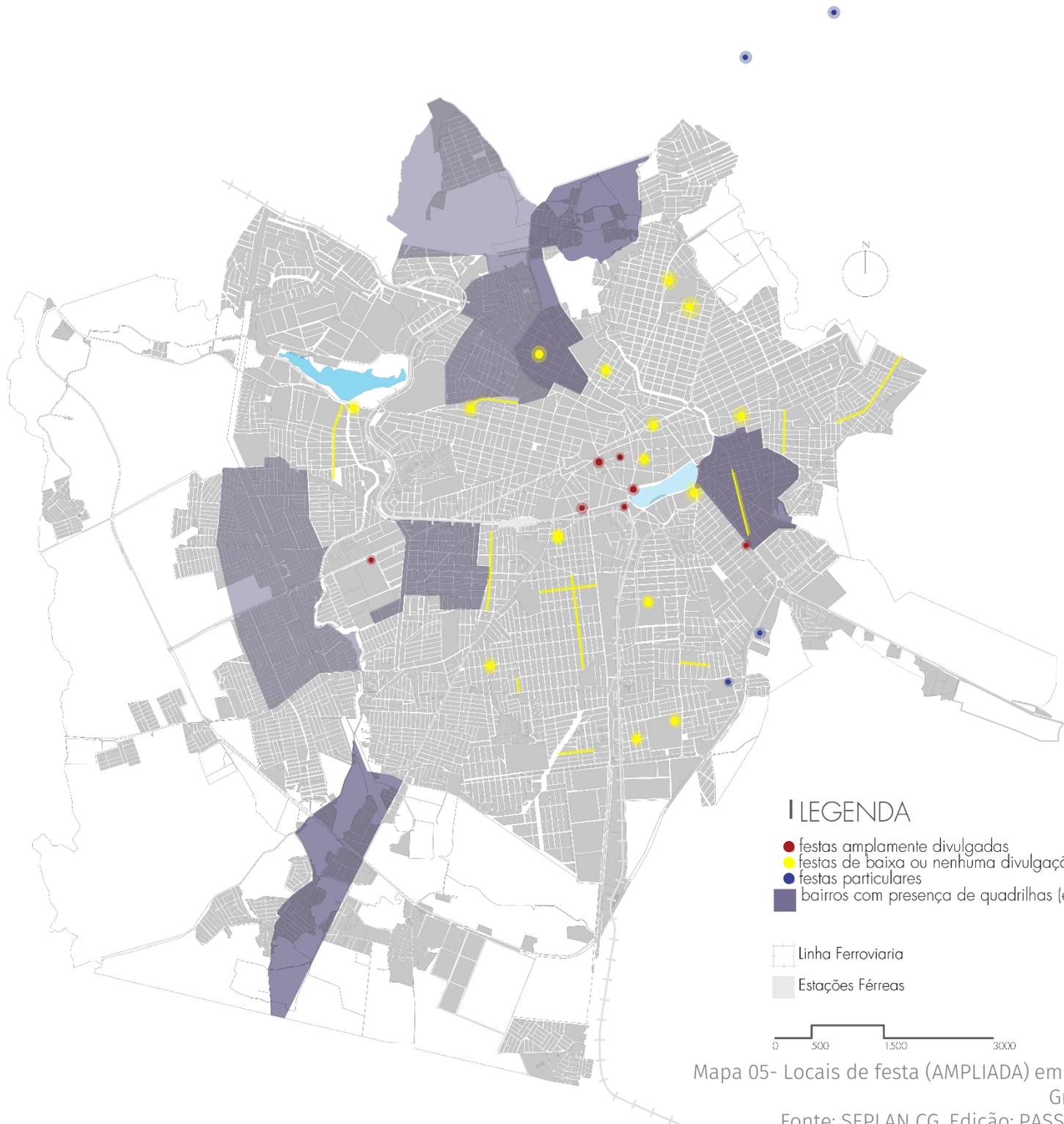
- 4.1 Localização dos pontos de festa
- 4.2 Mobilidade
- 4.3. Eixo viário
- 4.4 Espaços Livre + SAB
- 4.5 Análise de megaevento
- 4.6 Algumas associações de pontos.

## ***4.1 Localização dos pontos de festa***

Por este mapa é possível notar que as dimensões espaciais da festa são bem além das divulgadas pela grande mídia. Envolvendo diversos espaços como praças, igrejas, ruas, etc.

Mapa 04- Locais de festa em Campina Grande, PB  
Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)





LEGENDA

- festas amplamente divulgadas
  - festas de baixa ou nenhuma divulgação
  - festas particulares
  - bairros com presença de quadrilhas (estilizada ou tradicional)
- Linha Ferroviária
  - Estações Férreas



Mapa 05- Locais de festa (AMPLIADA) em Campina Grande, PB  
 Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)

## ***4.2 Mobilidade***

Nesse mapa é possível analisar a média de distancia percorrida confortavelmente pelo individuo em alguns tipos de modais de locomoção que poderá ser usado para a vivencia dos circuitos

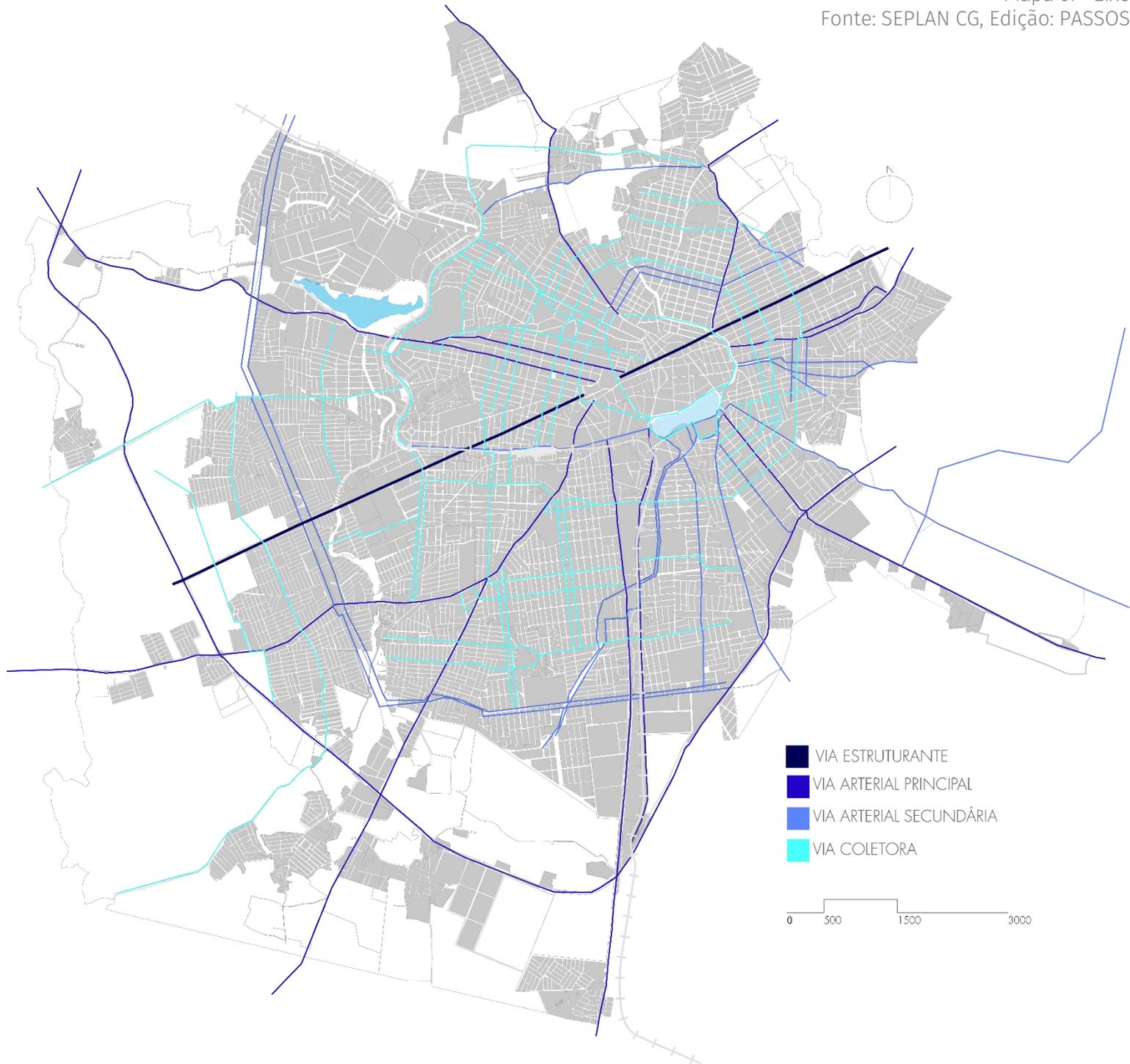


LEGENDA

- Parque do Povo
- Pedestre
- Bicicleta
- Transporte motorizado

### **4.3 Eixo viário**

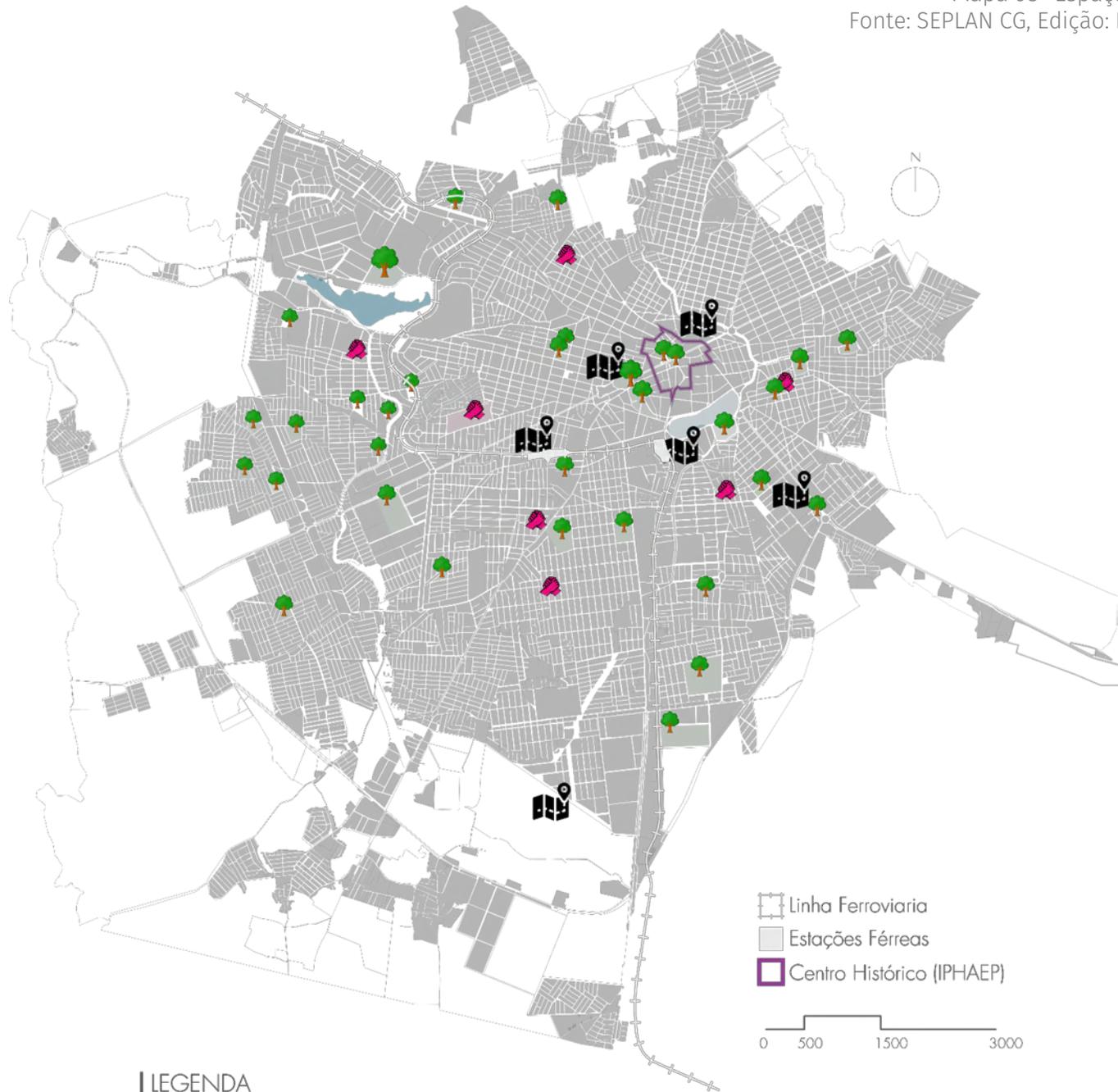
Uma análise estratégica, onde é possível classificar por onde se dará a circulação dos modais de transporte, em especial o coletivo. Com essa informação podemos determinar quais vias atenderá as necessidades de cada circuito, para que o percorrer do circuito seja feita de forma fluida.



## **4.4. Espaços Livres + SAB**

As manifestações culturais necessitam de um lugar para sua ocorrência, por isso foi levantado alguns espaços livres, espaços esses que podem ser praças, parques, pátios, largos, campos de pelada, terrenos vazios, entre outros, que possibilite ocorre atividades recreativas por não possuir grandes elementos edificados.

Já as Sociedade Amigos de Bairro (SAB) foram especializadas, devido a sua importância em articular muitas dessas manifestações culturais tanto no histórico dos festejos, como também nos dias atuais.



LEGENDA



Espaço Livre Público



SAB- Sociedade Amigos de Bairro



Áreas de Chegada

## 4.5 Análise de Megaeventos

Após pesquisa que confirma os inúmeros outros espaços de festa na cidade, é aplicada a metodologia de *megaeventos* em 3 classificação

### APROPRIAÇÃO DO ESPAÇO

Eventos de espaço fechado **F**

Eventos de rua **R**

Eventos de concentração **C**

Eventos de fluxo **X**

### MANCHA DE OCUPAÇÃO DA FESTA

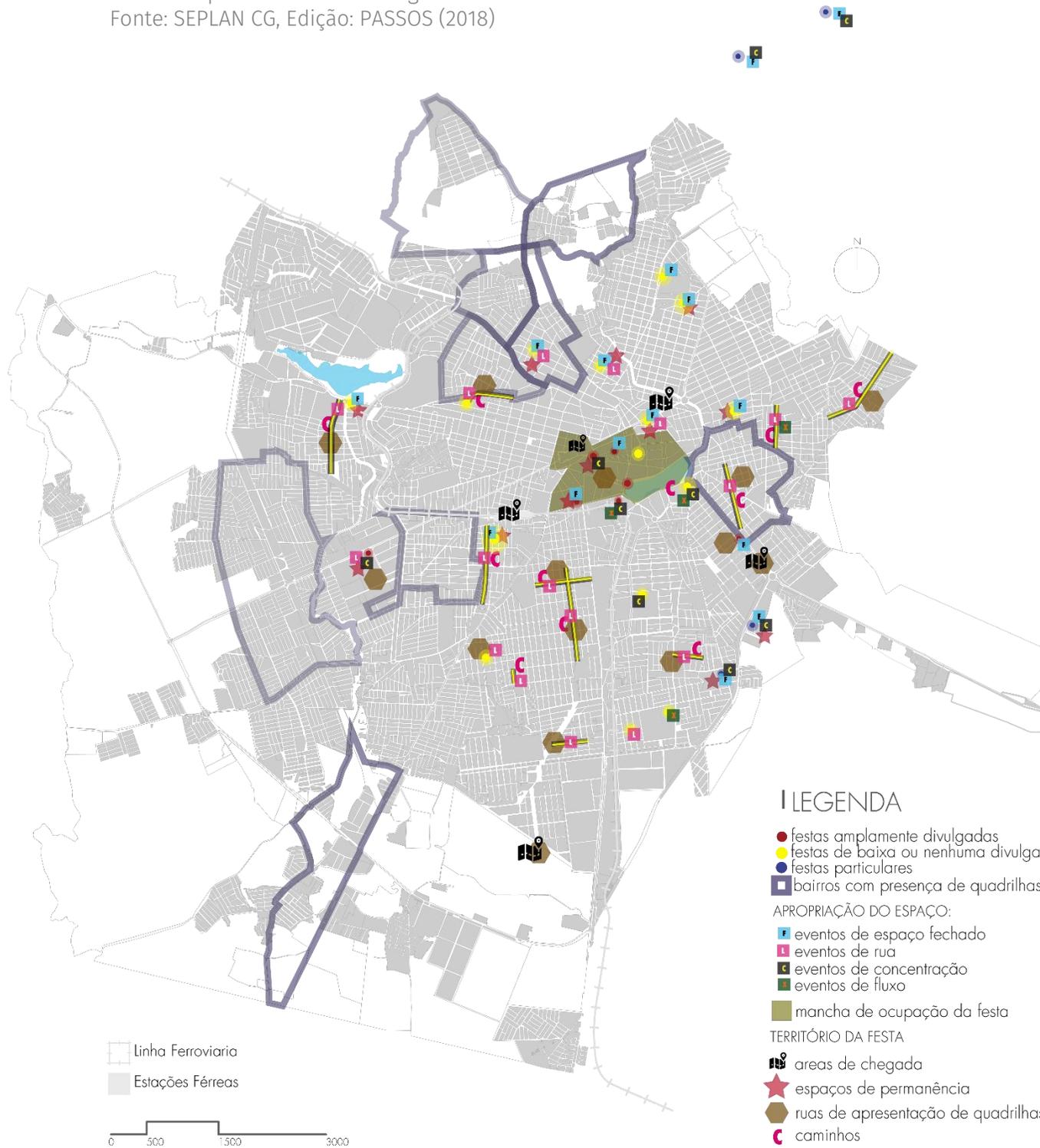
### TERRITÓRIO DA FESTA

Áreas de chegada 

Espaço de permanência 

Ruas de apresentação de quadrilhas 

caminhos **C**



## 4.6 Algumas associações e pontos

1

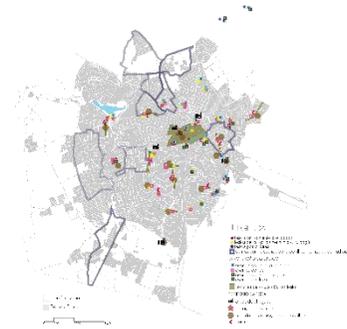
Elevada presença de eventos de largo “rua”, ocorrendo próximo aos espaços públicos (praças, parques, campos de “pelada”)

2

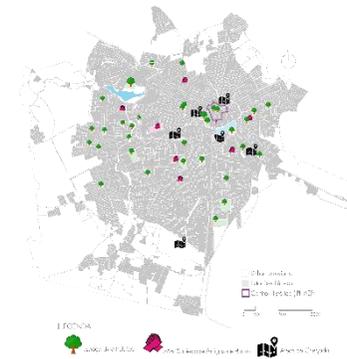
Área central com elevada presença de eventos gerando uma alta concentração de visitantes.

3

Os bairros que possuem presença de quadrilhas necessitam de maiores investimentos estruturais, para que possa possibilitar maior viabilidade de ensaios e apresentações

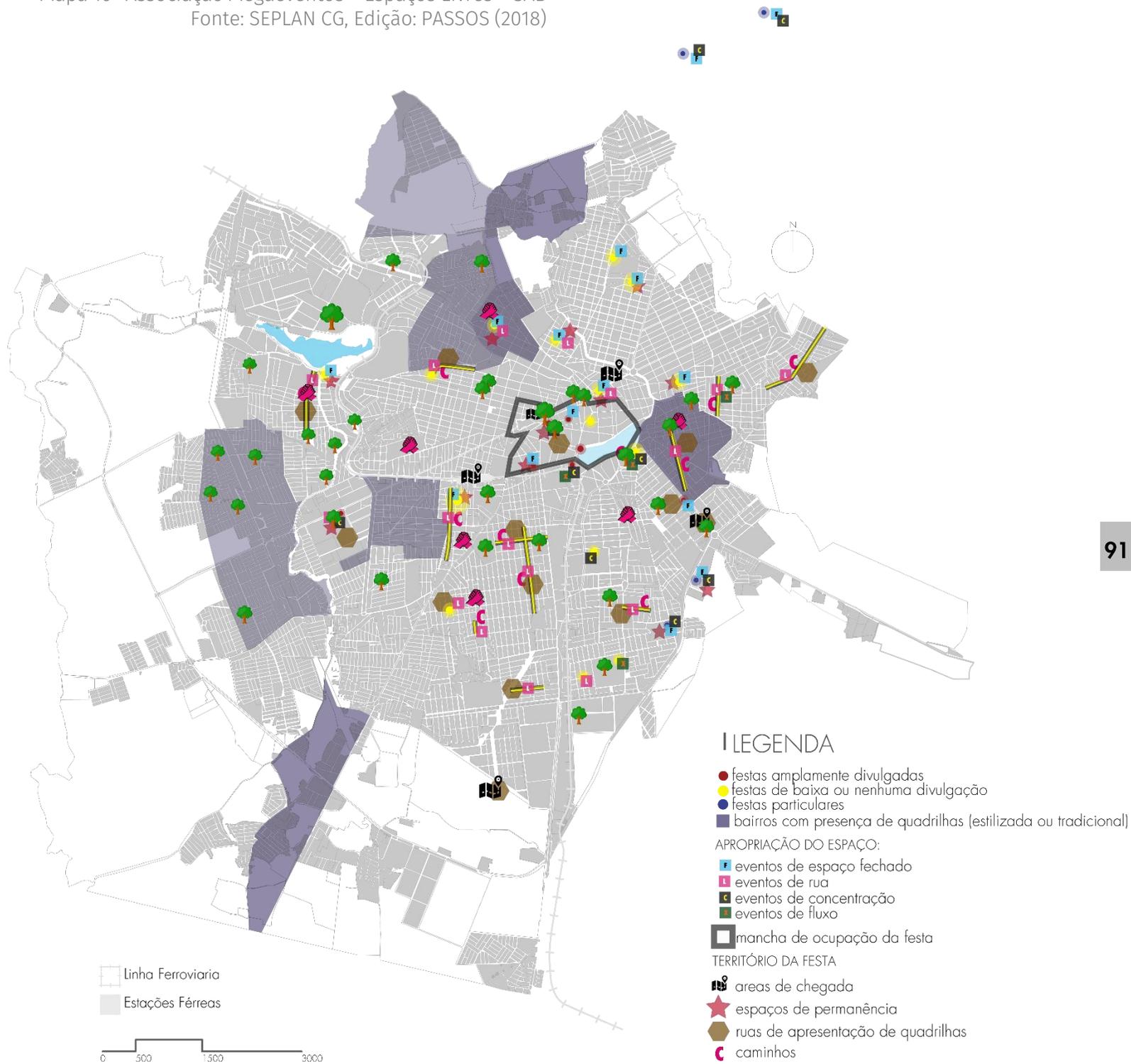


Mapa de análise de *megaeventos*



Mapa espaços livres + SAB

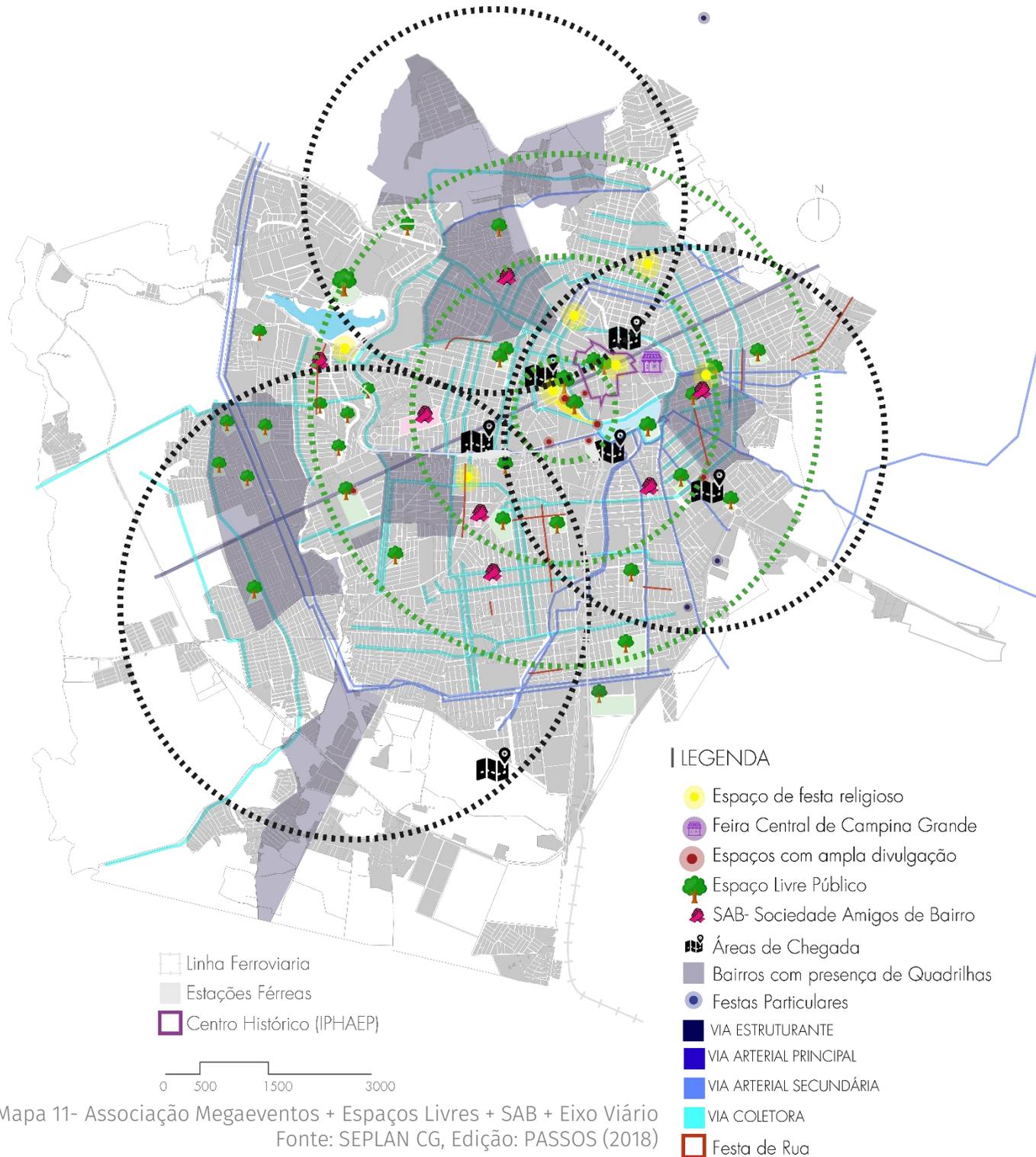
Mapa 10- Associação Megaeventos + Espaços Livres + SAB  
 Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)



## ***Espaços livres + SAB com Mobilidade + Eixo viário***



Por fim, ao unir todos os fatores de análise, a situação dos espaços nos mostrará 3 grandes possíveis áreas de concentração e a partir delas se desmembrará nossas rotas



Mapa 11- Associação Megaeventos + Espaços Livres + SAB + Eixo Viário  
 Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)

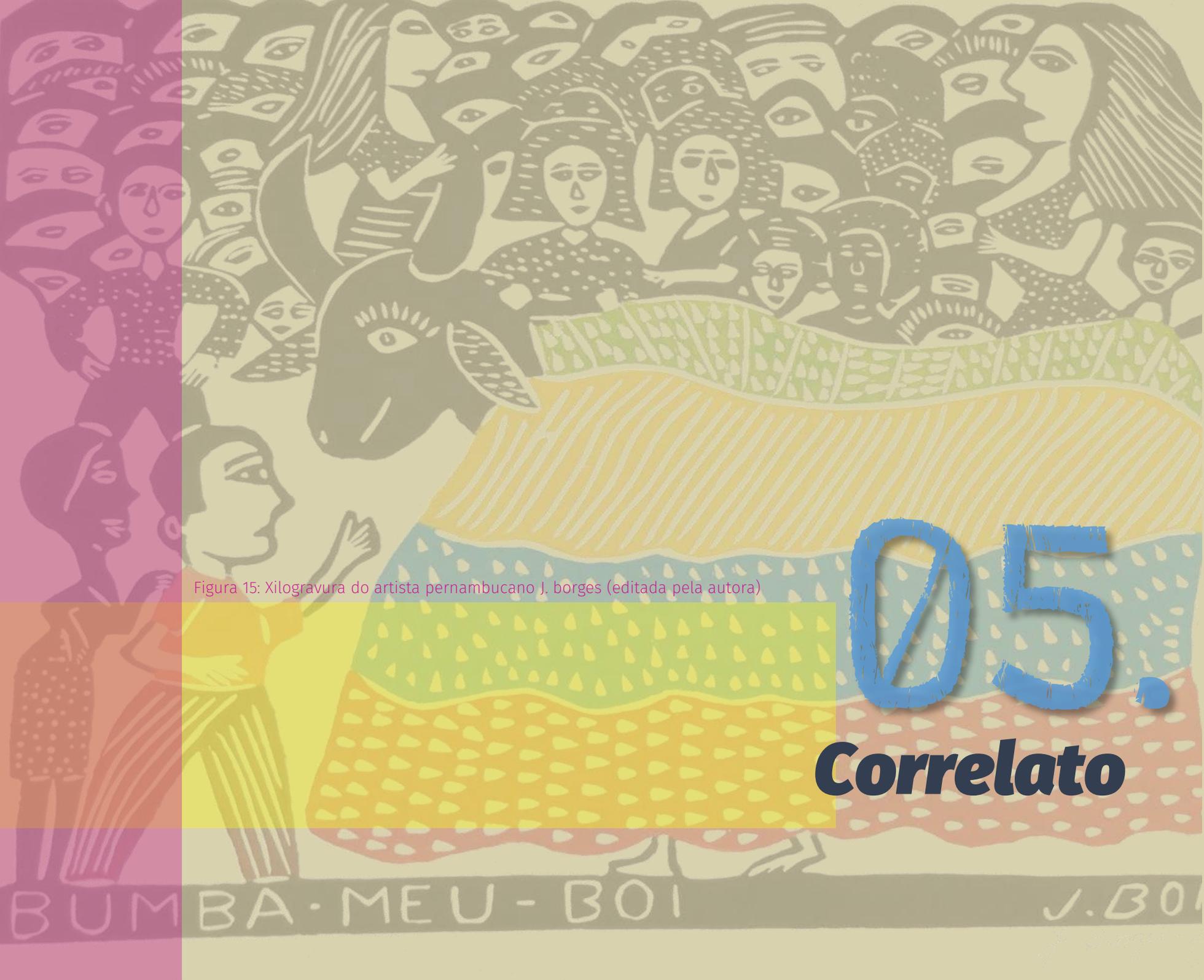


Figura 15: Xilogravura do artista pernambucano J. borges (editada pela autora)

05.

**Correlato**

BUMBA-MEU-BOI

J. BORGES

## 05. PROJETO CORRELATO

No intuito de compreender os aspectos mediante a realização de estudos de caso, na tentativa de com projeto semelhante ao que se propõe neste trabalho; o projetos de referência foi selecionado, de maneira que pudesse responder de forma mais incisiva às questões relativas à ações e diretrizes que podem interferir de forma positiva no produto final desde trabalho. Dessa forma, a seleção do projeto para estudo contemplou, principalmente, a relação do patrimônio cultural, com suas marcas de memória e historicidade à necessidade de medidas de conservação tirando partido o uso do meio urbano. Apresentaremos a seguir, o projeto de referência, com uma síntese analítica, que servirá de embasamento ao desenvolvimento do circuito junto à algumas recomendações a serem tomadas para o planejamento da cidade efêmera que é o São João em Campina Grande.

## 5.1 Plano Reconstruir o Centro (2001) – Desdobramento do Plano: Projeto Bid- Monumenta – Promoção da Recuperação do Patrimônio Histórico

### Ficha Técnica

**Ano:** Iniciativas a partir do ano de 2001

**Área:** Centro de São Paulo <sup>8</sup>

**Projeto:** Estrutura Organizacional – (ONG Associação Viva o Centro + Paulo Mendes da Rocha + Comunidade + Prefeitura)

O Projeto de revitalização do centro da cidade de São Paulo é um amplo programa de requalificação que conta com a ONG Associação Viva o Centro, para que possa **articular e unir os atores públicos e privados da sociedade civil**, que serão atuantes no projeto “Corredor Cultural” que previa a valorização e qualificação do projeto através do desenho urbano e aproveitamento de dinâmicas pré-existentes e organizando em um só plano de ação as iniciativas pontuais já existentes.

O espaço público é redesenhado de forma a funcionar como “**elemento integrador**” do plano, por meio da reestruturação do espaço público, por em comunicação os polos isolados de atividades relevantes de maneira a produzir sinergia entre esses polos e destes com a rua.

---

<sup>8</sup> O Centro de São Paulo é formado pelos distritos da Sé, República, Bom Retiro, Pari, Brás, Cambuci, Liberdade, Bela Vista, Consolação e Santa Cecília e, administrativamente, corresponde ao total da área sob jurisdição da Subprefeitura Sé. A população moradora dos dez distritos que compõem o Centro é de 411915 habitantes, a qual diminuiu 19,78% entre 1991 e 2000. O Corredor Cultural é apenas um pequeno trecho no interior dos distritos República e Sé (Administração Regional da Sé, 2001:17)

## 5.1.1 Breve Histórico

- 1) A expansão urbana da cidade está associada a ao ciclo cafeeiro e as infraestruturas necessárias para suporte as dinâmicas do ciclo. – Ligação entre o interior produtor de café e o Porto de Santos.
- 2) Núcleo urbano paulista inicial: TRIÂNGULO, delimitado pelos vértices Convento de São Francisco, pelo Convento do Carmo e pelo Mosteiro de São Bento.
- 3) O ciclo cafeeiro estimula o rompimento dos limites do período colonial e estimulou o crescimento na direção do “cinturão das chácaras”, essa aglutinação da malha urbana crescente dava-se por meio de loteamentos
- 4) 1892 é inaugurado o Viaduto do Chá – 1920 fica aboletado, não realiza articulação com a Praça Patriarca.
- 5) 1941 O centro novo inicia a ser verticalizado, promovendo uma série de transferências sucessivas do centro de forma econômica, provocando um esvaziamento do centro histórico.

## 5.1.2 Caracterização da Área de Intervenção

- 1) Corredor cultural- pequena área do denominado Centro de São Paulo (trechos no interior dos distritos República e Sé);
- 2) O plano visa que com suas ações seja requalificado um sistema de espaços públicos (ruas, passeios, praças,...) + espaços que fazem referência ou limitem os marcos referenciais da história da cidade;
- 3) Área servida por uma completa rede de transporte públicos – ônibus, metrô e táxis – núcleo do sistema viário radial permitindo acessibilidade diversificada;

Legenda fig. 14

### CORREDOR CULTURAL

- Edifícios públicos, largos e praças

1.Praça D. José Gaspar

2.Teatro Municipal

3.Praça do Patriarca

4.Centro Cultural Banco do Brasil

5.Praça da Sé

6.Largo São Bento

7.Largo São Francisco

8.Catedral da Sé

9.Largo da Misericórdia

10.Pátio do Colégio

11.Palácio das Industrias

12.Mercado Municipal

13. Correio

### Edifícios referenciais privados

▲ Estação de metrô

14.Largo do Passandu

15. Praça da Republica

16.Antigo Colégio Caetano Campos

17. Edifício Copan

18. Câmara Municipal

19. Largo do Café

20. Edifício Martinelli

21. Shopping Light

22. Sala São Paulo (OSESP)

23. Antigo DOPS

24. Estação da Luz

25. Pinacoteca do Estado



Figura 16. Caracterização da área de intervenção.  
Fonte: Intervenção em Centros Urbanos



### 5.1.3 Ações

É necessário significativos investimentos de recursos capazes de atualizar as diversas infra-estruturas, recuperar patrimônios históricos, agregar funções urbanas complementares e atrair novos usuários.



1. introdução da acessibilidade e mobilidade, por meio da integração intermodal, capaz de articular trajetos mistos, compondo três tipos básicos de locomoção: por automóvel, por transporte público e a pé;



3. Reforma da Praça do Patriarca



5. O Estado e o município transfere inúmeros órgãos, empresas públicas e secretarias para a área central



7. Contrapartidas financeiras por meio da Operação Urbano Centro



2. Associação Viva Centro promove ações reflexivas sobre o Centro



4. Recuperação da antiga agência do Banco do Brasil para transformá-la em um centro cultural do mesmo



6. Intervenção de requalificação urbana



8. Estimulo para a ida de equipamentos como hotéis, escolas, Edif. Residenciais, estacionamentos

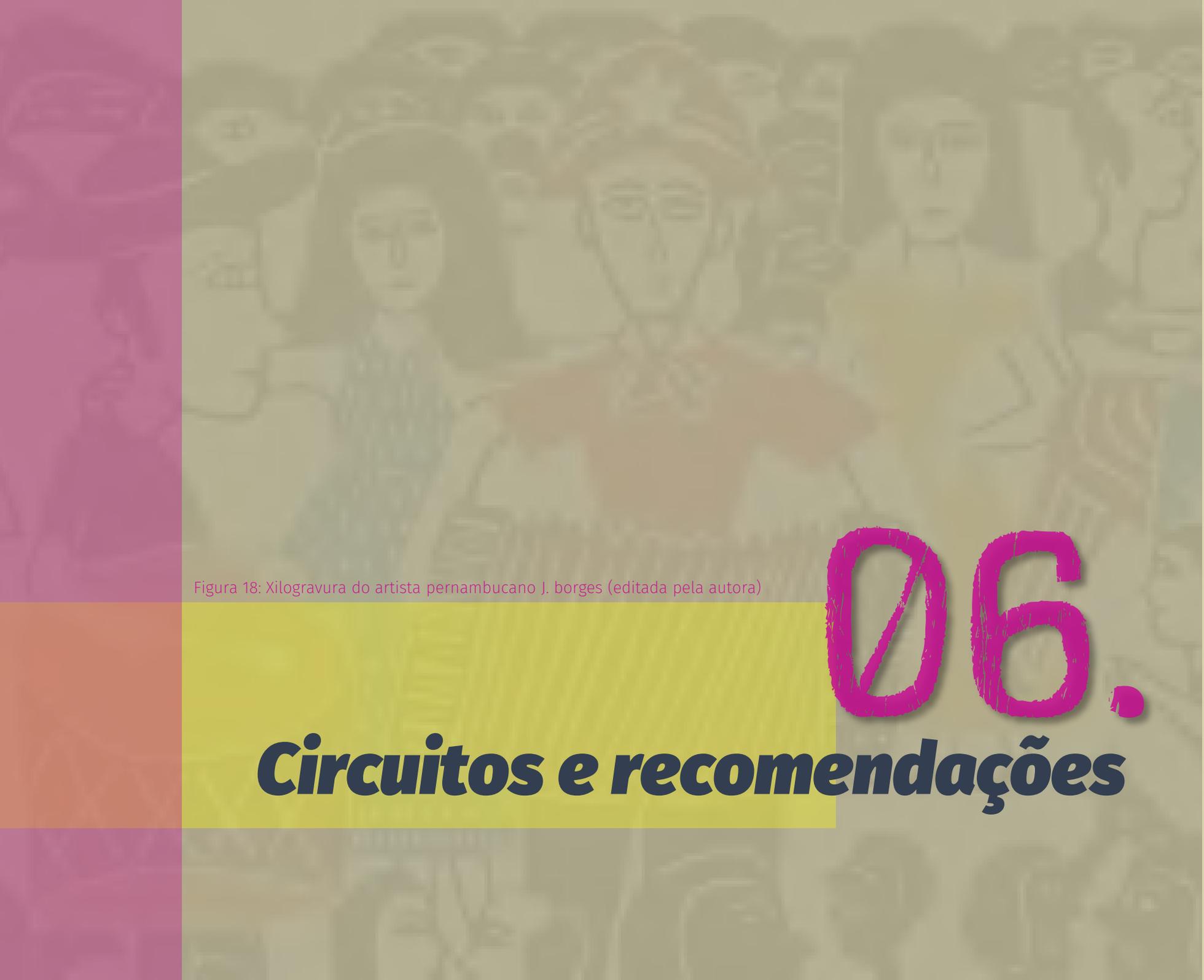


Figura 18: Xilogravura do artista pernambucano J. borges (editada pela autora)

06.

## ***Circuitos e recomendações***

## 6.1. Circuitos

A partir das análises obtidas no capítulo 04 deste trabalho, e diante ao objetivo conectar os espaços palcos dos festejos juninos, incluindo elementos como os espaços públicos, as SAB e pontos religiosos que festejem os santos juninos.

Por meio das etapas:

**1**

Identificar os núcleos que agem como palco das manifestações culturais no período junino.

**2**

Definir os possíveis circuitos urbanos e seus destinos finais.

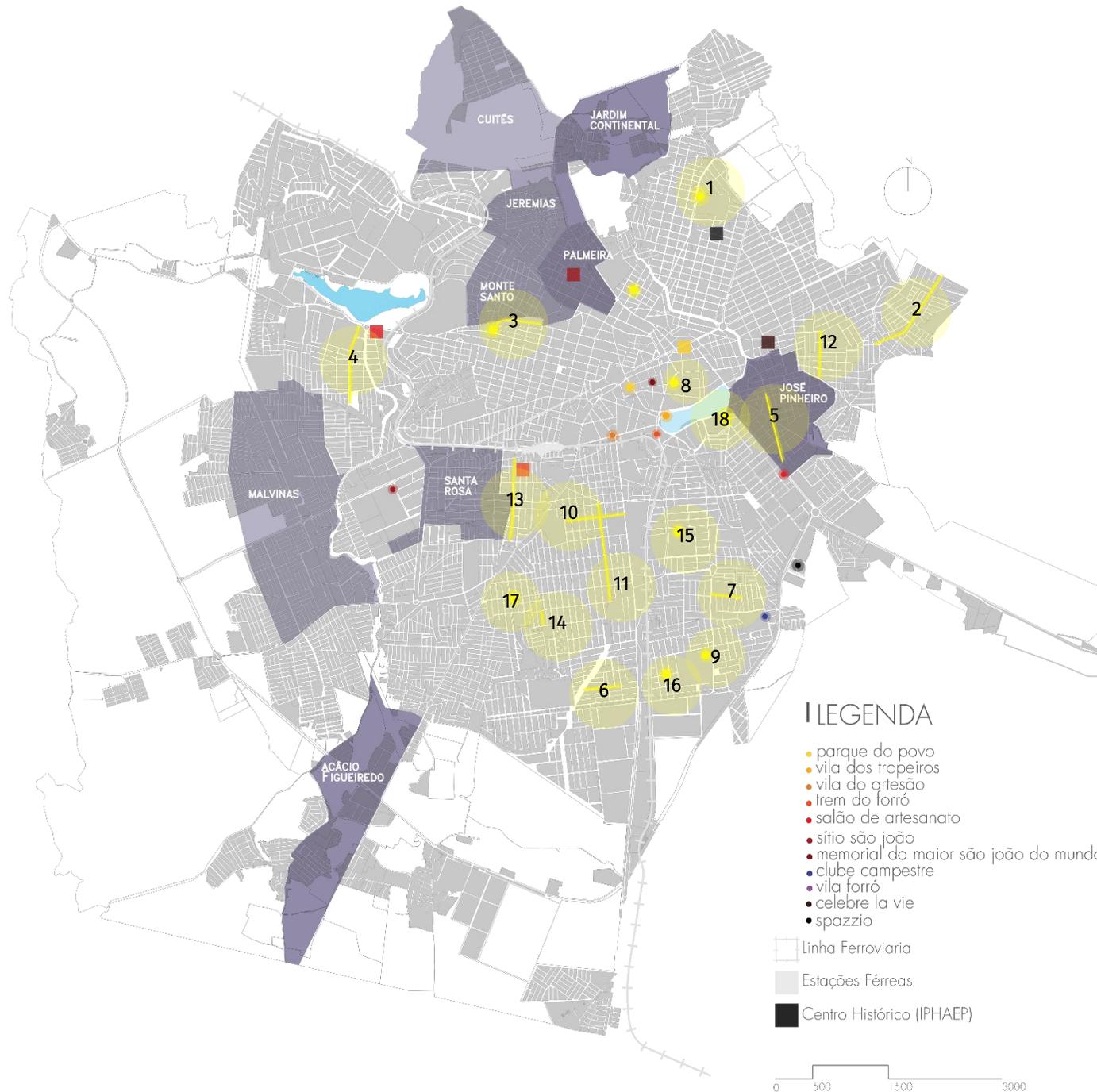
**3**

Articular os núcleos festivos através da construção de um “sistema” análogo a um sistema de espaços livres públicos, potencializando esses trajetos a partir da criação de uma identidade visual obtida por meio de um desenho urbano; mobiliário e instalações

**4**

O Parque do Povo foi considerado ponto de partida, com exceção da rota de trem

Mapa 05- Locais de festa (ampliado) em Campina Grande, PB  
 Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS, (2018)



- catedral
- comunidade são joão batista
- comunidade são pedro
- igreja são pedro
- paróquia de santo antônio
- são joão maria vianney

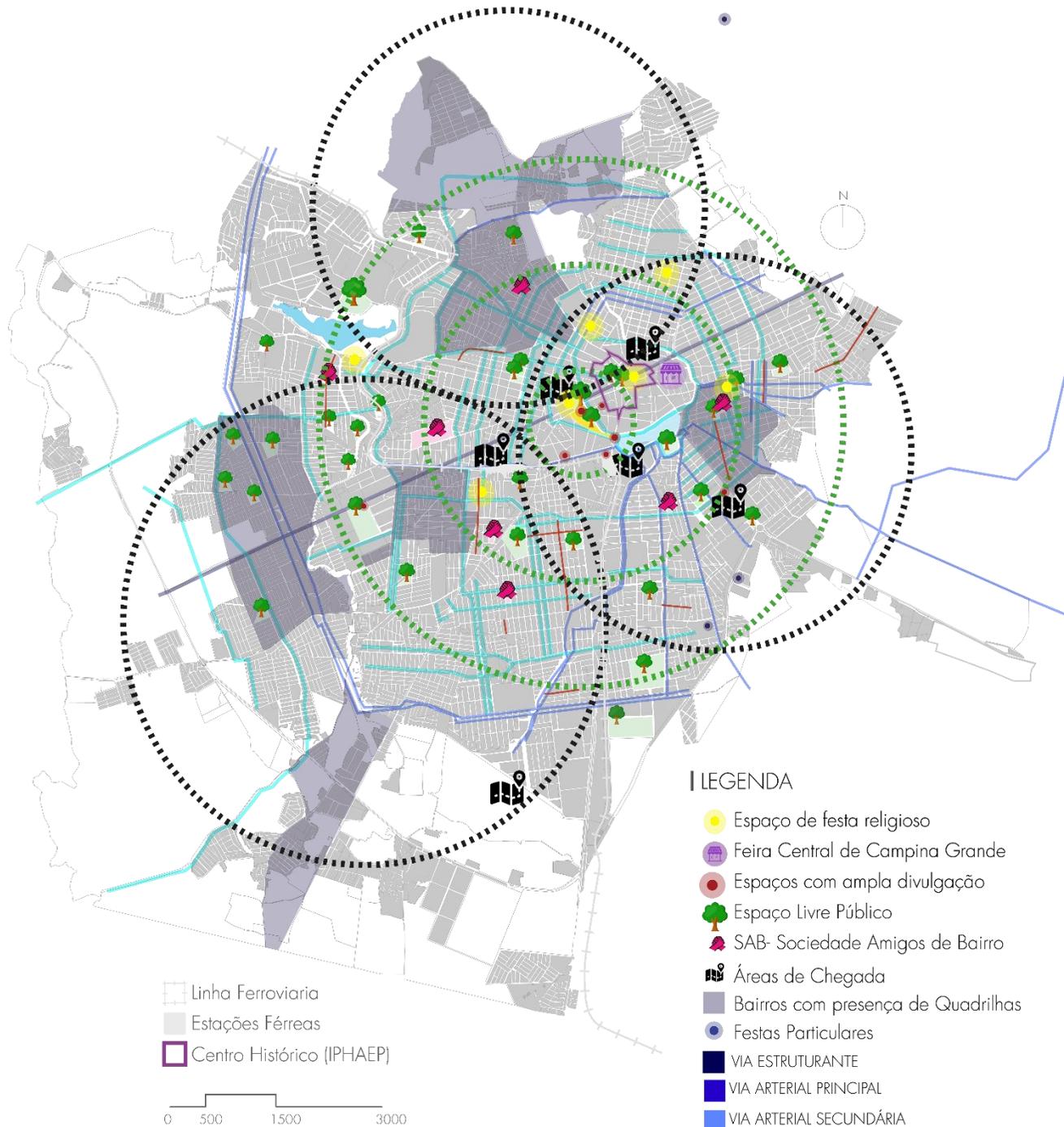
LEGENDA

- parque do povo
- vila dos tropeiros
- vila do artesanato
- trem do forró
- salão de artesanato
- sítio são joão
- memorial do maior são joão do mundo
- clube campestre
- vila forró
- celebre la vie
- spazzio

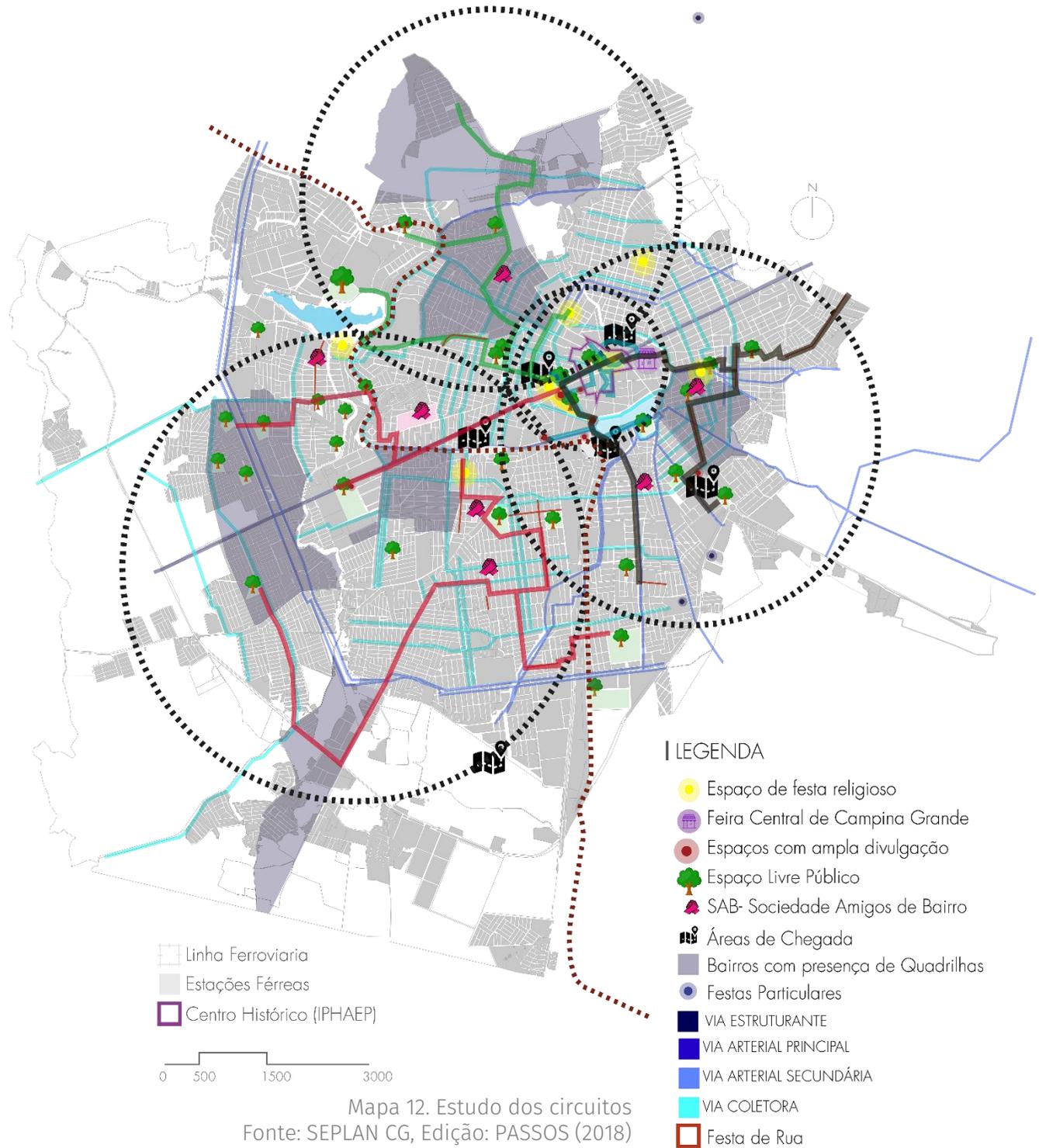
- ▬ Linha Ferroviária
- Estações Férreas
- Centro Histórico (IPHAEP)



1. CEASA
2. Rua Papa João Paulo I (Nova Brasília)
3. Rua sargento Hermes Ferreira Ramos (Bela Vista)
4. Rua Forípedes Coutinho (Bodocongó)
5. Rua Campos Sales (José Pinheiro)
6. Rua Manoel Alves de Nascimento (Dinamérica)
7. Rua Manoel Alvez de Oliveira (Sandra Cavalcante)
8. Memorial do São João
9. Estádio Amigão
10. Rua Acre (Liberdade)
11. Rua Santa Catarina (Liberdade)
12. Travessa Josino Agra (Santo Antônio)
13. Rua João Nunes Figueiredo
14. Severino Muniz (Jardim Paulistano)
15. SAB Catolé
16. SAB Tambor
17. SAB Quarenta
18. Parque da Criança

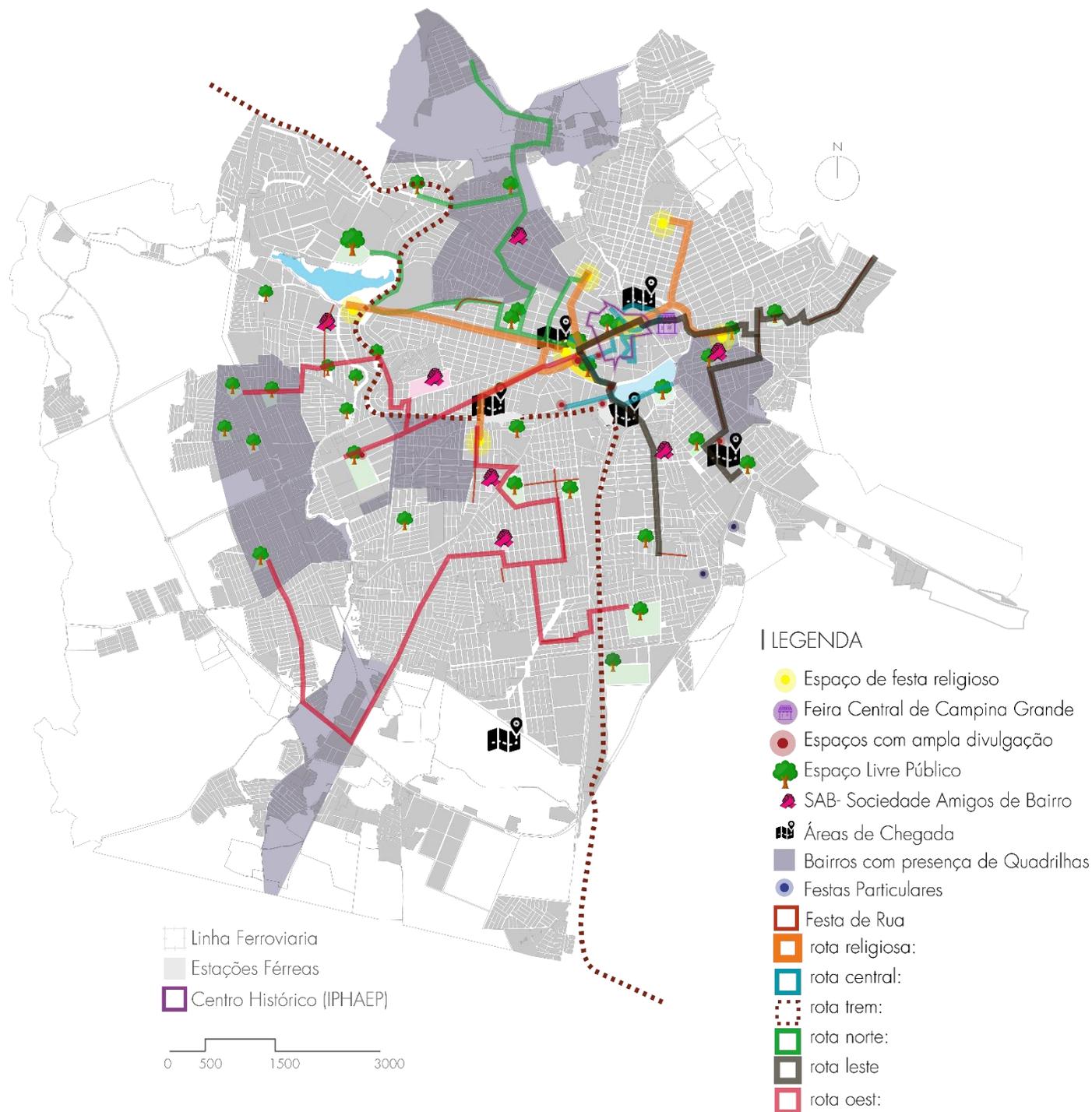


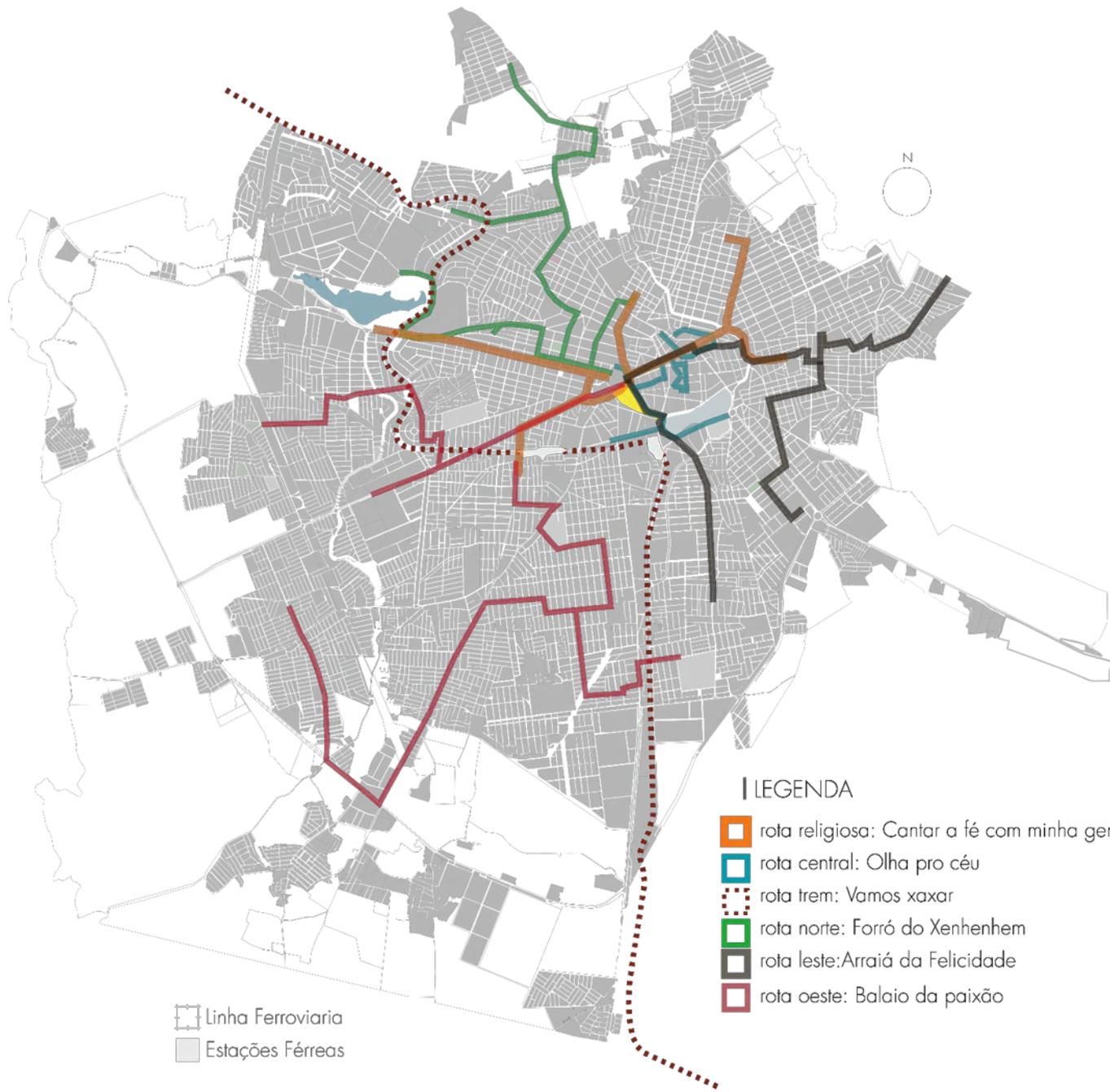
Mapa 11- Associação Megaeventos + Espaços Livres + SAB + Eixo Viário  
 Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)



Mapa 12. Estudo dos circuitos  
 Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)

Mapa 12.1. Estudo dos circuitos  
Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)





LEGENDA

-  rota religiosa: Cantar a fé com minha gente
-  rota central: Olha pro céu
-  rota trem: Vamos xaxar
-  rota norte: Forró do Xenhenhem
-  rota leste: Arraiá da Felicidade
-  rota oeste: Balaio da paixão

 Linha Ferroviaria  
 Estações Férreas

0 500 1500 3000

Mapa 13 Circuitos Juninos  
 Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)

## (i) Rota religiosa: Cantar a fé com minha gente

Inspirado no álbum *Canção de fé* (1972) da rainha do forró e do xaxado, Marinês, por contemplar os espaços onde se vivencia os festejos em homenagem aos santos junino: Santo Antônio, São João e São Pedro.

### Espaços de chegada:

1 Catedral de Nossa Senhora da Conceição

2 Cantinho da Benção

3 Igreja de São Pedro

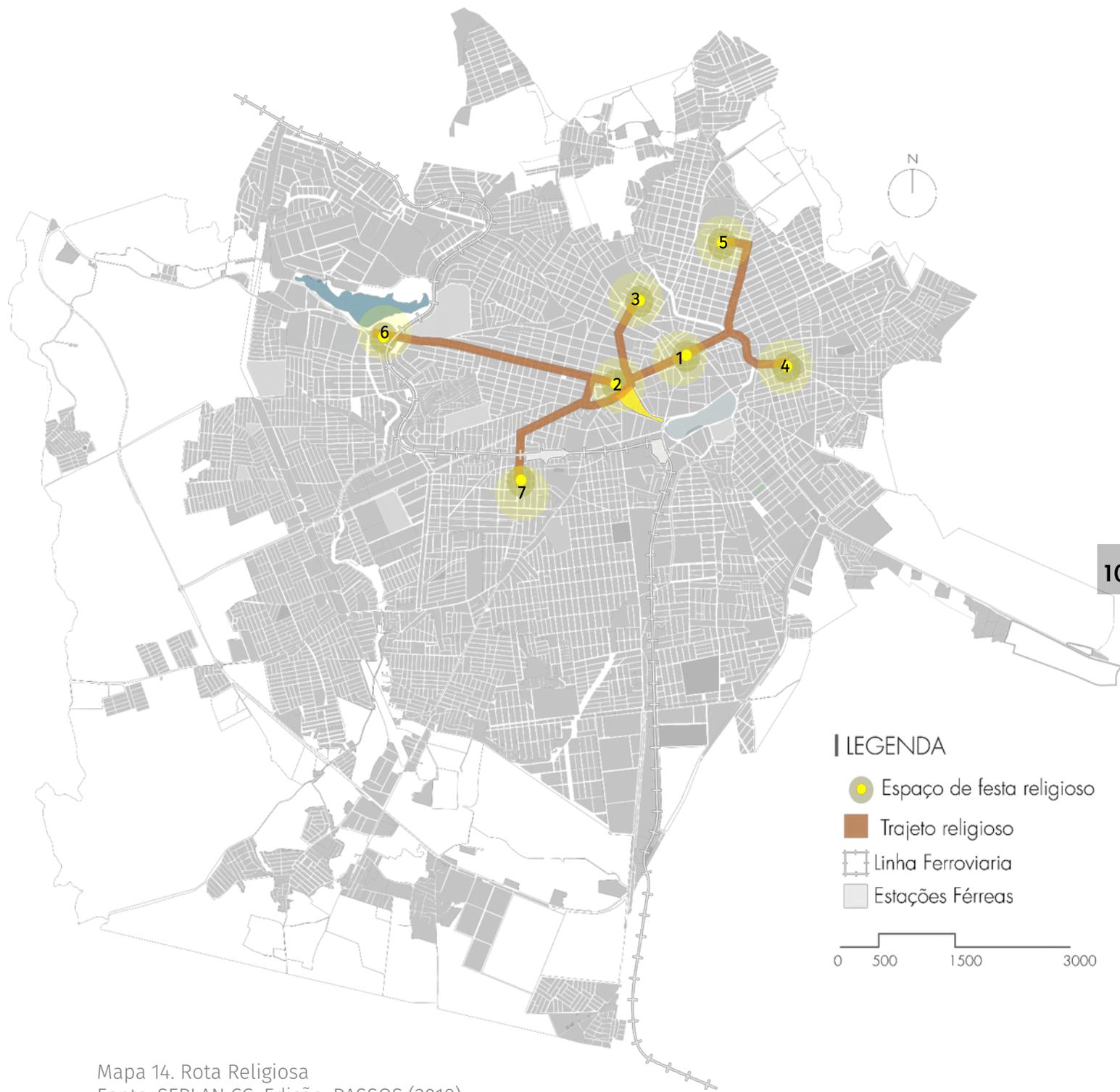
4 Paróquia de Santo Antônio

5 Matriz de São João Maria Vianney

6 Comunidade São Pedro

7 Comunidade São João Batista





Mapa 14. Rota Religiosa  
Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)

## **(ii) Rota central: Olha pro céu**

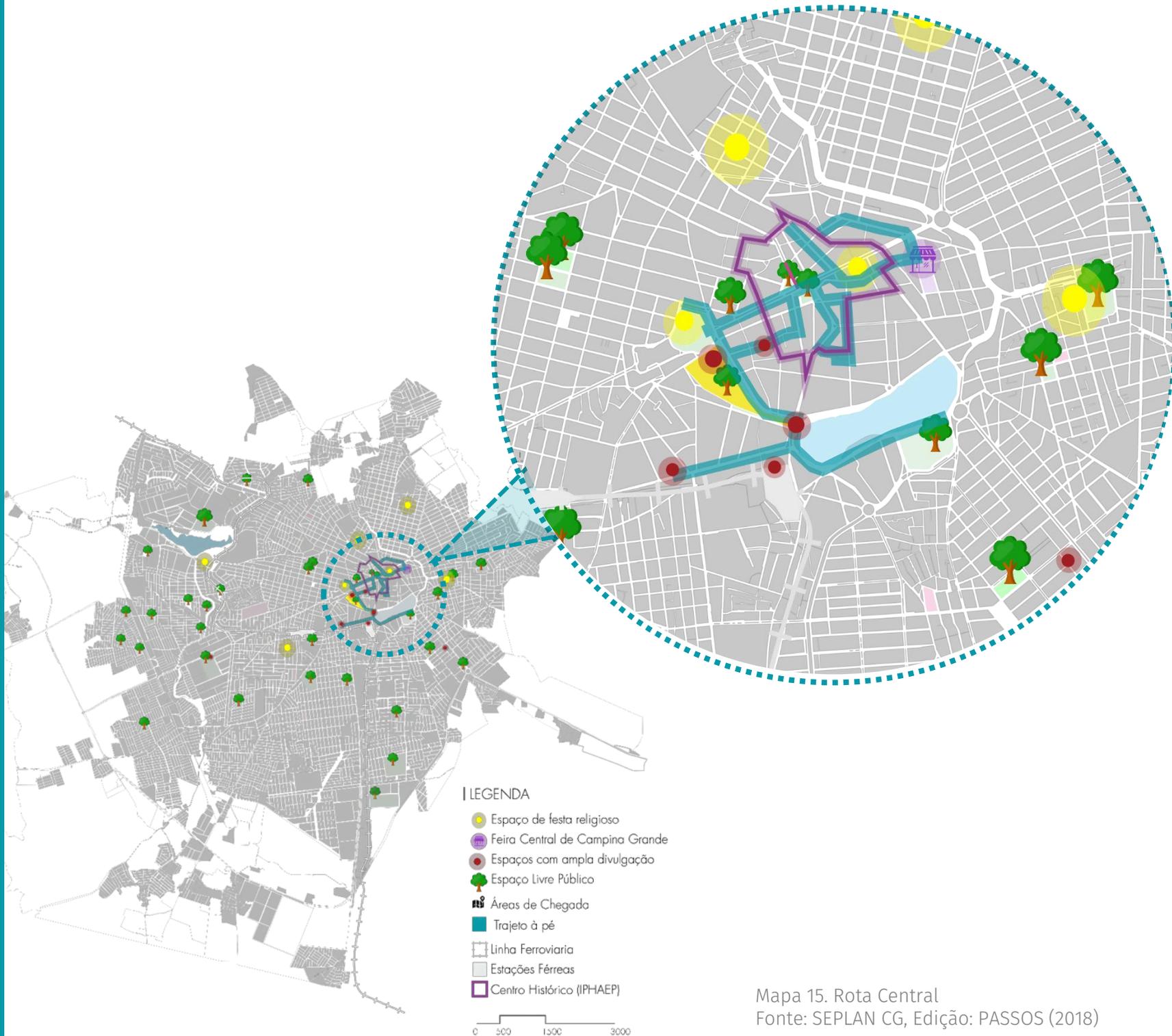
**1**

Esse trecho recebe nome em inspiração à famosa música da cantora Elba Ramalho, “Olha pro céu”, tradicionalmente cantada a cada abertura desse período junino, como também embala diversas quadrilhas pela cidade.

**2**

Essa rota tem como objetivo, promover um passeio pelas ruas que deram origem a cidade de Campina Grande, lembrando muito dos primeiros espaços dos festejos na cidade, além de incluir a Feira Central, como nosso Patrimônio Cultural, também é palco para manifestações como cordelistas e a culinária típica da época. E ao percorrer essas ruas é possível viver os tantos edifícios que possuem parte em nossa história e são replicados no Parque do Povo





### **(iii) Rota do trem: Vamos Xaxa**

1

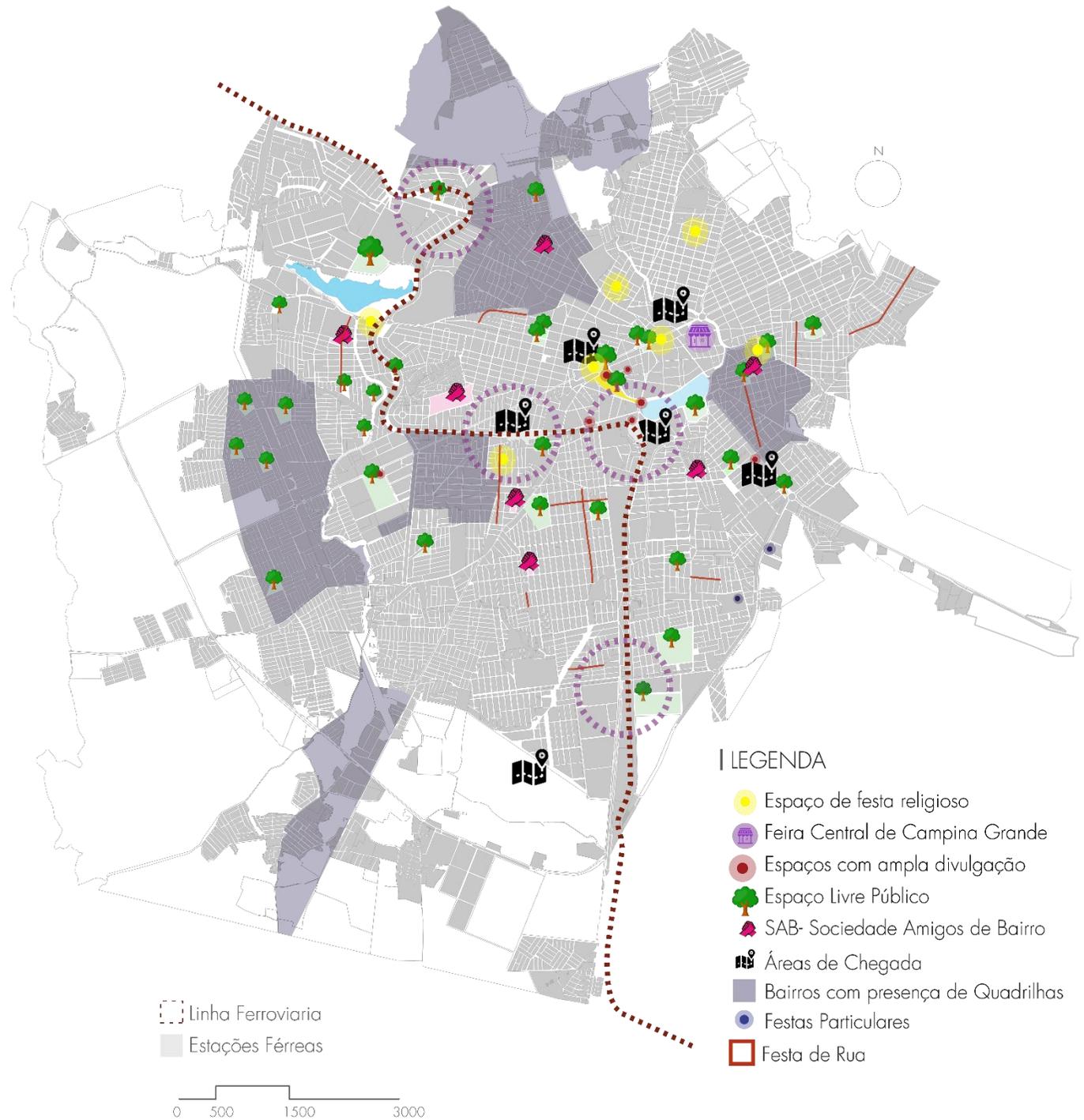
Esse trecho recebe nome em inspiração rainha do forró e do xaxado que em 1957 lançou o álbum “Vamos xaxar”, lembrando os diversos estilos de danças típico dos período junino, como o forró pé de será, o xaxado, até mesmo o forró estilizado dos dias de hoje.

2

Essa rota tem como objetivo, promover um passeio pelos trilhos da cidade, mas de forma distinta ao já existente “Trem do Forró”. Com um passeio por dentro da grande Campina Grande, o intuito é percorrer as estações de trem, com 4 paradas estratégicas para contemplação das quadrilhas nos pátios ferroviários , além de incentivar outros atores da cultura, com passeios ao som de trios de forró, cordelistas, entre outros.



Mapa 16. Rota Trem  
Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)



## (iv) Rota do norte: Forró do Xenhenhêm

1

Esse trecho recebe nome em inspiração à famosa música da cantora Elba Ramalho, “Forro de Xenhenhêm”, relembrando os diversos estilos de danças típico dos período junino, como o forró pé de será, o xaxado, até mesmo o forró estilizado dos dias de hoje.

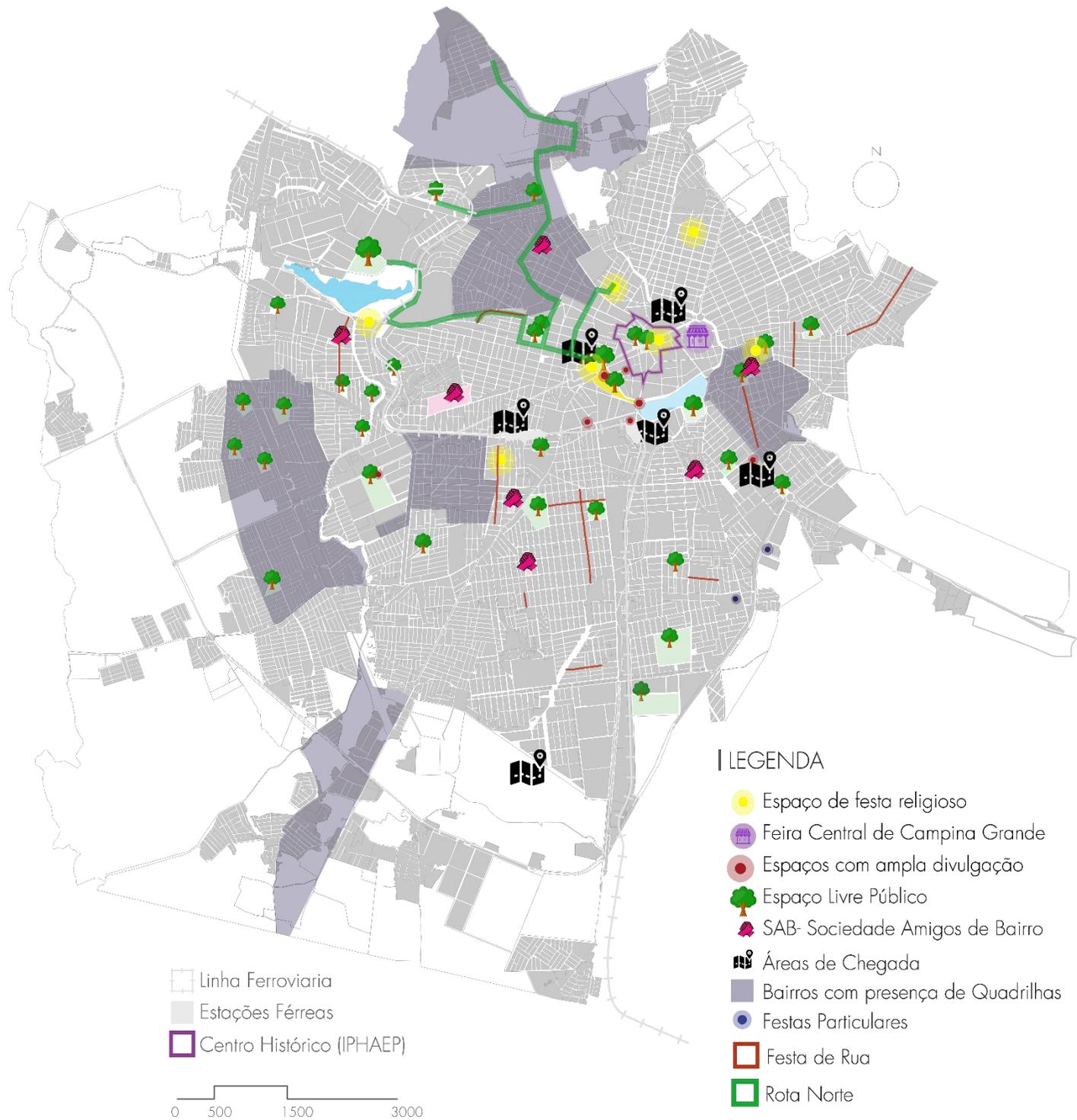
2

Essa rota tem como objetivo, promover a divulgação de algumas quadrilhas estilizadas, como “Arraial em Paris”, “Trilha Junina”, “Filhos de Campina”, “Rojão do forró”, “Mistura Gostosa”, “escorrega mas num cai”, pontuando os espaços livres existentes na área, para que possam servir de palco para essas apresentações e inclui o Arraiá da Volta, que acontece na Rua Sargento Hermes Ferreira Ramos, no Bairro da Bela Vista, que é animado por trios de forró e apresentação de algumas quadrilhas tradicionais.



São João  
DE CAMPINA

Mapa 17. Rota norte  
Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)



## (v) Rota do Oeste: Balaio de Paixão

1

Esse trecho recebe nome em inspiração rainha do forró e do xaxado, Marinês que lança o álbum Balaio de Paixão em 1986

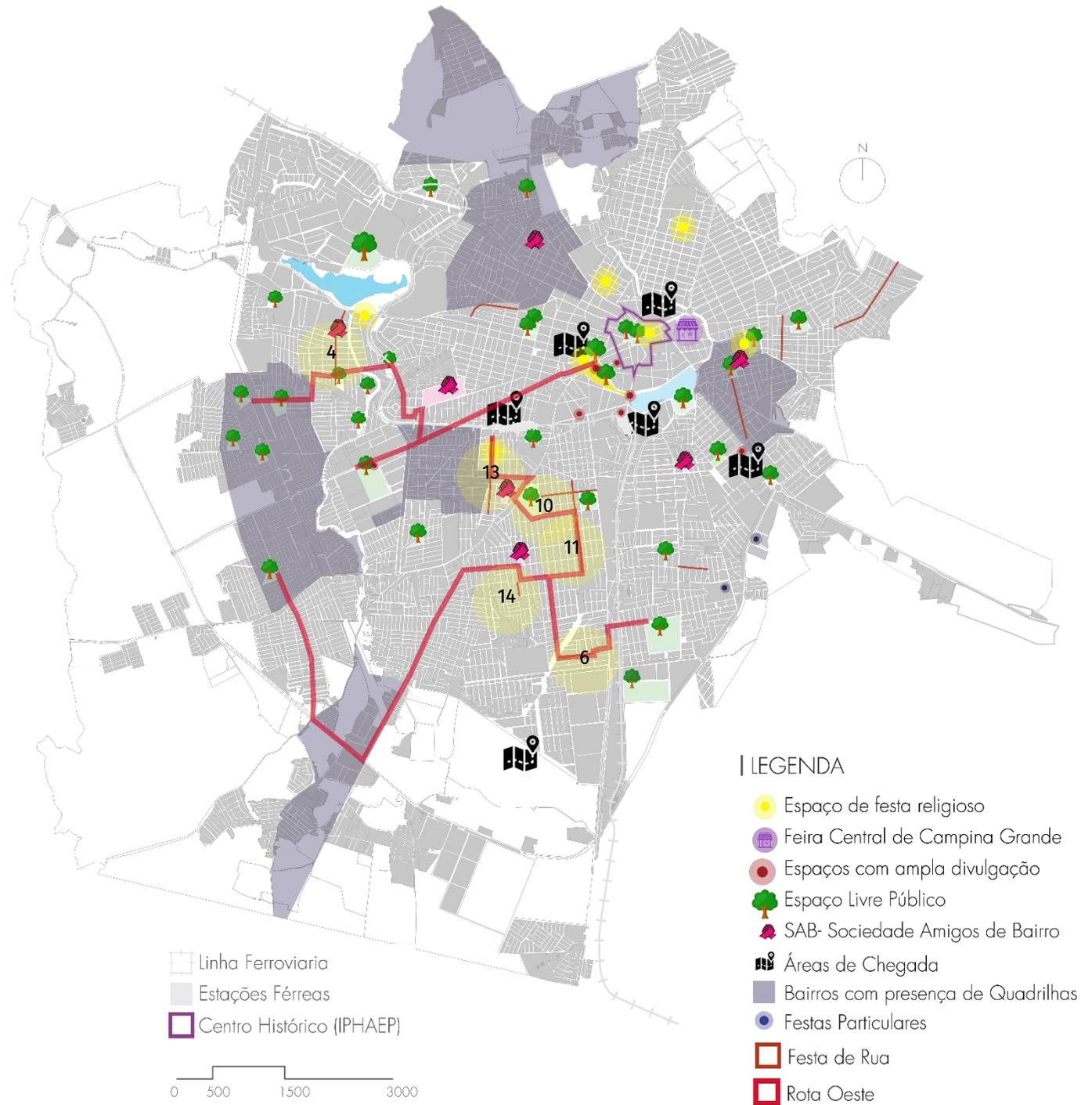
2

Nessa rota é possível vivenciar o São João com gostinho de antigamente, com diversos “palhoções” espalhados por algumas ruas, com muita comida típica, forró pé de serra e até eventos como corridas de jégue.

- 4. Rua Forípedes Coutinho (Bodocongó)
- 6. Rua Manoel Alves de Nascimento (Dinamérica)
- 11. Rua Santa Catarina (Liberdade)
- 13. Rua João Nunes Figueiredo (Quarenta)
- 14. Severino Muniz (Jardim Paulistano)



Mapa 18. Rota Oeste  
Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)



## **(vi) Rota do leste: Arraiá da Felicidade**

**1**

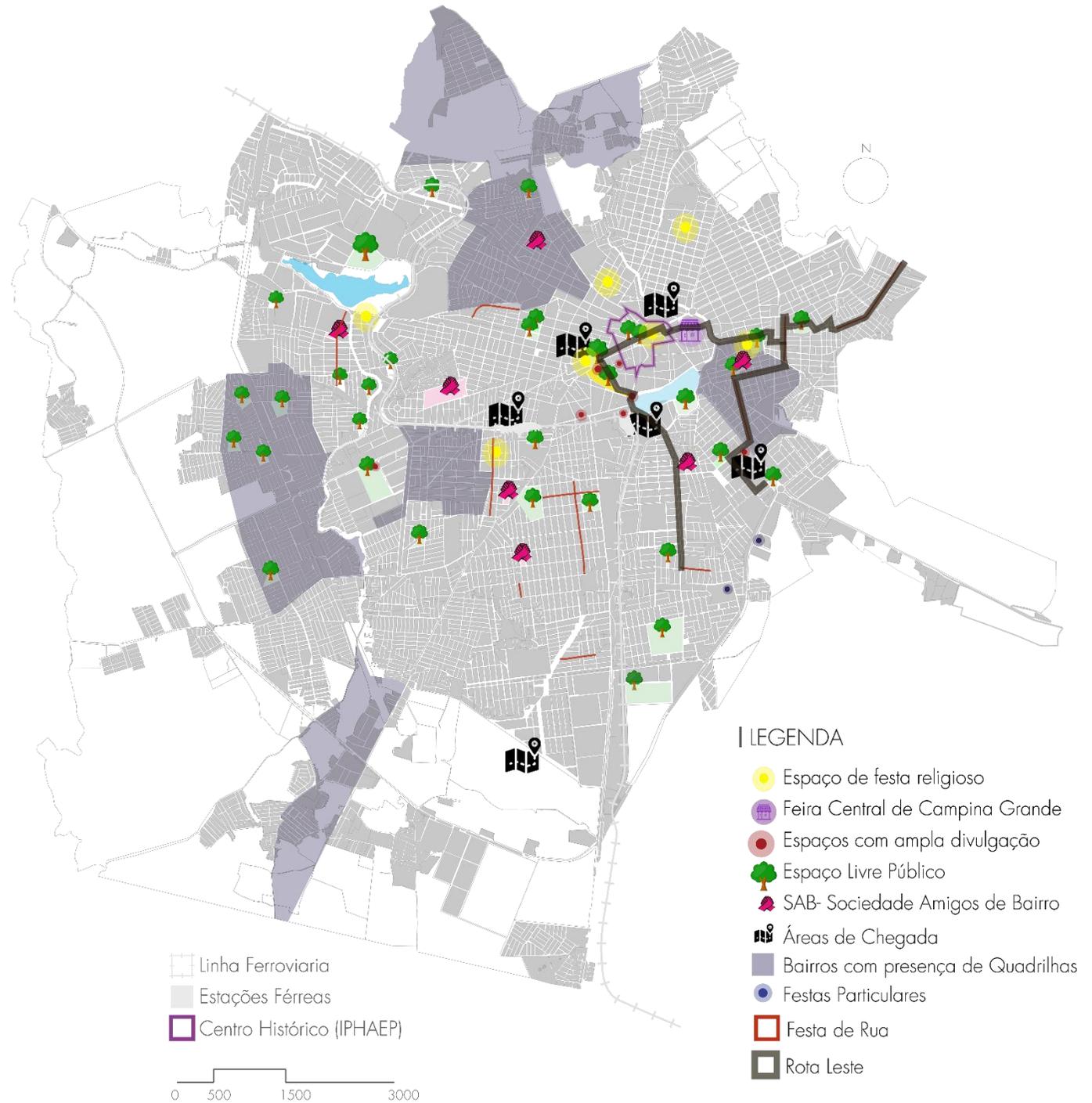
A rota ganha nome de uma das primeiras quadrilhas da cidade, a quadrilha infantil organizada por Dona Lenira no José Pinheiro, “Arraiá da Felicidade”.

**2**

Nesse percurso é possível provar um pouco de cada item do São João, contendo quadrilha de rua, festa pra Santo Antônio, passando por nossa Feira Central, Artesanato, entre outros, passando por alguns dos principais espaços livres e recreativos da cidade como o Parque da Criança, Açude Novo, Complexo Plínio Lemos e as praças centrais.



Mapa 19. Rota Leste  
Fonte: SEPLAN CG, Edição: PASSOS (2018)



## 6.2 . Recomendações

a determinação de circuitos culturais necessitam de alguns pré-requisitos, como possuir uma temática, via de circulação, regulamento, estabelecimentos de apoio, identidade visual (como placas, sinalizadores), mapas de orientação. Por isso seguem algumas medidas para efetivas esses requisitos.

**1**

### Comissão de gestão para articulação dos atores envolvidos

- Incorporação dos representantes de órgãos públicos municipais (de planejamento, desenvolvimento econômico e turismo, de educação e cultura, de transporte) com as associações comerciais, as associações comunitárias de bairro, os organizadores dos arraiais, a ASQUAJUCG (Associação de Quadrilhas juninas de Campina Grande), músicos locais, cordelistas, entre outros.

**2**

### Ações estruturais

- Adequação do desenho das vias de circulação, no intuito de prover melhor acessibilidade ao passeio.
- Melhorias em infraestrutura urbana (iluminação pública, mobiliário urbano, baterias de sanitários públicos, por exemplo)
- Intervenções físicas nos espaços públicos, podendo ser de cunhos efêmero ou permanente, facilitando a ocorrência das manifestações culturais
- Revitalização da linha férrea de Campina Grande.

3

### Ações de mobilidade

- Implantação de modais de transportes próprios para a vivência dos eventos
  - ✓ Bike Matuta: rede de aluguel de bicicletas, com estações de retirada e devolução espalhados pelos pontos de ocorrência de festejos.
  - ✓ Ônibus Matuto: sistema de locomoção para vencer as maiores distancias dos roteiros, com suas paradas em locais ou próximo aos locais de festa.
  - ✓ Trem Matuto: Passeio urbano com iniciativas de educação patrimonial e cultural com a temática junina e a cidade de Campina Grande

4

### Incentivos Culturais

- Programas de patrocínio aos músicos locais, quadrilheiros, artesões;
- Medidas educacionais, para ampla divulgação dos caracteres da cultura junina e da história da cidade

5

### Incentivos econômicos

- Ações de convite aos produtores locais (como restaurantes, bares, lanchonetes) em especial aos das localidades cerca aos roteiros, como garantia de alavanca econômica local.
- Ações de cunho publico- privada para a manutenção dos modais de acessibilidade e obtenção de recursos para revitalizações urbana necessárias.

6

### Identidade visual

- Demarcação das vias de circulação dos roteiros com placas,. Totens, elementos decorativos de temática junina, etc.
- Aplicativos para facilitar a obtenção de informações como mapas, programações, histórias, valores, etc.

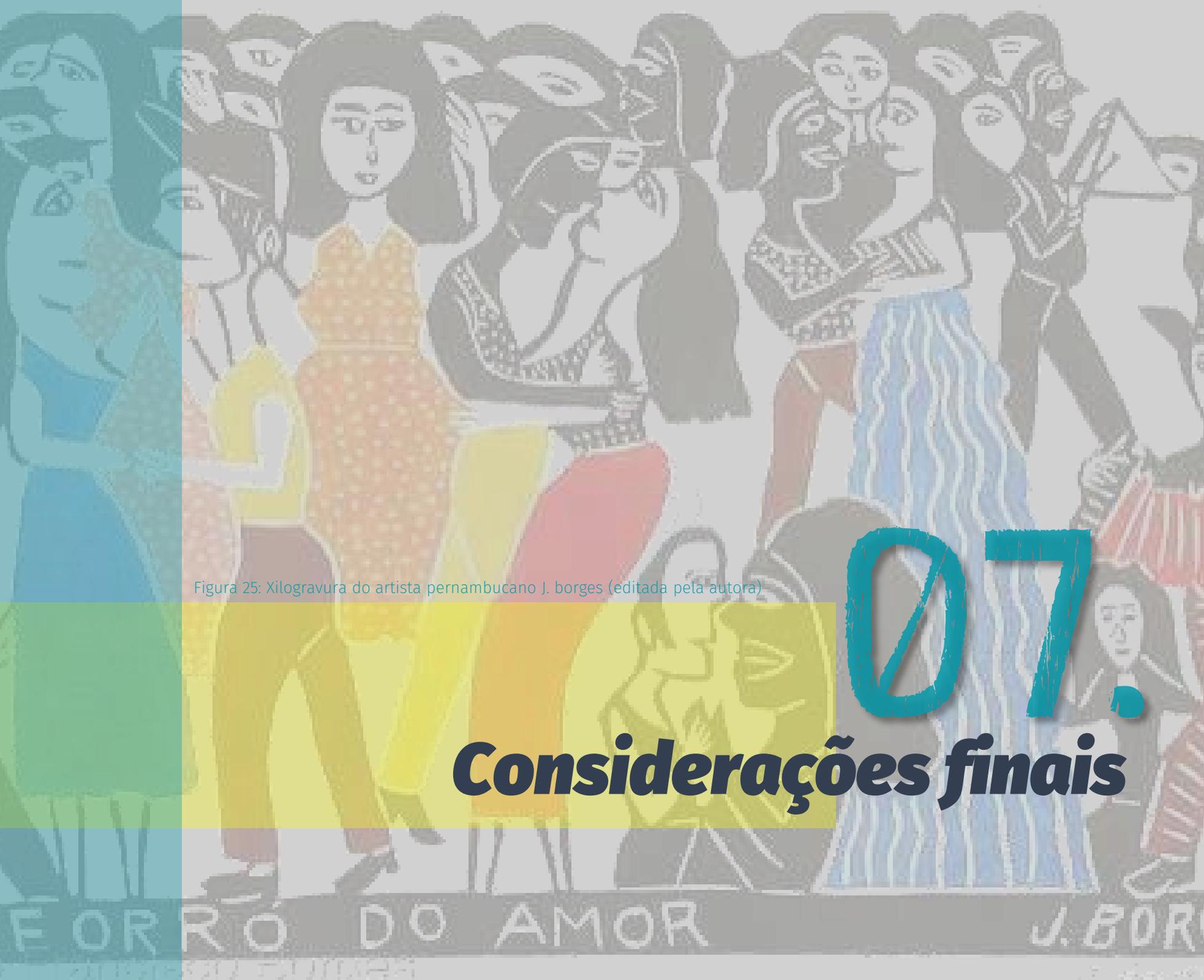


Figura 25: Xilogravura do artista pernambucano J. borges (editada pela autora)

07.

## ***Considerações finais***

FORO DO AMOR

J. BORGES

## 07. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a identificação e levantamento dos espaços de festa na cidade de Campina Grande, PB de forma ampla, é possível sim denominar os festejos juninos como o “Maior São João do Mundo”, mas não só pela magnitude dos eventos que ocorrem em espaços consagrados como o Parque do Povo.

Mesmo não recebendo a mesma atenção destinada aos eventos ocorridos nos locais mais prestigiados por parte da mídia, a festa resiste e acontece também no meio da rua. Com a brasa da fogueira queimando o milho assado, as famílias invadem as ruas para celebrar com cores vibrantes, muita alegria e forró pé de serra junto também com as quadrilhas por diversas ruas da cidade.

Apesar de muitos quadrilheiros que muitas vezes não possuem a menor estrutura para confeccionar seus figurinos, ensaiar e se apresentar antes e durante o período junino, ou até mesmo incentivo para dar continuidade à tradição como a exemplo da edição de 2017 da festa em que inicialmente a empresa destinada à projetar os espaços do Parque do Povo, excluiu as apresentações tradicionalmente ocorridas na Pirâmide.

Tradições como essas citadas, junto às celebrações em homenagem aos santos, às brincadeiras, corridas, e até mesmo o “bater botinhas” no Parque do Povo, constitui nosso patrimônio cultural, e como tal merece resistir, para que as gerações futuras tenham o direito de vivenciá-las.

Ao possibilitar que os outros também vivenciem essas tradições, é aberta a oportunidade de que essas manifestações se mantenham enquanto elemento de identidade cultural da cidade, do povo que aqui mora e visita, salvaguardando suas características não só no passado em meio à lembrança, mas da forma como as mesmas são vivenciadas.

Com relação ao consumo do patrimônio, Choay (2006) traz um alerta importante:

“A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum (...) Em nossa sociedade errante, constantemente transformada pela mobilidade e ubiquidade de seu presente, ‘patrimônio histórico’ tornou-se uma das palavras-chave da tribo midiática. Ela remete a uma instituição e uma mentalidade.” (CHOAY, 2006, p.11)

123

Mesmo que nosso patrimônio cultural, no caso em questão os festejos juninos, se constitua de todo o conjunto existente e relatado durante esse trabalho, a mídia se prende a valorizar apenas alguns pequenos eventos, a fim de explorar alguns pontos em favorecimento de uma pequena parcela da população, deixando esquecidas as características que fizeram do São João campinense o Maior do Mundo.

Diante dessas questões nasce à importância e necessidade de preservar nosso patrimônio histórico cultural, a fim de manter viva as características que formam a identidade de um local, seja na preservação dos traços arquitetônicos, seja nos traços imateriais ligados aos seus costumes e singularidades do produzir cultural.

Em meio à necessidade de preservar, existem diversas formas que possibilitam que se torne concreto, e uma das investidas em meio aos estudos e análises realizadas, é o ambiente urbano, palco dessas manifestações que se constitui como um dos fatores determinantes para preservação, ao mesmo tempo em que as tradições, como ações humanas, são elementos importantes para ativação desse mesmo ambiente.

Isso traz uma relação de coexistência, onde o espaço acolhe o usuário e ao se sentir acolhido, cria suas memórias individuais e plurais. Porém, cada atividade exige do espaço condições físicas, no caso em especial, seja a amplitude de um ambiente para planejar e dançar uma quadrilha, seja de um elemento de infraestrutura como: iluminação pública, pontos elétricos, mobiliário urbano e identidade visual (a exemplo da decoração junina) que colabora para que essa relação se efetive.

Apesar das manifestações culturais possuírem um cunho espontâneo, a sua periodicidade ao longo do tempo, nos permite prever e planejar seus pontos de ocupação, inclusive aquelas efêmeras, e influenciar no espaço urbano, principalmente no caso da festa que só em termos de título “Maior do Mundo” já possui em média cerca de 40 anos.

Diante disso, é de total importância à inclusão das manifestações culturais no planejamento urbano, com medidas que promovam melhorias aos espaços utilizados,

prevendo os investimentos públicos necessários nas mais variadas instâncias, como o incentivo ao produtor cultural, músicos, quadrilheiros, cordelistas, entre outros, como também de ações estruturais como a iluminação pública, aumento do policiamento, das equipes de saúde, de agentes de trânsito, etc..

A importância do planejamento interpretativo como ferramenta desse planejamento urbano é essencial quanto às medidas de salvaguardar o patrimônio. Com a identificação das dinâmicas, é possível atrelar as demandas estruturais que um megaevento suscita.

Com áreas melhor estruturadas é possível dispor ao usuário um maior acolhimento e assim fomentar nele o desejo de retornar e rememorar o vivenciado além de possibilitar a criação de novas memórias e costumes.

Diante das reflexões levantadas sobre a vivência e ocupação dos festejos juninos, em meio à necessidade de planejar o espaço urbano previamente para receber essa manifestação, é preciso entender que o objeto de planejamento reconhecido para o presente trabalho como o pátio do forró se estenda para além dos limites do Parque do Povo, contemplando a cidade como um todo.

O grande pátio do Maior São João do Mundo é a cidade de Campina Grande, com a união de suas ruas, parques, campinhos, associações de bairro, igrejas, ou seja, todo espaço que permita que o usuário viva o lúdico da cultura. Por sua tamanha amplitude, é necessário um novo caminhar, como num passo de quadrilha: - ANAVAN! Sempre em avant, em frente, em movimento com o corpo, afinal é com dois pra lá e dois pra cá que se dança um forró.



Fotografia 10. Apresentação de Quadrilha Junina no Bairro da Bela Vista 2018  
Fonte: PASSOS (2018)



Figura 26: Xilogravura do artista pernambucano J. borges (editada pela autora)

08.

# ***Referencias bibliográficas***

FORO DO AMOR

J. BORGES

## 08. REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE LIMA, Elizabeth Christina de, 1964- **A Fabrica de Sonhos: A invenção da festa Junina no espaço urbano/** Elizabeth Christina de Andrade Lima. 2ª ed.; Campina Grande, EDUFPG, 2008

ARAÚJO, Valéria de Fátima Chaves. **A Tematização do Espaço Público e a Economia Criativa Local: Estudo de caso a partir do "Maior São João do Mundo",** Em Campina Grande-PB.

BAUDRILLARD. Jean. **Simulacros e Simulações.** Editions Calilêe. Rainho & Neves, Lda/ Santa Maria da Feira. Lisboa, 1981

BRAYNER, Natália Guerra **Patrimônio cultural imaterial: para saber mais /** Natália Guerra Brayner. Brasília, DF: IPHAN, 2007. 32 p.: il. ; 26 cm. ISBN: 978-85-7334-064-8 1. Patrimônio Cultural. 2. Patrimônio Imaterial. I. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. II. Título. CDD – 363.69

BOITO, Camillo, **Os Restauradores,** Cotia, Ateliê, 2002;

CANEVACCI, Massimo. **A Cidade Polifônica : ensaio sobre a antropologia de comunicação urbana.** São Paulo: Studio Nobel, 1997.

CASTRIOTA, L. B. **Patrimônio cultural. Conceitos, políticas, instrumentos.** São Paulo: Anablume, 2009.

CHOAY, Françoise. **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

CULLEN, G. **Paisagem urbana**. São Paulo: Martins Fontes, 1983;

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. **Ver a cidade**. São Paulo: Nobel, 1988.

FERREIRA, Luís; AGUIAR, PINTO, Jorge Ricardo. Turismo Cultural, itinerários turísticos e impactos nos destinos. *CULTUR: Revista de Cultura e Turismo*, ISSN-e 1982-5838, Ano 6, Nº. 2, 2012, págs. 109-126

GRINOVER, Lucio. **A hospitalidade urbana: acessibilidade, legibilidade e identidade**. *Revista Hospitalidade*, São Paulo, ano III, n. 2, p. 29-50, 2. sem. 2006.

GODBOUT, Jacques. **Recevoir c'est Donner**. In: *Communication* 65. Paris: Du Seuil, 1997

GODBOUT, Jacques. **O espírito da dádiva**. Rio de Janeiro: FGV, 1999.

GOODEY, Brian. **Interpretação e comunidade local**. In: MURTA, Stela Maris & ALBANO, Celina (org.). **Interpretar o Patrimônio. Um Exercício do Olhar**. Belo Horizonte, Editora UFMG/ Território Brasilis, 2002.

ICOMOS. **Carta Turismo Cultural**. 1976

KÜHL, Beatriz Mugayar, **Preservação do Patrimônio Arquitetônico da Industrialização. Problemas teóricos de restauro**, Cotia, Ateliê/ FAPESP, 2009;

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio**. 1ª edição. São Paulo: Brasiliense, 1981. Machado. 3ª edição. São Paulo: Estação Liberdade- UNESP, 2006

LYNCH, K. *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

LIRA, Ana Carla Côrtes de. *Cidades Efêmeras – proposta de enfoque urbanístico no estudo da relação dos Mega Eventos de Rua com os espaços públicos. Estudo de caso da Festa de Nossa Senhora da Purificação, Santo Amaro (BA)*. Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia, Salvador/BA.

MARQUES, Jordania Alyne Santos. *As territorialidades da festa junina de Campina Grande-PB (2016-2017)*. Natal, 2018.

MENEZES, Paula Dutra Leão de. *A (re) invenção do cotidiano – a transformação de festas populares em evento turístico (estudo de caso do São João de Campina Grande)*. CULTUR: Revista de Cultura e Turismo, ISSN-e 1982-5838, Ano 6, Nº. 1, 2012, págs. 105-107

MURTA, Stela Maris. *Interpretação e valorização do patrimônio no planejamento urbano*. In MONTEIRO, Circe (org.). *Anais Seminário Interdisciplinar Cidade e produção do cotidiano*. Recife, 1995

NÓBREGA, Zulmira. *A festa do maior São João do mundo: dimensões culturais da festa junina na cidade de Campina Grande*. 2010.

OLIVEIRA, Thiago de Castro. *Carnaval de Salvador: o processo de camarotização como desdobramento da arquitetura afro- elétrico-empresarial*– Salvador, 2015.

PERDIGÃO, J. *Dos costumes ao espetáculo: a transformação da festa junina campinense em “o maior São João do mundo”*. Caderno Virtual de Turismo. Rio de Janeiro, v. 15, n.1. p.52-68, 2015.

PINHEIRO, Ana Elias. *Itinerários culturais: viajando pela História*. Mathesis, Viseu, n. 16, p. 217-22, 2007.

PISTORELLO, Daniela. *Ordenação do território e patrimônio: a questão dos itinerários culturais*. In: V Seminario Internacional de Investigación en Urbanismo, Barcelona-Buenos Aires, junio 2013. Departament d'Urbanisme i Ordenació del Territori. Universitat Politècnica de Catalunya, 2013. p. 1663-1675

PONTUAL, Virginia; AZEVEDO, Anna Elizabeth de; LIRA, Flaviana; MILFONT, Magna; CABRAL, Renata. **Desafio à Interface da Intervenção com a Conservação do Patrimônio Cultural: O caso do Istmo de Olinda e Recife- Brasil.** Centro de Estudos Avançados da Conservação Integrada. Textos para Discussão- Série 3- Identificação do Patrimônio Cultural. Olinda, 2007

RAYMOND, H. *Itineraire mental de l'urbain hospitalier.* In: *Communication*, 65. Paris: Du Seuil, 1997.

SILVA, Aline Batista da. **O maior São João do Mundo no Parque do Povo [manuscrito]: a segregação socioeconômica e seus vários territórios/** Aline Batista da Silva- 2016

SOUZA, Regina Prado Lima de. **O patrimônio edificado como mercadoria.** In; VARGAS, H., PAIVA, R. (org.) Turismo, arquitetura e cidade. Barueri, SP: Manole, 2016.

VARGAS, Heliana Comin; CASTILHO, Ana Luisa Howard de. **Intervenções em Centros Urbanos: objetivos, estratégias e resultados/** Heliana Comin Vargas, Ana Luisa Howard de Castilho. Barueri, SP: Manole, 2006

VIOLLET-LE-DUC, Eugène Emmanuel, **Restauração,** São Paulo, Ateliê, 2001.